

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS – UNIFAL/MG

JORDANO VIÇOSE

LATINIZAÇÃO LITÚRGICA E PEREGRINAÇÕES: a ascensão eclesiástica da
Igreja de Santiago de Compostela no decorrer do século XII

Alfenas/MG
2016

JORDANO VIÇOSE

LATINIZAÇÃO LITÚRGICA E PEREGRINAÇÕES:

a ascensão eclesiástica da Igreja de Santiago de Compostela no decorrer do século XII

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (PPGHI) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Ibérica. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Orientador: Prof. Dr. Adailson José Rui

Alfenas/MG
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Alfenas

Viçose, Jordano

Latinização litúrgica e Peregrinações: a ascensão eclesiástica da Igreja de Santiago de Compostela no decorrer do século XII / Jordano Viçose. -- Alfenas/MG, 2016.

118 f.

Orientador: Adailson José Rui

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, 2016.

Bibliografia.

1. Latinização. 2. Peregrinos e peregrinações. 3. Gelmírez, Diego.
4. Igreja - Santiago de Compostela (Espanha). 5. Historia eclesiastica - Sec. XII.. II. Título.

CDD-946

JORDANO VIÇOSE

**LATINIZAÇÃO LITÚRGICA E PEREGRINAÇÕES: a ascensão eclesiástica da
Igreja de Santiago de Compostela no decorrer do século XII**

A Banca Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação apresentada como
parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre em História Ibérica pela
Universidade Federal de Alfenas. Área de
concentração: Ensino e Pesquisa de
História Ibérica

Aprovado em: 07/07/2016

Prof. Dr. Adailson José Rui

Instituição: Universidade Federal de Alfenas

UNIFAL-MG

Assinatura:

Prof. Dr. Leandro Duarte Rust

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

UFMT-MT

Assinatura:

Profª. Dra. Fabiana de Oliveira

Instituição: Universidade Federal de Alfenas

UNIFAL-MG

Assinatura:

Profª. Dra. Adriana Vidotte

Instituição: Universidade Federal de Goiás

UFG-GO

Assinatura:

Profª. Dra. Marta Cendon Fernandez

Instituição: Universidade de Santiago de

Compostela USC-ESPANHA

Assinatura:

Dedico este trabalho as pessoas que depositam a sua confiança em minha capacidade, de maneira especial, aos meus amados pais.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela saúde e coragem que me deu até aqui.

À Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG que viabilizou a abertura do *Programa de Pós-Graduação em História Ibérica*, assim como a compra de diversos títulos que serviram sobremaneira as nossas pesquisas.

À FAPEMIG pela ajuda de custo fornecida na viagem feita à Espanha para participarmos do Congresso Internacional *Viageiros: do Antigo ao Novo Mundo* realizado na cidade de Compostela entre os dias 3 e 13 de junho de 2015.

Aos funcionários da Biblioteca Central pela gentileza e solicitude que sempre dispõe em nosso auxílio.

Ao professor Dr. Adailson José Rui que desde o primeiro instante da graduação se dispôs a incentivar e a moldar minhas ambições de pesquisa. Agora, durante o período do mestrado, não mediu, novamente, esforços em me orientar por maiores que eram suas responsabilidades na condição de coordenador do Programa. Agradecê-lo jamais será o suficiente por tudo que me instruiu e proporcionou, não obstante, prometo-lhe honrar os seus ensinamentos tornando-me, cada vez mais, uma pessoa melhor de maneira a transformar e beneficiar a quem está ao meu redor.

Aos professores do *Programa de Pós-Graduação em História Ibérica* da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG pelo compromisso intelectual que dispuseram em nossa formação. De maneira especial, ao professor Dr. André Luiz Sena Mariano sempre disposto nas leituras e correções ortográficas do nosso trabalho e também aos professores Gabriel Gerber Hornink e Luiz Eduardo da Silva que alteraram a nossa maneira de conceber as novas tecnologias da comunicação e informação no processo de ensino-aprendizagem. Não poderia deixar de também fazer menção ao Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski que com maestria ordenou as nossas ideias enquanto ainda melhor definíamos os nossos respectivos objetos de estudo.

Aos professores que integraram a banca de qualificação deste trabalho, Prof. Dr. Leandro Duarte Rust e a Prof^a. Dr^a. Fabiana de Oliveira. As sugestões provindas de suas análises do texto fizeram com que eu repensasse a minha postura enquanto pesquisador e enfrentasse o meu objeto de estudo de uma maneira mais amadurecida e crítica.

Aos colegas de mestrado, de forma especial, ao querido Gentil Candido da Silva com quem tanto “troquei ideias” e aprendi.

À Vilmar Júnior, aluno do curso de Sistemas da Informação da Faculdade Pitágoras (Unidade Linhares-ES) pelo apoio e suporte na construção do objeto de aprendizagem digital.

Aos meus estimados amigos, Afonso Libardi Filho e Carlos Felipe Reali, cuja amizade espero desfrutar durante toda a minha vida.

Aos meus padrinhos Edmar Ferrari e Solenir Barbino por terem acompanhado de perto a minha trajetória e fazerem questão de saber sobre minhas aspirações. Agradeço pelas nossas conversas acompanhadas sempre do desejo pelo meu sucesso.

Aos meus futuros sogros, Wilmar Antônio Ruberth dos Santos e Mirna Ciles de Oliveira Ruberth dos Santos pelo carinho e acolhimento sincero desde o primeiro momento.

Aos meus queridos tios: Marcos Antônio Xavier de Souza, Geraldo Rogério Viçose, Evandro Viçose e Robson Xavier de Souza, bem como a minha querida tia Jeani Xavier de Souza pela amizade e companheirismo durante esses anos.

Aos meus irmãos, Gabriel Viçose, Davi Viçose e Lavínia Viçose, pelo carinho e amor fraternal. Cada um de vocês tem um valor especial para a minha formação enquanto ser humano. Espero que somente o fim natural da vida nos separe, mas com a certeza de que nos reencontraremos.

À José Braz Viçose, meu amado pai, pelos valores morais a mim transmitidos desde a mais tenra infância. A educação respaldada pelo amor e pela empatia na qual me instruiu transformaram-me, creio eu, em uma boa pessoa. O apoio integral ofertado pelo senhor nos seis anos que morei em Alfenas foram fundamentais para que eu voltasse de lá mestre.

À Eliani Maria Xavier de Souza Viçose, minha amada mãe, pela ternura e compaixão a mim dedicada. O seu amor incondicional e seus pensamentos sempre auspiciosos lançados a minha pessoa fizeram me sentir seguro e protegido mesmo a mil quilômetros de distância. O seu apoio foi fundamental para que eu chegasse até aqui, espero poder lhe retribuir algum dia.

À minha doce vó (e segunda mãe), Maria de Fátima Xavier de Souza que cuidou de mim desde pequeno e nunca hesitou em me ajudar. A senhora é a responsável por grande parte do que sou. Jamais esquecerei o que fez e faz por mim. Obrigado por ter me apoiado e, prontamente, ter ido comigo de Linhares a Alfenas em março de 2010. Volto de lá com dois grandes sonhos realizados.

Aos meus avós, Júlio Braz Viçose e Diva Clara Dalmásio Viçose, pelo amor e carinho que sempre tiveram para comigo. Apesar das dificuldades enfrentadas hoje pela doença da minha vó, o senhor, vó, tem-se mostrado o companheiro e amigo tal como o foi desde quando se uniram em matrimônio. Julinho, a sua cumplicidade, sabedoria e lucidez me inspiram. Desejo, sinceramente, seguir os seus passos. Uma vida íntegra, honesta e racional.

À minha namorada Rhaísa Lara Oliveira Ruberth dos Santos, pelo amor e compreensão nesses anos distantes um do outro. A certeza do seu afeto me trouxe segurança e fortalecimento diante das situações adversas. Espero retribuir sua paciência e espera em uma vida bem longa juntos.

(...) con tantas preguntas sen respostas e tantas notas de incerteza, debemos confesa-la honesta perplexidade que anega ó historiador do século vinte segundo persegue a súa presa polas reviradas pasaxes, os inverosímiles corredores e as inesperadas saídas da historia. Mais pechar este libro con tantas dúbidas non é xusto para o seu protagonista. Diego Xelmírez sempre soubo a onde quería ir e como chegar. Se algo o define é a confianza en si mesmo.

(FLETCHER, 1993)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo central analisar a ascensão eclesiástica da Igreja de Santiago de Compostela na primeira metade do século XII. Tendo isto em vista, propomos como chaves-explicativas para tal processo, por um lado, a latinização litúrgica da sé compostelana e, por outro, as peregrinações ao sepulcro do apóstolo Tiago, além da política gelmiriana desenvolvida em prol da exaltação da igreja jacobéia. Como referencial teórico adotamos os ensinamentos da nova História Política para compreendermos as articulações e relações múltiplas de poder entre os diferentes agentes históricos envolvidos. Por meio da *Historia Compostelana* e do *Liber Santi Iacobi*, bem como dos materiais bibliográficos estudados acreditamos que a latinização litúrgica da Igreja de Santiago, somada as peregrinações a Compostela foram às principais causas, ao lado da política desenvolvida pelo bispo e posteriormente arcebispo, Diego Gelmírez (1101-1140), para o ganho de importância adquirido pela sé compostelana no século XII. Sendo assim, a documentação nos permitiu constatar as tensões, negociações e acordos envolvendo a ascensão eclesiástica da igreja de Compostela, além de nos possibilitar a construção do objeto de aprendizagem digital – *Em busca das relíquias* - que contribuiu para darmos formato digital e escolar aos dados obtidos na pesquisa atrelados ao furto das relíquias de Braga por meio de um jogo. Gelmírez entendeu que para alcançar dignidades que o distinguisse em solo ibérico necessitava construir uma rede extensa de homens que apoiassem suas pretensões (mesmo as mais indecorosas, como o foi o *pium latrocinium*) formada por cônegos de sua inteira confiança e por alianças com aristocratas locais, com a monarquia e com legados papais para que trabalhassem em seu favor na cúria pontifícia junto ao papa.

Palavras-chave: Latinização litúrgica. Peregrinações. Diego Gelmírez. Igreja de Santiago de Compostela. Século XII.

RESUMÉN

Esta tesis de maestría tiene como objetivo principal analizar la ascensión eclesiástica de la Iglesia de Santiago de Compostela, en la primera mitad del siglo XII. Con esto en mente, proponemos como claves-explicativas para tal proceso, por una parte, la latinización litúrgica de la sede compostelana y, en segundo lugar, las peregrinaciones a la tumba del apóstol Tiago, además de la política gelmiriana desarrollada en favor de la exaltación de la iglesia jacobea. Como marco teórico adoptamos las enseñanzas de la nueva Historia Política para comprender las articulaciones y múltiples relaciones de poder entre los diferentes actores históricos involucrados. A través de la *Historia Compostelana* y del *Liber Sancti Iacobi*, así como de los materiales bibliográficos estudiados creemos que la latinización litúrgica de la Iglesia de Santiago, sumadas a las peregrinaciones a Compostela fueron las principales causas, junto a la política desarrollada por el obispo y luego arzobispo, Diego Gelmírez (1101-1140), para el ganó de importancia adquirida por la sede compostelana en el siglo XII. Por lo tanto, la documentación nos permitió observar las tensiones, negociaciones y acuerdos que implican en la ascensión de la iglesia de Compostela, y nos permitirá construir el objeto de aprendizaje digital – *Em busca das reliquias* – lo que contribuyó a dar formato digital y didácticos a los datos logrados en la investigación vinculada con el robo de las reliquias de Braga por intermedio de un juego. Gelmírez ha entendido que para alcanzar dignidades que lo distinguiera en suelo ibérico, necesitaba construirse una red extensa de hombres que le apoyasen en sus demandas (incluso las más indecorosas, como fue el *pium latrocinium*) formada por los cánones de su completa confianza y alianzas con los aristócratas locales, con la monarquía y el legado papal para que trabajasen a su favor en la curia pontifical con el Papa.

Palabras clave: Latinización litúrgica. Peregrinaciones. Diego Gelmírez. Iglesia de Santiago de Compostela. Siglo XII.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Em busca das relíquias.....	95
Ilustração 2 – Em busca das relíquias.....	96
Ilustração 3 – Em busca das relíquias.....	96
Ilustração 4 – Download.....	101
Ilustração 5 – Download.....	101
Ilustração 6 – Download.....	102
Ilustração 7 – Download.....	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CN - Crónica Najerense
- CP - Crónica del obispo don Pelayo de Oviedo
- CPGE - Primera Crónica General de España
- FAPEMIG - Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais
- HC - Historia Compostelana
- LSI - Liber Sancti Iacobi
- OA - Objeto de aprendizagem
- PPGHI - Programa de Pós-Graduação em História Ibérica
- UNIFAL - Universidade Federal de Alfenas

SUMÁRIO

PARTE I

A POLÍTICA DE EXALTAÇÃO DO EPISCOPADO COMPOSTELANO

1 INTRODUÇÃO	15
2 DA INSUBORDINAÇÃO A INTERDEPENDÊNCIA: A LATINIZAÇÃO LITÚRGICA DA IGREJA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA	23
2.1 Da insubordinação: o olhar da <i>Historia Compostelana</i> sobre o período anterior a latinização litúrgica	23
2.2 “ <i>A la voluntad de los reyes se doblan los cuernos de las leyes</i> ”: a autoridade monárquica na latinização da liturgia	29
3 PEREGRINAÇÕES A SANTIAGO DE COMPOSTELA: A AFIRMAÇÃO DE UM BISPADO	40
3.1 Peregrinações no mundo medieval: o desenvolvimento do Caminho de Santiago	40
3.2 O furto das relíquias de Braga: a afirmação de um bispo	51
3.3 Os caminhos de Santiago e a latinização litúrgica.	56
4 DIEGO GELMÍREZ, FORÇAS LOCAIS E ROMA: A CONSOLIDAÇÃO DA IGREJA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA	62
4.1 Os antecedentes, a eleição e os primeiros tempos.....	62
4.2 Diego Gelmírez e a busca pelo arcebispado.....	72
4.3 Os tempos finais.....	81

PARTE II

OBJETO DE APRENDIZAGEM

5 ENSINO DIGITAL: O DESENVOLVIMENTO DO JOGO <i>EM BUSCA DAS RELÍQUIAS</i>.....	87
5.1 A dinâmica digital do mundo contemporâneo e o ensino de História.....	88
5.2 A criação de ambientes de aprendizagem digitais: a escolha pela autonomia do educando	92
5.3 Desenvolvimento do objeto de aprendizagem.....	94
5.4 Proposta de utilização do jogo	97
5.5 Link de acesso e instruções para baixar o jogo	98
6 MANUAL DO PROFESSOR: IDEIAS E POSSIBILIDADES.....	102
6.1 <i>Em busca das relíquias</i> : uma breve contextualização histórica	102
6.2 Objetivos do jogo	104

6.3 Materiais para consulta.....	104
6.4 Proposta de avaliação dos alunos.....	105
7 CONCLUSÃO.....	107
REFERÊNCIAS	112

PARTE I

**A POLÍTICA DE EXALTAÇÃO DO EPISCOPADO
COMPOSTELANO**

1 INTRODUÇÃO

A igreja de Compostela deve, em grande medida, a sua fama e o seu poder a um dos apóstolos de Jesus Cristo. Enviado, segundo a tradição hispânica, para evangelizar os confins da terra, Tiago, filho de Zebedeu e Salomé, e irmão de João, também discípulo de Cristo, foi o primeiro, entre os doze, a receber o martírio.¹ Tudo indica que nasceu em Betsaida, região da Galiléia e se dedicou, junto ao seu pai e seu irmão mais velho, a pesca até ser chamado por Cristo. A participação de Tiago em momentos centrais do cristianismo os quais envolveram episódios da vida do messias como o da transfiguração², da ressurreição da filha de Jairo³ e da Agonia no Getsêmani⁴ fez dele um dos discípulos mais queridos e próximos a Cristo, ao lado de Pedro e João.

Tiago, provavelmente, morreu em 44 d.C a mando do rei da Judéia, Herodes Agripa⁵ em uma das perseguições aos cristãos. O livro *Atos dos Apóstolos* narra a sua morte da seguinte maneira: “Nessa mesma ocasião o rei Herodes começou a tomar medidas visando a maltratar alguns membros da Igreja. Assim, mandou matar à espada Tiago, irmão de João”.⁶ Da morte de Tiago até a *revelatio* da sua tumba ao bispo de Iria, Teodomiro (? – 847), passaram-se cerca de oito séculos. No entanto, vestígios arqueológicos testemunham a existência de um culto primitivo “no sítio que depois seria conhecido como Santiago de Compostela”; é “possível que o lugar tivesse sido venerado desde tempos mais recuados” (FLETCHER, 1993, p. 78).

Isto está em consonância com as afirmações dos estudiosos “de que o topônimo *Compostela* deriva do latim tardio *componere*, ‘enterrar’, *compositum* > *compostum*, ‘enterramento’, com o sufixo diminutivo *-illa* > *-ela*, ‘cemiterinho’” (FLETCHER, 1993, p. 80). O medievalista R. A. Fletcher (1993, p. 81) admite que está “razoavelmente claro que em Compostela existia um cemitério sagrado primitivo e que este foi objeto de devoção pelo menos até os primeiros anos do sétimo século”. Além disso, descobriu-se que o culto a Santiago em *Hispania* remonta-se, ao menos, as primeiras décadas da sétima centúria, portanto, anterior ao descobrimento de suas

¹ Segundo o evangelho de Mateus, Jesus viu “Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, no barco com o pai Zebedeu, a consertar as redes. E os chamou. Eles, deixando imediatamente o barco e o pai, o seguiram”. Cf. Mt 4: 21-22.

² Mt 17: 1-9 ; Mc 9: 2-8 ; Lc 9: 28-36.

³ Mt 9: 18-26 ; Mc 5: 21-43 ; Lc 8: 40-56.

⁴ Mt 26: 36-37.

⁵ Reinou entre 41 e 44 d.C. O seu reino acabou por abranger a Judéia, a Iduméia, a Samaria, a Galiléia, a Peréia e outras regiões para o lado do Aurã. Cf. Bíblia de Jerusalém, p. 1839, nota: n.

⁶ At 12: 1-2.

reliquias; e que quando da entrada dos muçulmanos em território peninsular em 711, os cristãos que se dirigiram ao norte, mantiveram o seu culto.⁷

Seja como for, nos seis primeiros séculos da era cristã não temos nenhum indício da pregação e enterro de Tiago na *finis terrae*, sendo o *Breviarium Apostolorum* obra elaborada no século VII, provavelmente, o texto mais antigo a ressaltar a presença do Apóstolo na mais ocidental província romana. Notemos que se trata apenas de notificar a estadia de Tiago naquelas terras: sobre seu corpo, nada se diz precisamente. Teremos que aguardar até o século IX para encontrarmos notícias sobre suas relíquias. O monge Usuardo no seu *Martirologio*, finalizado em 865 após viagem feita a Península Ibérica, ressalta que “os seus sacratíssimos [do apóstolo Tiago] restos foram trasladados de Jerusalém a Hispania e enterrados nos seus confins remotos (*in ultimis finibus*); são reverenciados com a mais devota veneração (*celeberrima veneratione*) pela gente daquelas terras” (FLETCHER, 1993, p. 77).

No documento *Concordia de Altealtares*⁸ foi recolhido a narrativa do traslado das relíquias do apóstolo Tiago de Jerusalém à Galiza, logo após a sua morte. Além do mais, foi posto por escrito, pela primeira vez, o encontro da tumba do santo nos tempos do bispo Teodomiro e do rei Alfonso II (791-842). A *Historia Compostelana (HC)*⁹, obra elaborada por religiosos da Igreja de Santiago de Compostela, conserva a forma como foi recebido, no século XII, tal documento. De acordo com ela, após ser decapitado, Tiago, foi “jogado inteiro com a cabeça nos arredores da cidade [de Jerusalém], o deixaram a mercê dos cachorros, das aves e das feras para que fosse devorado e consumido” (HC, 1994, p. 67). A crônica ainda afirma que “os judeus, guiados por sua malevolência e inveja, não quiseram nem enterrar o venerável corpo do santo apóstolo nem permitiram aos cristãos que então viviam em Jerusalém que o enterrassem” (HC, 1994, p. 67). Entretanto, seus discípulos recolheram o corpo e atenderam ao pedido do apóstolo de ser enterrado na *Hispania*. De acordo com a HC:

⁷ Cf. FLETCHER, R. A. *A vida e o tempo de Diego Xelmírez*. Editorial Galaxia, S.A. 1993, p. 80 e 86.

⁸ Nesse documento, datado de 1077, firmou-se um acordo entre o então bispo de Compostela Diego Peláez e os monges de Altealtares para a doação de parte do seu monastério tendo em vista a construção da nova Igreja de Santiago.

⁹ Obra elaborada na primeira metade do século XII na cidade de Santiago de Compostela a pedido do bispo Diego Gelmírez. A *Historia Compostelana* é, fundamentalmente, uma biografia haja vista a preocupação dos seus autores em registrar a vida eclesiástico-política de Gelmírez a frente da Igreja jacobéa. A edição que fazemos uso foi publicada em 1994, pela historiadora espanhola Emma Falque Rey.

(...) durante la noche, según atestigua el papa León¹⁰, llegaron hasta la orilla del mar con paso apresurado y, al buscar allí un barco para hacer a viaje a Hispania, encontraron en la playa una nave que les había sido preparada por Dios, en la cual se hicieron a la mar llenos de gozo dando gracias a Dios de manera unánime tras embarcar el sacratísimo cuerpo, y después de evitar Escila y Caribdis¹¹ junto con las peligrosas Sirtes¹², siguiendo el rumbo de la mano del Señor, arribaron a bardo do afortunado navío primero al puerto de Iria y luego llevaron el venerable cuerpo al lugar que entonces se llamaba *Liberum donum* y que ahora se llama Compostela, donde lo sepultaron siguiendo el rito eclesiástico bajo unos arcos de mármol (HC, 1994, p. 67-8).

A *Historia Compostelana* justifica que o hiato existente entre o sepultamento do apóstolo Tiago e a revelação do seu sepulcro deveu-se às perseguições aos cristãos empreendidas pelos imperadores romanos e em seguida pela entrada e conquista de vastas porções territoriais da Península Ibérica pelos muçulmanos (HC, 1994, p. 68). Todavía, “quando ao onipotente Deus pareceu bem ajudar a sua igreja que sofria (...) levantou ali o nome e a fé de Cristo” (HC, 1994, p. 68). O encontro dos restos mortais de Tiago significou a reconciliação entre Deus e os hispânicos. A narrativa do encontro de suas relíquias é rica em intervenções divinas que visavam a, além de garantir a autenticidade de tamanho evento, atestar “a força da vontade divina que permitiu o acontecimento” (LÓPEZ ALSINA, 1988, p. 119). A HC relata a *revelatio* da seguinte maneira:

Unos hombres, personas de gran autoridad, refirieron al mencionado obispo [Teodomiro] que habían visto muchas veces unas luminarias que brillaban de noche en el bosque que, por el mucho tiempo transcurrido, había crecido sobre la tumba de Santiago, y que allí se les habían aparecido ángeles con frecuencia. Cuando escuchó esto, él mismo se dirigió al lugar donde aquéllos aseguraban que habían visto tales cosas, y efectivamente contempló con sus propios ojos las luminarias que brillaban allí. Inspirado, pues, por la divina gracia, se dirigió al referido bosquecillo y mirando alrededor con cuidado encontró entre los arbustos y malezas una pequeña casa que tenía dentro una tumba de mármol. Después de encontrarla, dando gracias a Dios, se dirigió en seguida a presencia del rey Alfonso el Casto¹³, que entonces reinaba en España, y le dio a conocer el asunto verazmente según había oído y visto con sus propios ojos; el rey en persona, henchido de gozo por tan gran noticia, con paso apresurado vino a estas regiones y restaurando a iglesia en honor de tan gran Apóstol

¹⁰ Não temos como precisar a qual dos papas chamado Leão foi atribuída a *Epistola Leonis Papae* elaborada no século X. Sobre o assunto ver: LÓPEZ ALSINA, Fernando. *La ciudad de Santiago de Compostela en la Edad Media*. 1988, p. 121-126 ; FLETCHER, Op. cit. p. 387-390.

¹¹ Dois monstros marinhos da mitologia grega.

¹² Trata-se de um perigo marinho.

¹³ Alfonso II de Astúrias (791-842).

trasladó el episcopado de la sede iriense al lugar que se llama Compostela, con la autoridad de muchos obispos, de los siervos de Dios y de nobles varones y con privilegio real. Hemos escuchado a muchos que lo cuentan que esto sucedió en tiempos de Carlomagno¹⁴ (HC, 1994, p. 70).

A pequena igreja construída sob o fomento do monarca asturiano, Alfonso II (791-842), deu lugar a outra no reinado de Alfonso III (866-910) com contornos de basílica e consagrada por dezessete bispos. Alfonso III, o grande, foi especial incentivador, ao lado do bispo de Iria, Sisnando (880-920), das peregrinações à Compostela. O apóstolo Tiago aparece como o seu protetor em cartas: “A intercessão de Santiago protege a Alfonso III de rebeldes e ajuda-o a alargar o seu reino. Santiago é o *patronus* do rei; promete-lhe ‘uma ampla recompensa’ (*remuneratio copiosa*) ao seu servente o rei; ele é o fator das vitórias contra os inimigos do rei” (FLETCHER, 1993, p. 93).¹⁵ Alfonso valeu-se da proteção de Santiago para o seu engrandecimento e em contrapartida tornou-se promotor do seu culto. O aumento do poder do rei em virtude do alargamento dos seus territórios foi concomitante à transformação de Tiago em um grande santo. Os primeiros anos do século X viram a tumba do apóstolo começar a se tornar local de peregrinação.

Santiago foi posto na condição de patrono da monarquia astur-leonesa. O favorecimento do culto prestado ao santo pelos círculos aristocráticos laicos e religiosos, fez com que a sua fama se estendesse por todo o mundo cristão. A crença de que no seu santuário se produziam milagres, punha as pessoas dos mais variados níveis sociais em marcha. Grosso modo, os clérigos até o século X advogavam que o único caminho para ir ao céu consistia na renúncia ao mundo e o ingresso em um mosteiro. Após o século X, os eclesiásticos incitam os laicos a seguirem no mundo, todavia renunciando aos prazeres terrenos e virando-se para as questões espirituais. Isto surtiu

¹⁴ Segundo a latinista Emma Falque Rey (HC, 1994, Libro I, p. 70, nota 47), valendo-se das contribuições do professor J. Campelo, “o que fez Alfonso II foi construir uma Igreja em Compostela para guardar o sepulcro do Apóstolo e servir de sede ao bispo, sem suprimir a sede de Iria. O traslado da sede de Iria para Compostela foi feito pelo papa Urbano II (...)” em 1095. A *Historia Compostelana* recolheu a carta enviada por Urbano II (1088-1099) a Dalmacio (1094-1096), bispo de Santiago, confirmando a transferência da cátedra e também atendia aos pedidos do bispo pela *isenção metropolitana* (HC, 1994, Libro I, cap. V, p. 81-2). A origem apostólica da igreja compostelana foi, frequentemente, utilizada e trazida à tona para justificar e legitimar as ambições eclesiásticas das suas lideranças no decorrer do tempo, como no caso envolvendo o rogo do bispo Dalmacio pela condição de sufragâneo de Roma.

¹⁵ Fernando López Alsina salienta que também “se invocava ao Apóstolo como patrono particular da jovem igreja asturiana, herdeira da visigótica”. Cf. LÓPEZ ALSINA, Op. cit. p. 119.

efeito singular nas peregrinações, alcançando entre os anos 950 e 1150 o seu auge de popularidade.¹⁶

Os motivos do peregrinar eram os mais variados, sendo a penitência ou a busca por um milagre, as causas mais frequentes contidas nos relatos. O poder da peregrinação era tamanho que possibilitava a anulação da falha cometida, apagava o pecado, como podemos constatar em uma narrativa que compõem os milagres de Santiago.¹⁷ No campo econômico, as peregrinações geraram uma fortuna fabulosa, com a qual pode contar o bispo Dom Diego Gelmírez (1001-1140) em suas jornadas, lançando ele e a Igreja de Santiago de Compostela em outro patamar da hierarquia eclesiástica.

Já é hora de tocarmos em outro tema consonante a esta pesquisa, pois, as peregrinações somadas à latinização do rito foram as chaves interpretativas que propomos para avaliar a ascensão eclesiástica da Igreja de Santiago de Compostela verificada na primeira metade do século XII.

Por latinização litúrgica entendemos a incorporação, em determinada liturgia local, dos ritos, práticas e costumes eclesiásticos romanos. O termo liturgia, segundo Ferguson (2009, p. 378), diz respeito à vida corporativa de adoração e louvor: música, oração, sacramentos¹⁸ e outros atos públicos de adoração, que exercem influência sobre as atitudes, ações e estilo de vida dos adoradores. A tentativa de uniformizar a liturgia cristã sob a vertente romana remonta ao período do rei franco Pepino, o breve (752-768). Segundo o *Libri Carolini*, “os francos manifestavam orgulho por sua especial vinculação a Roma por terem aceitado a liturgia romana como sua afim de ‘que os que estão unidos pela mesma fé entoem salmos da mesma maneira’” (MITRE FERNÁNDEZ, 2007, p. 68). O teólogo, Cyrille Vogel (1965 apud MITRE FERNÁNDEZ, 2007, p. 67-68) sustenta “que com Pepino, o breve, o mundo franco introduziu formas romanas não apenas enquanto canto, mas em todos os aspectos da liturgia”. O rito romano representava a ortodoxia litúrgica; a sua adoção pelos francos e o sucessor ímpeto, baixo o governo de Carlos Magno (768-814) de levá-lo ao restante da Cristandade, apenas foi freado, de acordo com Emilio Mitre Fernández (2007, p. 68), pela desagregação do Império Carolíngio.

¹⁶ VAUCHEZ, Andre. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental*. Séculos VIII ao XIII. Lisboa: Estampa, 1995.

¹⁷ Cf. *Liber Sancti Iacobi* ‘Codex Calixtinus’. MORALEJO et. Al. (org.) Reedição X. Carro Otero. Pontevedra: Xunta de Galicia, 1999, p. 340-1.

¹⁸ De acordo com a Igreja Católica Apostólica Romana, os sacramentos são sete: batismo, confirmação do batismo (ou crisma), confissão (ou penitência), eucaristia, ordem (sacerdotal), matrimônio e unção dos enfermos.

A leitura proposta é, notadamente, unilateral sugerindo Carlos Magno como bastião da Cristandade e o responsável pela coesão do Império cristão, ou da *societas christiana*.¹⁹ Sabemos das estreitas relações mantidas entre Carlos e o papa Leão III (795-816) que o sagrou *Imperatur Romanorum*, no entanto, a atomização da Europa provocada pela desestruturação do Império Romano englobava realidades múltiplas e diversas que escapavam a qualquer impulso unificador. A realidade era muito mais prosaica: uma multiplicidade de poderes regionais que competiam, lutavam, negociavam e acordavam entre si. Veremos isso, guardadas as especificidades e proporções de cada temporalidade, no processo de latinização litúrgica da Igreja de Santiago de Compostela, iniciada nas últimas duas décadas do século XI.

A pulverização dos poderes deve ser enaltecida em detrimento de qualquer tentativa de olhar centralizador e inflexível. Nesse sentido, nosso trabalho possuiu como referencial teórico o que se convencionou chamar entre os historiadores pós-1970 de *nova História Política*. Relegada a um papel secundário e desprestigiado na produção historiográfica entre as décadas de 1930 a 1960, a História Política ganhou novo fôlego e nova roupagem que a refizeram. Anteriormente, julgada pelo predomínio da descrição e da narrativa excessivamente oficial e diplomática, caracterizada pelas façanhas notáveis de personagens excepcionais, a nova História Política (hoje não tão nova assim) se reconstruiu dando novos entendimentos ao campo político e ampliando o conceito de poder, não o limitando às atuações das lideranças governamentais, todavia, abrindo espaços para a compreensão das relações estabelecidas entre os diferentes tipos de poder no interior da sociedade.²⁰

A nova História Política assume um conceito de poder múltiplo e amplo, o qual é estabelecido no tensionamento provocado pelas relações sociais entre os distintos atores dos mais variados níveis e meios da sociedade. Os caminhos que levaram à ascensão eclesiástica da igreja de Santiago, como perceberemos, tiveram como personagens uma extensa rede de colaboradores laicos e religiosos articulada por Diego Gelmírez. Esse bispo, que governou durante os primeiros quarenta anos do século XII a

¹⁹ Para uma discussão sobre a idéia de sociedade medieval e do conceito de *Ecclesia*, ver: MIATELLO, André Luis Pereira. O conceito de *ecclesia* e sua funcionalidade política. In: *Perspectivas de estudo em história medieval no Brasil* [recurso eletrônico] : anais do workshop realizado nos Dias 29 e 30 de setembro de 2011, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais / André Luís Pereira Miatello (coord.); Aléssio Alonso Alves, Felipe Augusto Ribeiro (orgs.).- Belo Horizonte : Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012, p. 212-225.

²⁰ Michel Foucault foi fundamental para o alargamento do conceito de poder. Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

sé compostelana, contou com o apoio desde os mais pobres que se colocavam em marcha na condição de peregrinos até o monárquico via benefícios e concessões.

Nossa dissertação dispõe de duas partes. A primeira delas, composta por três capítulos, trata-se do estudo histórico que realizamos sobre as alterações político-ecclesiásticas pelas quais passou a igreja de Santiago de Compostela nas décadas finais do século XI e nas décadas iniciais da centúria seguinte. Já na segunda parte, constituída por dois capítulos, tratamos sobre o objeto de aprendizagem – *Em busca das relíquias* – que igualmente compartilha dos resultados obtidos na pesquisa, no entanto, por meio da linguagem digital e direcionado ao público escolar.

No primeiro capítulo, da primeira parte, intitulado *Da insubordinação a interdependência: a latinização litúrgica da igreja de Santiago de Compostela*, realizamos um estudo sobre o afastamento e as rivalidades que moviam as relações entre a Igreja de Santiago de Compostela e a Igreja de Roma no período anterior ao processo de latinização litúrgica da primeira. No período que se segue a entrada do rito romano, sobretudo durante o bispado de Gelmírez, as relações sofrem uma reviravolta significativa beneficiando e atendendo aos interesses de ambas as sés.

No capítulo seguinte, *Peregrinações a Santiago de Compostela: a afirmação de um bispado*, analisamos a contribuição das peregrinações no ganho de importância da igreja de Compostela, principalmente após a construção do caminho terrestre ligando Roncesvalles a Compostela; o *iter francigenum* promoveu sobremaneira as peregrinações ao santuário jacobeu atraindo grandes quantidades de peregrinos. As rendas alcançadas em virtude dos deslocamentos humanos foram cabais para as pretensões gelmirianas de exaltação de sua sé.

No terceiro capítulo, *Diego Gelmírez, forças locais e Roma: a consolidação da Igreja de Santiago de Compostela*, investigamos o pontificado de Diego Gelmírez, isto é, os caminhos que seguiu e as articulações que estabeleceu para obter êxito em sua complexa política de valorização da igreja de Santiago. Foram cerca de quatro décadas de intensa atividade senhorial-episcopal que transformaram a sé compostelana e seu senhorio.

No capítulo quarto, da segunda parte, denominado, *Objeto de aprendizagem – Em busca das relíquias*, apresentamos e explicamos as nossas escolhas relacionadas ao objeto de aprendizagem desenvolvido. O nosso objeto – nomeado *Em busca das relíquias* – consiste em um jogo que partilha dos resultados da nossa pesquisa. Nele

damos interface virtual há um dos episódios mais curiosos do século XII galego: o furto de relíquias cometido por Diego Gelmírez no ano de 1102 na cidade de Braga.

No capítulo segundo, *Manual do Professor*, oferecemos informações e subsídios para municiar os docentes na utilização do jogo *Em busca das relíquias*. Tal iniciativa visa facilitar o encontro de textos e colaborar na preparação da aula na qual o professor for fazer uso do *game* de modo à melhor explorá-lo.

Escolhemos traduzir as citações, inferiores a três linhas, presentes no texto com o objetivo de tornar a leitura mais fluída. Já as citações superiores a três linhas, mantivemos na língua original do texto que tivemos acesso. Por entendermos que o espanhol arcaico é uma língua de compreensão mais difícil, oferecemos, como nota de rodapé, a nossa tradução.

Optamos por manter a grafia *Santiago* como no castelhano. O mesmo critério adotamos aos nomes de personagens e lugares. Na formatação do texto tomamos como referência o *Manual de Normalização para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos, Dissertações e Teses da UNIFAL-MG*.²¹

²¹ Manual de normalização para elaboração de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses da UNIFAL-MG / Sueli Leiko Takamatsu Goyatá... [et al.]. - Alfenas, 2006. 62 f.

2 DA INSUBORDINAÇÃO A INTERDEPENDÊNCIA: A LATINIZAÇÃO LITÚRGICA DA IGREJA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

(...) las sociedades medievais son sociedades eminentemente litúrgicas (...) (MITRE FERNÁNDEZ, 2007, p. 67).

As relações entre a Igreja de Santiago de Compostela e a Igreja de Roma não foram amistosas nos três primeiros quartéis do século XI. A desarticulação entre as duas sés era manifestada pelos costumes divergentes e pelos rituais próprios celebrados em grande parte da Península Ibérica no período anterior ao processo de latinização litúrgica iniciado em 1080. Nos anos subsequentes à implantação do rito romano em território ibérico, as relações assumiram o tom do respeito anteriormente questionado e requerido pela santa sé. A chancela papal consistia, para Compostela, em uma poderosa fonte de legitimação às suas pretensões eclesiásticas. A aproximação entre as duas Igrejas atendeu, indubitavelmente, a interesses recíprocos. A cúria pontifícia e a corte régia eram as instâncias nas quais o bispo de Santiago deveria atuar em benefício do alargamento do seu poder *senhorial-episcopal*.²²

1.1 Da insubordinação: o olhar da *Historia Compostelana* sobre o período anterior a latinização litúrgica

No concílio de Reims, em 1049, por arrogar-se o título de apóstolico, qualificação própria do pontífice romano, o bispo de Santiago de Compostela, Crescônio (1035-1066) foi excomungado pelo papa recém-eleito Leão IX (1049-1054).²³ Provavelmente o bispo compostelano levou em consideração o fato de sua igreja possuir as relíquias de um apóstolo de Jesus Cristo assim como havia em Roma, não cabendo, portanto, o estabelecimento de uma relação hierárquica entre as duas sés,

²² O poder do bispo de Santiago não se reduzia a questões de ordem estritamente religiosa. O exercício da sua autoridade era uma simbiose de funções senhoriais e episcopais; além de chefe imediato da religião cristã, seu poder exercia-se sobre homens e terras confiados a ele por intermédio da sua condição de governante do senhorio de Santiago. Para um aprofundamento sobre o conceito de poder *senhorial-episcopal*, ver: ALVARO, Bruno Gonçalves. As veredas da negociação: uma análise comparativa das relações entre os senhorios episcopais de Santiago de Compostela e Sigüenza com a monarquia castelhana-leonesa na primeira metade do século XII / Bruno Gonçalves Alvaro. – 2013. (Tese de doutorado).

²³ Cf. SILVA, Andréia Cristina Lopez Frazão. *Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval: um estudo comparado do Liber Santi Iacobi e das Vidas de Santos de Gonzalo de Berceo*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 39.

mas de igualdade.²⁴ Apesar do anátema, Crescônio não só permaneceu no governo da Igreja de Santiago, como também não deixou de valer-se do título de apostólico, isto é, a Igreja de Roma não conseguiu fazer cumprir o que ela determinou a princípio: o afastamento do bispo de Compostela das suas atividades pastorais.²⁵

O papado, palavra ainda carecedora de sentido no século XI, estava distante de ser o centro deliberativo inquestionável das comunidades cristãs.²⁶ O poder do papa longe de ser um fim em si mesmo exercia-se de forma descentrada, díspar e maleável. Caso queiramos enxergar uniformidade nas ações do aparelho administrativo papal, “consistência nos seus princípios, continuidade na sua orientação, a regularidade da rotina e o fluido impecável da maquinaria institucional” (FLETCHER, 1993, p. 238), estaremos querendo transportar para o século XII a mentalidade burocrática dos estados oriundos do século XIX.

A relação de rivalidade entre a Igreja de Santiago de Compostela e a Igreja de Roma, ancorada e fomentada pelos poderes e interesses locais, conotam o regionalismo que caracterizou o mundo medieval. Foquemos nosso olhar não em direção a um papado que ordena e é obedecido, mas na pluralidade dos poderes decisórios envolvidos. “Durante a primeira metade do século XI, o papado esteve inextricavelmente preso a um forte enraizamento político regional” (RUST, 2011, p. 152), impedindo-o de se relacionar de forma mais intensa com as distantes localidades do mundo ocidental cristão. Fletcher (1993, p. 296) destaca que “em finais do século X e princípios do XI a igreja de Galícia não tinha relações com papas (...)”. Agucemos o olhar para um primeiro caso de antagonismo envolvendo o bispo Compostelano Diego Gelmírez (1101-1140) e o papa Pascual II (1099-1118) quando aquele buscava a honra do arcebispado para a sua igreja e teve os seus desejos freados pelo segundo. O motivo de tal infortúnio, segundo a *Historia Compostelana*, era que

La iglesia romana temía, en efecto, que la iglesia compostelana, apoyada en tan gran apóstol y tras obtener los derechos de la dignidad eclesiástica, asumiera la cumbre y el privilegio del señorío entre las iglesias occidentales y, como la iglesia de Roma presidía y dominaba

²⁴ Segundo a tradição cristão-católica a igreja de Roma possui as relíquias de dois apóstolos de Cristo: Pedro e Paulo.

²⁵ Cf. LÓPEZ ALSINA, Fernando. Diego Gelmírez, las raíces del *Liber Santi Iacobi* y el código Calixtino. In: LÓPEZ ALSINA, Fernando; MONTEAGUDO, Fernando; VILLARES, Ramón; PERRÍN YZQUIERDO, Ramón (coord.). *O século de Xelmírez*. Santiago de Compostela: Consello de Cultura Galega, 2013, p. 304.

²⁶ RUST, Leandro Duarte. *Columnas de São Pedro: a política papal na Idade Média Central*. São Paulo: Annablume, 2011.

a las otras iglesias por causa de un apóstol, así también la iglesia de Compostela presidiese y dominase a las otras iglesias por causa de su apóstol (*HC*, 1994. p. 302).

Atentemo-nos, pois apesar do indeferimento papal ser já em tempos de Gelmírez, por conseguinte posterior aceitação do rito romano, as razões da negativa trazem à tona mágoas passadas. Não obstante, não é nossa intenção defender a argumentação endossada pelos elaboradores da *Compostelana* de que a Igreja de Roma possuía temor em relação às pretensões eclesiásticas de Compostela. Apesar de ser possível tal interpretação, nosso entendimento caminha na direção de perceber as divergências antecedentes a adesão da liturgia romana, pois o fundamento para não conceder a dignidade pedida por Gelmírez se sustentava, sobretudo na falta de obediência prestada pelos bispos de Compostela ao bispo de Roma.

O período de insubmissão é identificado pela *HC* aos tempos precedentes a latinização do rito. Podemos observar inclusive uma similitude com o papado dito reformador do período, pois a visão proposta pelos próprios agentes históricos era a de que a partir de 1049 a Igreja de Roma até então corrupta e decadente, por ser governada por mãos laicas, passou a ser purificada e reformada por Leão IX (1049-1054) e seus sucessores apontados pelo imperador teutônico. A mesma linha de raciocínio é fornecida pela *HC* ao retratar o período anterior à aprovação do rito romano como oficial, os clérigos de Compostela são chamados de “grosseiros” e “praticamente não estavam submetidos a nenhuma disciplina eclesiástica” (*HC*, 1994, p. 110).

Mesmo quando Gelmírez assume o governo da igreja de Santiago, os costumes hispânicos ainda se constituem um problema da ordem do dia. A orientação ultrapirenaica dos elaboradores da *HC* não lhes permitiu emitir juízo diferente sobre os clérigos de Santiago: “totalmente ignorantes dos ofícios eclesiásticos” (*HC*, 1994, p. 555) e sobre os seus costumes os comentários recriminadores foram: “(...) sem barba feita, as vestes descosturadas e variadas, os pés com calçados pontiagudos e coisas deste teor ao modo dos cavaleiros” (*HC*, 1994, p. 300). O *registrum* apresenta uma imagem negativa do período que antecede a latinização litúrgica, caracterizando-o como tempos de predomínio da rudeza e ignorância, principalmente, dos clérigos. Na passagem a seguir isto pode ser observado:

Y no es de admirar, siendo por aquel entonces casi toda España ruda e ignorante, pues ningún obispo de los hispanos rendía entonces algún servicio u obediencia a nuestra madre la santa iglesia romana. España

seguí la ley toledana, no la romana, pero después que Alfonso, rey de buena memoria, entregó a los hispanos la ley romana y las costumbres romanas, desde entonces, borradas por completo las tinieblas de la ignorancia, empezaron a desarrollarse entre los hispanos las fuerzas de la Santa Iglesia²⁷ (HC, 1994, p. 297).

A *HC* sendo uma obra oficial coordenada pelos olhos atentos de Gelmírez não poderia emitir juízos diferentes em relação ao período anterior a entrada da liturgia romana em território ibérico: Gelmírez tinha clareza dos benefícios que o papa poderia cancelar em seu favor. A aproximação entre a Igreja de Santiago e a Igreja de Roma tornou-se uma constante após a adesão à latinização da liturgia. Chama-nos a atenção ainda o protagonismo régio, sustentado pela *HC*, na alteração do rito. Assunto a que voltaremos.

As contrariedades se somavam. A Igreja de Roma não admitia a evangelização da Península Ibérica desde Jerusalém pelo apóstolo Tiago tampouco era ponto pacífico na cúria romana a presença dos restos mortais desse discípulo do Cristo em terras galegas. Gregório VII (1073-1085) em missiva enviada em 1073 “(...) reconhecia a obra evangelizadora de São Paulo em terras hispânicas e também a de seus sucessores os Sete Varões Apostólicos” (AYALA MARTÍNEZ, 2008, p. 311). A mensagem do papa era bastante clara: tratava-se de vincular a evangelização dos territórios ibéricos a Paulo, e não a Tiago. Retirar ou minimizar a importância desse último na pregação do evangelho em terras hispânicas feria, diretamente, o bispo compostelano, visto que comprometia um dos seus principais trunfos de poder: a origem apostólica da Igreja de Compostela.

Os desentendimentos e o distanciamento entre as igrejas ibéricas e Roma na primeira metade do século XI, excetuando as da Marca Hispânica, fizeram até mesmo o papa Alexandre II (1061-1073) temer um potencial “independentismo” que os reinos ibéricos poderiam alcançar com a *Reconquista*, levando-o a motivar os cristãos do outro lado dos Pirineus a também participarem de tal empreendimento (FLORI, 2003, p. 271).²⁸ Essa atitude demonstra o receio do pontífice com o pensamento unificador da

²⁷ Na *HC*, Libro I, cap. LXXI, p. 195, encontramos dizeres semelhantes: “(...) en la iglesia del referido Apóstol cultivó con el arado de la disciplina a los clérigos, que allí vivían como brutos animales, los adornó con la honestidad de costumbres, y sometidos al yugo del rigor les obligó a esforzarse en estudio escolar”. Encontramos, igualmente, em *HC*, Libro II, cap. III, p. 300, as seguintes informações: “(...) puesto que la iglesia de Santiago era en aquellos tiempos ruda y sin disciplina, se dedicó [Diego Gelmírez] a trasplantar allí [Santiago de Compostela] las costumbres de las iglesias de Francia.

²⁸ Processo iniciado no século XI que tinha como meta a recuperação, pelos cristãos, dos territórios ibéricos perdidos para o Islão. Para uma compreensão mais abrangente sobre a formação da concepção de cruzada, veja: FLORI, Jean. *La guerra santa: la formación de la idea de cruzada en el Occidente*

“*Reconquista*”, afinal seria uma união dos cristãos peninsulares e não de toda a Cristandade. É preciso salientar que outras preocupações também moviam a ação do papa, entre elas a pressão islâmica em Al-Andalus conduzida pelos almorávidas, pois caso ultrapassassem os limites territoriais do norte da Península Ibérica seriam uma ameaça eminente a Roma e aos demais reinos cristãos.²⁹

As disputas e negociações formavam a base dos confrontos enfrentados pela Igreja de Roma na sua busca para se tornar a cabeça das igrejas e o seu bispo a voz apostólica na terra a qual todos se curvavam. A latinização da liturgia se tornou importante elemento nesse contexto de uma Igreja romana não limitada à Península Itálica – sua inserção espacial –, mas, uma Igreja atuante que estendia a sua presença sobre todo o Ocidente. A *História Compostelana* é a principal fonte que temos disponível para o estudo das representações produzidas pelo período sobre a alteração litúrgica da Igreja de Santiago de Compostela. A crônica possui como principal característica a contemporaneidade dos autores aos feitos narrados. Os escritores da *HC* participaram, em grande medida, dos eventos que descreveram; a palavra história assume aqui o seu significado original: ver com os próprios olhos.

Além disso, o objetivo central dos elaboradores do *registrum* era o de construir uma história engrandecedora dos feitos do bispo e, posteriormente, arcebispo de Santiago, Diego Gelmírez. O livro II da *HC*, dedicado aos logros do arcebispado de Gelmírez, narra, entre outros acontecimentos, a maneira como o bispo conquistou a dignidade metropolitana para a sua sé. Na sua busca pelo título de metropolitano, o bispo foi interpelado pelo papa Pascual II com as seguintes palavras: “até agora a igreja Compostelana foi uma igreja soberba e arrogante conosco, até agora viu a igreja romana não como sua senhora, mas como igual e esteve ao seu serviço contra a sua vontade” (*HC*, 1994, p. 302). Os dizeres atribuídos pela crônica a Pascual II, novamente, repreenderam o comportamento dos bispos da Igreja de Santiago de Compostela, apontando para a soberba e arrogância deles. No entanto, na sequência o papa afirma: “todavia, posto que este bispo [Gelmírez] nos mostra tanta humildade e tanta submissão, já que a humildade tudo vence, se perseverar em sua humildade e em sua

cristiano. Madrid: Editorial Trotta, 2003. Já para uma análise do caso ibérico indicamos: VALDEÓN BARUQUE, Julio. *La Reconquista el concepto de España: unidad diversidad*. Madrid: Espasa-Calpe, 2006.

²⁹Ver: GARCIA FITZ, Francisco. *Relaciones Políticas y Guerra*. La experiencia castellano-leonesa frente al Islam. Siglos XI-XIII. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2002.

submissão, adiante poderá alcançar seu desejo com nosso consentimento” (*HC*, 1994, p. 302).

A *HC* deve ser interpretada como uma hagiografia de Gelmírez, seus elaboradores não pouparam esforços para apresentá-lo como balizador e definidor dos “vãos altos” dados pela Igreja de Santiago de Compostela na sua ascensão eclesiástica verificada na primeira metade do século XII. Dizendo isso não queremos afirmar que os escritores da *HC* criaram um quadro inexistente de tempestades anterior ao período de Gelmírez para depois glorificar os anos dourados com a sua subida ao trono de Tiago, todavia, é o de sustentar que as relações entre a Igreja de Santiago e a Igreja de Roma tiveram uma guinada no seu pontificado.

Tomemos outro relato da *Compostelana* que dessa vez notifica a presença de um legado papal na Galiza. Não sabemos o seu nome e nem a data precisa da sua estadia na *finis terrae*. De acordo com o *registrum*:

Quando veio a Galícia [legado], enviou à frente os seus mensageiros, segundo convinha, a Compostela para ver o bispo daquele lugar. Porém o bispo compostelano, após haver chamado a um dos tesoueiros da Igreja de Santiago: ‘Olhe – disse – aí está um cardeal da igreja romana. Lembra-te o quanto te obsequiou em Roma, na mesma medida o obsequie em Compostela. E o quanto o serviu a igreja romana, de igual maneira o sirva a igreja compostelana’ (*HC*, 1994, p. 297-8).³⁰

Giraldo, um dos autores da *HC*, ainda acrescenta que as palavras dirigidas ao representante do papa estavam carregadas de grande arrogância.³¹ Certamente, não escapa aos olhos a rispidez e o sentimento de vingança que estava imbuída a fala do bispo de Iria-Compostela. Fernando López Alsina (2011, p. 306) sugere que a causa do desafeto deveu-se à utilização do título de apostólico pelo bispo Crescônio. O cardeal romano foi mal recebido, pois assim também o teria sido o legado compostelano em sua viagem a corte papal para dar explicações a Leão IX dos argumentos que justificavam o uso daquela designação pelo bispo de Santiago. A vinda do legado papal, segundo a *HC*, tinha por objetivo ver “que ciência, que religião e que costume eclesiástico havia ali” (*HC*, 1994, p. 297). Seu propósito, provavelmente, era a introdução do *officium romanum* nas terras hispânicas que, de acordo com o papa Gregório VII (1073-1085), em virtude do pricilianismo, do arianismo e da intensa presença muçulmana a

³⁰ Relato semelhante pode ser encontrado em: *HC*, Libro I, cap. XVI, p. 102.

³¹ Cf. *HC*, 1994, Libro II, cap. II, p. 298.

verdadeira religião predicada pelos apóstolos havia se corrompido (AYALA MARTÍNEZ, 2008, p. 311).

Gregorio VII seguía cuestionando el estatuto apostólico de la sede compostelana, la predicación del apóstol Santiago en Occidente, la presencia de su cuerpo en Compostela y la vigencia de la liturgia hispánica y deseaba la plena integración de Hispania en una Cristiandad occidental, colocada bajo la plena jurisdicción pontificia y de sus legados apostólicos (LÓPEZ ALSINA, 2011, p. 307).

A visita do legado papal visava negociar a alteração da liturgia em solo ibérico, por consequência, com esses dados podemos afirmar que o período da sua legacia antecedeu a supressão do rito hispânico pelo monarca Alfonso VI (1072-1109) em 1080, após concílio celebrado em Burgos. Sabemos que naquela assembleia se fez presente o bispo compostelano Diego Peláez (1070-1088) e, segundo o medievalista Carlos de Ayala Martínez (2008, p. 312-3), era um dos bispos defensores da tradição hispânica e, portanto, desfavorável ao câmbio litúrgico. A *HC* nos dá poucas informações sobre Peláez, advertindo-nos apenas da sua prisão a mando do rei Alfonso, possivelmente, em 1087; levando-nos a acreditar na hipótese de que o seu aprisionamento, em alguma medida, esteve ligado a resistência mantida frente às “novidades” rituais romanas.³²

1.2 “*A la voluntad de los reyes se doblan los cuernos de las leyes*”: a autoridade monárquica na latinização da liturgia

Alfonso VI foi favorável à latinização da liturgia em seus reinos e as fontes hispânicas dos séculos XII e XIII foram categóricas ao atribuírem o protagonismo exercido pelo monarca tanto na adesão ao rito romano quanto na supressão do rito hispânico. Alfonso, de acordo com Rubio Sadia (2006, p. 20), tornou-se irredutível diante das pressões contrárias a alteração ritual, ele “estava disposto a impor sua vontade, passando por cima de qualquer resistência”. Uma das crônicas mais próximas

³² A *Historia Compostelana* sugere o motivo de sua prisão há um possível envolvimento de Peláez em um complô contra o rei Alfonso (*HC*, 1994, cap. II, p. 299). Já Montenegro, dá a entender que a prisão de Peláez e o seu despojamento da dignidade episcopal teve haver com a sua eleição feita por Sancho II, irmão mais velho de Alfonso VI (MONTENEGRO, 2008, p. 78). De forma geral a *HC* apresenta uma imagem negativa de Diego I acentuando que “vivió hasta tal punto entregado a las preocupaciones del mundo que no adapto, como era su deber, su vida interior a la norma del hábito eclesiástico” (*HC*, 1994, Libro I, cap. II, p. 77). Já o *Liber Santi Iacobi*, concede-lhe outra caracterização, reconhecendo-o como “esfozadísimo guerrero y generoso varón” (*LSI*, 1999, p. 570).

temporalmente do câmbio litúrgico é a *Crónica del obispo Don Pelayo de Oviedo* (doravante *CP*), escrita em princípios do século XII, nela temos sinais da posição preeminente assumida pelo rei Alfonso na introdução do rito romano em seus territórios. Segundo a *CP*:

Entonces el rey Alfonso envió rápidamente legados a Roma al papa Hildebrando, llamado Gregorio VII. Hizo, por tanto, esto porque quiso tener el rito romano en todo su reino. Así pues, el recordado papa envió a España a su cardenal Ricardo, abad de Marsella. El cual celebró un concilio en la ciudad de Burgos y confirmó el rito romano en todo el reino del rey Alfonso. En la era de 1076 (apud RUBIO SADIA, 2006, p. 13).

Notemos que o papa enviou seu cardeal às terras hispânicas somente depois de Alfonso ter enviado legados à santa sé. Ele age segundo a sua vontade. O rei desejava, segundo a *CP*, que o rito romano fosse implantado em todo seu reino, ficando-nos claro a atribuição de tal feito ao monarca. De acordo com a medievalista Adeline Rucquoi (2010, p. 122), Alfonso era herdeiro do modelo teodosiano da qual a tradição hispânica derivou, seu poder supremo era exercido “sobre seu reino, o *imperium*, e fazia dele *defensor fidei*, ou seja, o *pontifex maximus* da religião oficial”. O poder espiritual estava, nesse caso, submetido ao poder temporal. No que diz respeito a imposições provenientes de Roma nas fontes hispânicas, Rubio Sadia esclarece:

No hay mención alguna de presión por parte del pontífice romano, que se limita a confirmar la iniciativa real por medio de un legado. Este dato historiográfico está en consonancia con el espíritu europeísta de Alfonso, para quien la adopción del rito romano podía ser un factor de acercamiento y apertura hacia los demás reinos de la Cristiandad, al igual que la entrada de los monjes cluniacenses y de los peregrinos que recorrían el camino compostelano (RUBIO SADIA, 2006, p. 14).

Alfonso tinha por objetivo integrar a Península Ibérica ao Ocidente cristão. Até então considerada como um mundo a parte, o Caminho de Santiago, tornou-se uma das principais rotas pelas quais os contatos se estabeleceram entre a península e os demais reinos da Cristandade. Não prolongaremos tal assunto, pois dele trataremos no segundo capítulo desta dissertação.

A *HC* não entra em pormenores sobre a situação que se gerou, naquele momento, nos reinos de Alfonso VI devido à alteração do rito, constatando apenas que em tempos do bispo Diego Peláez “o rito toledano foi esquecido e foi aceito o rito

romano” (HC, 1994, p. 77). Cabe recordar que a cidade de Toledo ainda estava por ser conquistada do domínio muçulmano, feito ocorrido em 1085. Daí o porquê de chamar o rito hispânico de toledano ou moçárabe. Além do mais, para a Igreja de Santiago, relacionar o território toledano ao centro do moçarabismo era um trunfo importante a favor da sua causa: a primazia das Igrejas hispânicas. Toledo era a antiga capital do reino visigodo e por uma lógica histórica seria a capital dos reinos afonsinos e centro da religião cristã em território ibérico. Apesar das investidas feitas por Compostela, o bispo de Toledo acabou por receber o título de primaz enquanto a sede do apóstolo Tiago estava vacante.

Na *Crônica Najerense* (doravante *CN*), produzida na segunda metade do século XII, existem informações semelhantes às encontradas na *CP*, no entanto, além do trecho que se refere à adesão ao ofício romano nos reinos de Alfonso VI, encontram-se relatos de dois ordálios ocorridos na cidade de Burgos em 1077. Segundo a *Najerense*:

Así pues, el mencionado rey Alfonso³³, tras asumir el gobierno de los reinos, envía una embajada a Roma al papa Aldebrando, quien recibía el sobrenombre de Gregorio VII, para que implantara la celebración por rito romano en todo su reino. Entonces el papa se acordó de su cardenal Ricardo, abad marsellés, y lo envió a Hispania; éste celebró en la ciudad de Burgos un concilio de obispos y nobles y mandó que el oficio divino se celebrara según el rito romano en todo el reino del rey antes mencionado (apud RUBIO SADIA, 2006, p.17-8).

En la era 1115, el Domingo de Ramos [9 de abril de 1077], en Burgos lucharon dos caballeros, uno del rey Alfonso en defensa de la ley de Roma y el otro castellano, Lope Martínez de Matanza, en defensa de la ley de Toledo; y fue vencido el Caballero del rey. Además, mientras ellos estaban aún luchando, se encendió un gran fuego en medio de la plaza y se echaron en él los dos misales, el uno que contenía el oficio romano y el otro que contenía el oficio toledano, con esta condición: que se implantara el oficio del misal que saliera indemne del fuego. Pero como quiera que el toledano dio un gran salto fuera del fuego, al punto el rey, airado, lo devolvió al fuego de una patada diciendo: ‘A la voluntad de los reyes se doblan los cuernos de las leyes’ (apud RUBIO SADIA, 2006, p. 18).

A prática de ordálios havia sido proibida pelo papa Alexandre II em 1070, no entanto como nos apresenta a *CN*, sua execução conservava-se como qualificadora da vontade ou não de Deus diante da situação posta em dúvida, apesar de Alfonso ter se negado a aceitar os seus resultados. Na primeira situação o cavaleiro do rei e a favor do

³³ Alfonso VI, o bravo (1072-1109).

rito romano saiu derrotado e de maneira não menos desfavorável aos desígnios monárquicos, o missal toledano saiu ileso do fogo. Relato semelhante ao apresentado pela *Najerense* acerca dos juízos de Deus pode ser encontrado na *Primera Crónica General de España* (doravante *PCGE*) escrita cerca de um século depois. De acordo com ela:

Et fueron y luego dados dos caualleros escollechos que lo lidiassen, ell uno de parte del Rey por ell officio de França, ell otro de parte de la caualleria et del pueblo por ell officio de Toledo. Et assi como entraron estos dos caualleros en el cerco, el del Rey fue luego uençudo; et el pueblo fazie su alegría por que el cauallero dell officio de Toledo uenciera. [...] aquellos dos libros fueron puestos en la foguera; et el libro dell officio frances quexauase con el fuego et quieresse apegar a el, et el libro estonces dio salto sobre todas las llamas, et saliosse de la foguera ueyendolo todos; et alabaron a Dios por aquel miraglo tan grand que alli dennara mostrar; et el libro dell officio de Toledo finco en la foguera sin todo danno, de guisa que en ninguna cosa non le contanxo el fuego nin le fizo mal ninguno³⁴ (*PCGE*, 1955, p. 542-3).

A consagração das narrativas dos ordálios pode ser entendida como símbolo da resistência peninsular mantida frente à imposição da latinização da liturgia. Rubio Sadia (2006, p. 21) adverte-nos, para não “menosprezar essa narração. Atrás do material literário podemos perceber aspectos históricos da situação real que se gerou a raiz do mandato de Alfonso VI de importar uma liturgia estrangeira”. Rubio Sadia (2006, p. 19), ainda afirma não saber de qual fonte foi extraída o trecho referente aos juízos de Deus, já Julia Montenegro (2011, p. 73) sustenta que “o autor da *Najerense* se inspirou, direta ou indiretamente, em uma fonte extra-hispânica”, provavelmente a *Crónica Malleacense* para escrever seu relato. Segundo ela “(...) os juízos de Deus põe em manifesto, talvez de forma figurada, certa resistência nos reinos de Alfonso VI ao câmbio de rito; uma resistência que não aludem as fontes mais próximas aos acontecimentos, porém que sem dúvida existiu (...)”. No que se refere, particularmente, a *PCGE*, a primeira obra ibérica escrita em língua vulgar, isto é, não escrita em latim, vislumbramos que, além de selecionar a narrativa dos ordálios, os seus elaboradores

³⁴ Segue a nossa tradução: “E logo foram escolhidos os dois cavalheiros para que lutassem, um da parte do rei e pelo ofício de França, e outro da parte da cavalaria e do povo pelo ofício de Toledo. E assim como entraram esses dois cavalheiros no cerco, o do rei foi vencido. (...) aqueles livros foram colocados na fogueira; o livro do ofício francês começou a incendiar, quando isso aconteceu ele deu um salto sobre todas as chamas saindo da fogueira, e todos que viram isso louvaram a Deus por aquele milagre que ali se mostrou; e o livro do ofício de Toledo permaneceu na fogueira, porém sem nenhum dano” (*PCGE*, 1955, p. 542-3) .

mantiveram-na em sua essência com a finalidade, possivelmente, de conservar à posteridade o empenho mantido pelos peninsulares contra a supressão do rito local. A *Primera Crónica* caracteriza-se como a primeira tentativa textual de construir uma história da Península Ibérica. A elaboração de um passado comum já era entendida como base para dar conformidade a povos distintos.

Podemos identificar tanto a luta entre os cavaleiros, quanto o ato de lançar os missais de ambos os ofícios na fogueira, como sinais das resistências que parte da população mantinha frente à tentativa de extinção da liturgia hispânica. Como sustenta Ayala Martínez (2008, p. 316), importantes bispos, bem como monastérios, tornaram-se centros de resistência que laboravam pela tradição peninsular. Sendo os setores populares inflamados pelos clérigos adeptos ao rito hispânico para combaterem contra a alteração ritual, “ainda que este fenômeno não deva ser generalizado e nem exagerado” (RUBIO SADIA, 2006, p. 21).

A *PCGE* relatou as resistências contra a supressão da liturgia hispânica da seguinte forma:

Et ayuntaronse en dia puesto el rey et el primado [Bernardo] et el legado [Ricardo] et grand muchedumbre de la clerezia et del pueblo, et contendieron et departieron sobrello mucho, parandosse contra ellos la clerezia et la caualleria et el pueblo firmemiente que se non mudasse ell officio de Espanna el que essa ora era [...].³⁵ (*PCGE*, 1955, p. 542).

Apesar do posicionamento contrário vindo de diferentes grupos sociais, Alfonso VI estava disposto a levar a cabo a latinização da liturgia. Na *Primera Crónica* temos narrado o seu comportamento diante do milagre da fogueira. Segundo a obra:

Mas el rey don Alffonso, como era de grand coracon et porfioso et sigue lo que començara et que su uoluntat era, que los omnes non le podien desuiar ende, nin se espanto por aquel miraglo que allí contecie, nin se mouio por ruego quel fiziessen, nin se quiso dexar de lo que el querie; mas menazando de muerte a los que contrallassen, a los unos que los matarie, a los otros que los desfarie de toda su tierra, mando tomar ell officio de Francia et que usassen dell.³⁶ (*PCGE*, 1955, p. 543).

³⁵ Segue a nossa tradução: “E juntaram-se no dia marcado o rei, o primado [Bernardo] e o legado [Ricardo] e grande número de clérigos e de populares, juntos discutiam e deliberavam sobre muitas coisas, posicionaram-se de maneira contrária [a implantação do rito] o povo, os clérigos e a cavalaria para que não mudasse o ofício de Espanha” (*PCGE*, 1955, p. 542).

³⁶ Segue a nossa tradução: “Mas o rei Alfonso, como era de grande coração e obstinado seguiu o que começou e o que era da sua vontade, e os homens não podiam ir de contra ele, nem se espantou por aquele milagre que aconteceu, nem se moveu pelos pedidos que o fizeram, não desistiu daquilo que

O que estava por trás do desejo régio de implantar o rito romano? Legitimidade. Alfonso carecia de apoio para governar. Os seus primeiros anos como rei de Leão foram turbulentos e a morte de sua mãe, a rainha viúva Sancha I (1037-1067), revelou-se dramática: as relações entre ele e seu irmão mais velho Sancho II (1065-1072) culminaram com a morte do segundo. Fernando I (1035-1065) havia dado a Sancho, o governo de Castela, a Alfonso, o governo de Leão, e a García, o governo da Galiza, no entanto, insatisfeito com a divisão feita pelo pai após a convocação de uma Cúria Régia em 1063, Sancho iniciou sua luta pela reunificação dos reinos. Apesar de ter conseguido isso em 1072, poucos meses foram suficientes para o seu infortúnio, durante o cerco que havia imposto a cidade de Zamora, Sancho morre.³⁷

A latinização litúrgica da Península Ibérica encontrou em Alfonso VI seu principal interessado. A unidade das dioceses ibéricas representaria a unidade do seu reino. O monarca desejava ser o único rei das terras hispânicas e em decorrência julgava ser necessário o estabelecimento de uma única fé, sob um único rito. O apoio do bispo de Roma contribuiria para o fortalecimento do seu poder e o reconhecimento da sua hegemonia peninsular (AYALA MARTÍNEZ, 2008, p. 309). O papado era uma força importante para a legitimação de Alfonso, todavia, a recíproca também é válida. Naquele momento, Gregório VII vivia uma série de adversidades, em virtude dos cercos e campanhas comandadas contra ele por Henrique IV.

Os esforços direcionados pela monarquia visando ao apoio das dioceses peninsulares em prol da sua legitimação não foram menos desgastantes. Em tese doutoral, o medievalista Bruno Gonçalves Álvaro, faz um estudo comparativo entre as dioceses de Santiago de Compostela e Sigüenza no que se refere, sobretudo, à relação senhorial-episcopal entre estas e a monarquia castelhana-leonesa em finais do século XI e na primeira metade do século XII. Segundo Álvaro (2013, p. 7), as doações de senhorios se constituíram no principal meio pelo qual o monarca atuava para obter as bases da sua legitimação e, ao mesmo tempo, almejar a obediência dos episcopados. Foi elaborada uma complexa rede de vínculos para garantir o governo e a consequente manutenção do *statu quo* da monarquia (ÁLVARO, 2013, p. 7). Alfonso VI, foi apoiado

queria; mas ameaçando de morte aos que contrariassem, a uns mataria, a outros desfaria de suas terras, mandou tomar o ofício da França e que o usassem” (PCGE, 1955, p. 543).

³⁷ Cf. *Primera Crónica General de España*. MENENDEZ PIDAL, Ramón (ed.). Madrid: Gredos, 1955, p. 493-518.

por grande parte dos bispos dos territórios sob seu comando e estes também o favoreceram nas suas pretensões políticas entre as quais estava a latinização da liturgia.

No entanto, chama a atenção que, diferente das crônicas supracitadas, as cartas enviadas entre 1073 e 1077 por Gregório VII (1073-1085) a Alfonso, apresentam uma versão diferente: teria sido o papa o responsável por pressionar o rei a aderir ao rito romano. Além de não reconhecer a evangelização dos territórios ibéricos por Tiago, o pontífice romano “insistia sobre o princípio da união necessária de todos os fieis baixo a única autoridade da Igreja de Roma, união que se manifestava na adoção de um mesmo rito, o romano; os que se opunham a Igreja-mãe eram cismáticos, infiéis e hereges” (RUCQUOI, 2010, p. 106). Como já citado, o papa atribuía a frutificação da doutrina priscilianista e ariana, bem como a entrada dos muçulmanos em solo ibérico o desenvolvimento de práticas litúrgicas diferentes das praticadas em Roma. A ortodoxia ensinada pelos apóstolos havia sido contaminada por outros valores que deterioravam a verdadeira liturgia. Com essa tese, o papa “não descartava uma intervenção pessoal na Península com a qual implicitamente se retomava o tema de sua ‘reconquista pontifícia’” caso não houvesse a adesão ao rito romano (AYALA MARTÍNEZ, 2008, p. 317).

O tema *reconquista pontifícia*, também tratado em carta, alertou ao monarca “que o *regnum Hispanie* desde a antiguidade era propriedade da Igreja de Roma” e, portanto, deveriam vigorar os direitos de São Pedro sobre a península, cabendo a ele na condição de *rex* atender aos seus pedidos (AYALA MARTÍNEZ, 2008, p. 314).³⁸ O medievalista Gordo Molina (2008, p. 529), salienta que as pretensões do papa eram apenas “de ordem espiritual, Gregório VII buscou somente o reconhecimento geral de sua autoridade como possuidor do poder das chaves”. A latinização litúrgica do território ibérico era, extremamente, relevante para Roma, pois “a liturgia era muito mais que a forma de um rito, era a expressão da unidade e do reconhecimento da liderança de Roma e do seu bispo sobre o conjunto da cristandade” (AYALA MARTÍNEZ, 2008, p. 307). Gregório, via na “restauração do rito romano nessas terras

³⁸ Gregório VII, certamente, sustentava-se na falsa doação de Constantino elaborada em meados do século VIII que outorgava ao papa autoridade sobre Roma, Itália e o conjunto do Ocidente. Foi “[...] divulgada pela primeira vez em 755, quando Pepino, rei dos francos, concluiu uma campanha militar para defender o território papal de incursões lombardas, confirmando o documento. Este continuou sendo sempre citado em apoio às reivindicações papais de autoridade temporal na Itália, até que Lourenço Valia demonstrou, em 1440, ser um documento espúrio”. Cf. LOYN, Henry R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 254.

como capital e decisivo para a instauração da reforma e a entrada dos reinos hispânicos na órbita de influência da Igreja de Roma” (GORDO MOLINA, 2008, p. 528).

A leitura unilateral proposta pelos historiadores dedicados ao direito canônico e institucional sobre o período que se inicia com Leão IX (1049-1054) e vai até Inocêncio III (1198-1216) no qual a sé Romana toma para si o controle da Cristandade por meio de um programa reformador que tem na pena dos dois últimos citados historiadores mais uma de suas provas. A Igreja de Roma aparece como baluarte do cristianismo enquanto as demais Igrejas satélites políticos. O papado como centro decisório e o seu entorno como periferia que acata. No entanto, o jogo político que estava envolvido o câmbio litúrgico era mais complexo, pois se por um lado Alfonso convivia com a pressão local em defesa do rito hispânico, por outro, Gregório era sufocado pela nova ascensão de Henrique IV (1084-1105). Além de ver seu poder ser posto à prova, o papa somente alcançaria seus interesses na Península Ibérica caso seus legados obtivessem êxito nas negociações junto aos agentes políticos da monarquia. A ordem invertera, não falamos de imposição, ordenamento papal, mas de negociação.

Os legados formavam uma estrutura política polinuclear, na qual participam ativamente; “mais do que um simples subordinado, um legado era um partícipe efetivo da condução da Sé Romana. Era um ativo co-realizador de sua autoridade e dos seus direitos” (RUST, 2011, p. 208). Mais do que “transmitir a viva voz que ecoava de Roma, os legados passavam a redizê-la com suas próprias palavras, segundo seu próprio entendimento” (RUST, 2011, p. 224). Não é de se estranhar, portanto, as divergências entre o papa e seus legados que se constituíram um traço marcante dos pontificados ditos reformadores. Vejamos o caso envolvendo o abade Ricardo.

Ricardo, monge da abadia de São Victor de Marselha e legado papal, foi enviado a corte de Alfonso VI no ano de 1078 para resolver a questão litúrgica e implantar o rito romano nos seus reinos. Já em 1080, Ricardo tornou-se abade de Marselha, porém, sete anos depois foi excomungado, junto a Hugo de Lyon, pelo papa Victor III (1086-1087) no sínodo realizado em Benevento “em razão de orgulho e ambição pela sé apostólica (...)” (apud, RUST, 2010, p. 172). Com a morte repentina de Victor III, Ricardo recobrou seu cargo e já em março de 1088 estava exercendo suas tarefas legatinas na Península Ibérica e firmando doações à santa sé (RUCQUOI, 2010, p. 112). Depois de poucos meses presidiu como *vigário da santa Igreja romana de Deus* o concílio de Husillos acompanhado dos arcebispos Bernardo de Toledo (1085-1128) e Pedro de Aix

para, entre outras deliberações, julgar o caso envolvendo o bispo da Igreja de Santiago de Compostela, Diego Peláez, aprisionado por Alfonso VI. O novo revés vem a seguir.

Destituído da dignidade pontifical, Paláez foi a Roma reaver sua situação junto ao papa. Apesar de não favorável a sua causa, Urbano II (1088-1099) desaprovou a atitude do seu legado. De acordo com a *HC* (1994, p. 78), o sumo pontífice o “repreendeu e censurou [Ricardo] especialmente por haver condenado no juízo prévio ao mencionado bispo de Compostela que foi preso e por tê-lo deposto injustamente, por isso ele mesmo foi privado também da legacia por ter se atrevido a tais coisas”. Pouco afeito a investidura laica, Urbano II não viu com bons olhos a destituição de Peláez nem tampouco a nomeação de Pedro, abade de Cardeña, ao posto de bispo de Santiago de Compostela, sem a anuência papal. Seja como for, Pedro morreu pouco tempo depois.

De abade de um dos principais centros monásticos do Ocidente à excomunhão, Ricardo viu seu prestígio ir do céu ao inferno. Todavia, estamos discorrendo sobre política papal: a frieza dos procedimentos jurídicos moderava-se no calor da fala. Poderíamos também dizer, pautados na tradição hispânica, que “à vontade dos reis dobram os chifres das leis” ou sermos mais enfáticos e afirmar que a vontade do papa estava acima das normativas no que se referia à política desenvolvida junto aos seus legados. No entanto, não sejamos imprudentes, pois a “postura decisória se nutria da escrita, sem dúvida. Mas igualmente da vocalidade, das inclinações pessoais, da força dos costumes ou de premissas pontuais, locais” (RUST, 2011, p. 196). Além disso, Ricardo não negociava com o papado, mas com a monarquia. A deposição de Peláez, provavelmente, foi em função de um pedido de Alfonso VI, que “aconselhado pelo cardeal Ricardo, doou a Santa Sé o monastério toledano de San Servando, cujo patrimônio incrementou, com a condição de que estivesse baixo o poder do abade de São Victor de Marselha, em troca de um senso anual de dez moedas de ouro para a Santa Sé” (MONTENEGRO, 2011, p. 82).³⁹ O monarca valia-se de um poderoso e recorrente instrumento político chamado dádiva.⁴⁰ Alfonso dava ao abade um monastério e à Roma ouro esperando ser retribuído no concernente ao despojamento de Peláez. Essa aproximação entre Alfonso e Gregório VII via Ricardo foi fundamental

³⁹Cf. MONTENEGRO, Julia. El cambio de rito en los reinos de León e Castilla según las crónicas. In: MARTÍNEZ SOPENA, Pascual & RODRIGUES, Ana (orgs). *La construcción medieval de la memoria regia*. Valencia: Publicaciones de la Universitat de València, 2011, p. 78-82.

⁴⁰Empregamos o conceito *dádiva* tendo como referência o estudo feito pelo antropólogo Marcel Mauss, ver: MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: *Antropologia e Sociologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183-314.

para legitimar as pretensões do rei no concernente à destituição do bispo de Santiago, além de culminar na adesão à latinização litúrgica.

Todavia, não nos titubeamos a responder a questão que se impõe: quais foram as consequências da latinização litúrgica da igreja compostelana?

Já adiantamos que não é nossa intenção nos alongarmos, neste capítulo, sobre o período gelmiriano ao qual dedicamos o capítulo terceiro desta dissertação. A latinização da liturgia da Península Ibérica atendeu preeminentemente aos desejos monárquicos e, no caso, compostelano, a consagração do rito romano foi fundamental para a aproximação entre a Igreja de Santiago e a Igreja de Roma possibilitando a chancela papal para as dignidades eclesiásticas desejadas por Compostela. Os recursos do bispado compostelano, advindos das peregrinações ao santuário jacobeu, promoveram a sua prosperidade e, em grande medida, os meios para se alcançar as honrarias que expandiram o seu poder senhorial-episcopal.⁴¹

Parece-nos, dessa forma, desenharem-se dois momentos distintos: o que antecede a latinização litúrgica e o que a sucede. Anterior à adesão ao rito romano observamos Compostela e Roma, relacionalmente, distantes; posteriormente, os laços se estreitam e os benefícios são recíprocos. Por outras palavras, a latinização da liturgia rompe o afastamento entre as duas sés e a rivalidade observada no período anterior a tal processo deixa de estampar as páginas da *HC*, sobretudo após a entronização de Diego Gelmírez como bispo de Santiago.

Os elogios póstumos dedicados pela *HC* a Gelmírez ilustram, satisfatoriamente, a forma como ele queria ser visto pela posteridade no referente ao seu trabalho pela exaltação da igreja de Santiago junto à igreja romana, como também o seu esforço por melhorar a formação intelectual do cabido catedralício compostelano respaldada nos cânones e costumes romanos. De acordo com a obra:

Éste [Diego Gelmírez], pues, honró tan fielmente su iglesia y la instruyó con sus costumbres que como la luna es más brillante que las estrellas, así la elevó brillantemente por la gracia de Dios entre todas, con excepción de la iglesia de Roma, señora de la iglesia universal que peregrina en la tierra, y de otras semejantes a ésta. También regó as mentes incultas de los canónigos que encontró poco morigerados y sin sal de sabiduría, con la lluvia de la doctrina y a los que le siguieron les hizo por medio de la divina clemencia distinguidos por la doctrina y la virtud (*HC*, 1994, p. 575).

⁴¹ Cf. FLETCHER, Op. cit. p. 110.

Isenção metropolitana, pálio, dignidade metropolitana e legacia papal, essas foram as principais dignidades eclesiásticas alcançadas pela igreja compostelana entre a década final do século XI e as duas primeiras décadas do século XII, momento em que Diego Gelmírez esteve inextricavelmente a ela ligado. Fruto das articulações de suas lideranças, do seu enriquecimento, do apoio monárquico e da aristocracia local,

[...] o sepulcro de Compostela y el culto al Santo Apóstol supusieran una autentica revolución en la historia eclesiástica española, con trascendentales repercusiones en la historia política: Compostela, que nunca había sido sede episcopal, va desplazando – desde el siglo IX – a su sede Iria; más tarde a la metropolitana de Braga, y el arzobispo de Santiago será legado Apostólico sobre las provincias de Braga y Mérida; disputará a Toledo la primacía de la Iglesia española y tratará de imponer a toda la Cristiandad su condición de Sede Apostólica; se esfuerza en propagar la creencia de la predicación de Santiago en España y logra que sea aceptada la del hallazgo de sus restos [...] (MARÍA LACARRA, 1963, p. 143-4).

A ascensão eclesiástica da Igreja de Compostela foi concomitante ao desenvolvimento do caminho terrestre ao sepulcro de Tiago. O bispo Gelmírez ao lado da monarquia castelhana-leonesa foram os principais responsáveis pela exaltação do apóstolo e pela promoção do seu culto. As peregrinações, além de enriquecerem o bispado compostelano, provocaram a circulação de religiosos comprometidos com a latinização litúrgica dos reinos ibéricos.

3 PEREGRINAÇÕES A SANTIAGO DE COMPOSTELA: A AFIRMAÇÃO DE UM BISPADO

A construção do Caminho terrestre de Santiago contribuiu para intensificar os contatos entre a Península Ibérica cristã e a Europa ultrapirenaica enfraquecidos pela entrada dos muçulmanos em território peninsular.⁴² A criação do *iter francigenum* nas últimas décadas do século XI e os incentivos dos monarcas ibéricos na atração de imigrantes e peregrinos provocou a circulação de homens de diversas partes da Cristandade, sobretudo a Ocidental. O poder senhorial-episcopal do bispo de Santiago era fortificado tendo como base as peregrinações e as concessões e benefícios régios outorgados. Além disso, o Caminho de Santiago tornou-se o principal meio pelo qual a latinização litúrgica adentrou os reinos de Alfonso VI (1072-1109) e a igreja romana se fazia partícipe no jogo político eclesiástico ibérico. O bispado compostelano projetou-se apoiado pela corte régia, como também pela cúria pontifícia.

3.1 Peregrinações no mundo medieval: o desenvolvimento do Caminho de Santiago

O ato de peregrinar consolidou-se no período histórico que nomeamos Idade Média como uma das mais importantes práticas da vida cristã.⁴³ O *homo viator*, como foram denominados os cristãos medievais, atenderam a um dos postulados centrais do cristianismo que estabelecia a condição efêmera deste mundo e a sua transitoriedade tendo em vista a segunda vinda de Cristo para o juízo final e a instauração da Jerusalém celeste. Como afirma o professor Francisco José Silva Gomes (1999, p. 87): “o cristão é aquele que deixa tudo para seguir o Cristo (*sequela Christi*), é um peregrino neste mundo a caminho do Reino de Deus, da Terra Prometida (...)”. Gomes ainda assinala:

⁴² A *Historia Compostelana* deixa transparecer que o afastamento entre Santiago e Roma devia-se a questões militares. A entrada dos muçulmanos em território ibérico lançou os peninsulares em séculos de lutas que dificultaram os contatos. Cf. *HC*, Libro II, cap. III, 1994, p. 301. O mesmo sugere Inés Ruiz Montejo no artigo *El Camino a Santiago: andares y devociones de un peregrino del siglo XII según el Liber Peregrinationis*. *Revista de Filología Románica*, 2006, anejo IV, p. 103.

⁴³ A palavra *peregrino*, no mundo medieval, além de destinar-se a identificar pessoas estrangeiras, forasteiras, distantes de sua pátria (como o era o seu uso corrente na antiguidade), também, ou prioritariamente, era aplicada para se referir as pessoas que estavam caminhando em direção há algum santuário religioso por motivos diversos, entre os quais se sobressaem os penitenciais e os relacionados a graça alcançada. Cf. ANGUIA JAÉN, José María. *Peregrinatio: la conformación de un concepto, la transformación de una realidad (s.XI)*. In: MARTÍNEZ-MORÁS, Santiago López; MELÉNDEZ CABO, Marina; PÉREZ BARCALA, Gerardo. *Identidad europea e intercambios culturales en el Camino de Santiago (siglos XI-XV)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2013, p. 151-168.

“o cristão não tem cidade neste mundo, é um estrangeiro (*xenus, peregrinus*) domiciliado na cidade terrestre a caminho da Cidade de Deus, a Civita Dei de Agostinho” (GOMES, 1999, p. 87). Em vista disso, o cristão é, sobretudo, um peregrino neste mundo, a cidade que procura é a celestial. Sua vida terrena manchada pelo pecado e pelas preocupações mundanas não o possibilita acessar a verdade, o espírito. O corpo a qual está preso padece de necessidades fisiológicas fazendo com que a sua busca pelo sagrado seja sempre imperfeita. O peregrinar possibilita ao penitente apartar-se das suas agonias diárias e do seu entorno familiar lançando-o rumo ao *maravilhoso*, a uma vida cristã mais pura por castigar a sua carne. No seu retorno, o peregrino deve experimentar uma nova vida fruto da renovação espiritual vivenciada, isto é, um caminhar mais próximo de Deus.

As peregrinações constituem-se elemento importante para a análise das sociedades cristãs medievais, especialmente para as regiões nas quais mais influíram os fiéis em busca dos grandes santuários: Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela. A medievalista Adeline Rucquoi advoga dois momentos distintos nas peregrinações durante a Idade Média, estabelecendo o século X como baliza temporal. Segundo a investigadora, “até o século IX, aproximadamente, a maior parte dos que ‘peregrinam’ eram clérigos, e em particular monges” com objetivos eremíticos ou missionários (RUCQUOI, 1981 p. 97). Já a partir da centúria seguinte e, principalmente, com o *boom* das peregrinações nos séculos XI e XII diferentes tipos de pessoas - “ricos ou pobres, mercadores ou mendigos, senhores ou camponeses, homens ou mulheres e até crianças” - puseram-se em marcha, devido, fundamentalmente, à difusão das indulgências (RUCQUOI, 1981, p. 97).⁴⁴ A busca pela remissão dos pecados caracterizou-se como principal incentivo às peregrinações. A obstinação maior do cristão, na vida terrena, era lograr garantias que legitimassem sua ida à morada eterna após a morte. Os benefícios outorgados pela Igreja – intermediária entre Deus e os homens – eram objetos de desejo, pois permitia ao receptor acesso direto ao paraíso.

De acordo com os evangelhos sinóticos⁴⁵, as condições de Jesus Cristo para quem quisesse segui-lo eram: “se alguém quer vir após em mim, renuncie a si mesmo,

⁴⁴ Ver também: RUIZ GÓMES, Francisco. El camino de Santiago: circulación de hombres, mercancías e ideas. In: IGLESIA DUARTE, J. I (Coord.). *IV Semana de Estudios medievales de Nájera*, 1994, p. 172. / MARIA LACARRA, José. Espiritualidad del culto y de la peregrinación a Santiago antes de la primera cruzada. In: *Pellegrinaggi e culto dei santi in Europa fino alla 1ª Crociata*. 1963, p. 129.

⁴⁵ Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são chamados sinóticos devido à semelhança que possuem; ela pode ser observada na estruturação dos textos e na escolha das palavras que eles narram os fatos apresentados em seus respectivos escritos bíblicos.

tome a sua cruz cada dia e siga-me”.⁴⁶ No mesmo capítulo, ainda segundo os evangelhos, as palavras de Cristo aos seus discípulos foram: “não levais para a viagem, nem bastão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; tampouco tendes duas túnicas (...)”.⁴⁷ Apesar de fazer referência a conduta a ser adotada pelos doze na evangelização dos povos, o modelo foi mantido e desejado, na Idade Média, aos homens em peregrinação.⁴⁸

A ideia de peregrinar, sintetizada pelo professor Edmond-René Labande (1984 apud GÁRCIA DE CORTÁZAR, 1994, p. 11), “como um modo de orar com os pés” retrata o pensamento defendido pelos pais da Igreja, pois, quem se dirigia aos lugares santos deveria ter consciência de que o fazia, normalmente, em função de pecados graves; a penitência tinha por finalidade expiá-los. A peregrinação enquanto turismo era, veementemente, combatida pela Igreja. Os deslocamentos por simples curiosidade eram considerados vaidade e não condiziam com o verdadeiro significado do peregrinar (LE GOFF, 2005, p. 129). O que possuía valor e era o desejável, segundo o pensamento cristão, eram as dificuldades e tribulações da jornada tendo em vista o castigo e o padecimento do corpo. Sendo ele o meio que impele o homem a pecar deve, portanto, ser flagelado para a sua purificação, haja vista que no final do árduo caminho haverá o tão esperado encontro com o sagrado.⁴⁹ A efemeridade terá fim na eternidade celeste.

Dentre os três principais centros de peregrinação, o santuário jacobeu talvez fosse o que maior número de peregrinos atraiu durante os séculos XI e XII. No transcorrer da décima primeira centúria, por intermédio, sobretudo do poder régio se intensificou a construção de estruturas físicas – pontes, hospitais, hospedarias, albergues – para atender aos peregrinos que rumavam à igreja de Compostela.⁵⁰ A partir dos anos 1070-1080 essa iniciativa ganhou novo fôlego, em grande medida, por parte dos reis Alfonso VI e Sancho Ramírez de Aragão (1063-1094), devido à criação de um itinerário terrestre ao longo dos Pirineus, inspirado pelas histórias do imperador Carlos Magno.⁵¹

⁴⁶Lc 9: 23 ; Mt 16: 24 ; Mc 8: 34.

⁴⁷Lc 9: 3 ; Mt 10: 9-10 ; Mc 6: 8-9.

⁴⁸ De acordo com o evangelho de São Lucas, os doze discípulos escolhidos pelo Cristo foram: “Simão, a quem impôs o nome de Pedro, seu irmão André, Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomás, Tiago, filho de Alfeu, Simão, chamado Zelota, Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariote, que se tornou um traidor”. Cf. Lc 6: 14-16. Também encontramos o nome dos doze em Mt 10: 2-4 e em At 1: 19.

⁴⁹ Sobre o corpo na Idade Média ver: LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Una historia del cuerpo en la Edad Media*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2005.

⁵⁰ Cf. RUCQUOI, Adeline. O caminho de Santiago: a criação de um itinerário. *Signum*, v. 9, 2007, p. 95-120.

⁵¹ O Caminho terrestre seguia o traçado da antiga via romana setentrional que ligava o mar mediterrâneo à Galiza pelo curso do rio Ebro e depois seguia pelo norte da Meseta. É preciso pontuar também que o

De acordo com *Liber Sancti Iacobi (LSI)*, Carlos Magno (768-814) foi o responsável pela libertação da rota que liga Roncesvalles a Compostela do domínio muçulmano e pela restauração do túmulo do apóstolo Tiago. Ainda segundo o *LSI* (1999, p. 408), o corpo de Santiago estava ocultado e desconhecido até o momento em que o apóstolo aparece a Carlos Magno em sonho, pedindo-o que prepare o seu caminho e liberte sua terra dos infiéis.⁵² A atribuição do descobrimento da tumba do apóstolo ao imperador dos francos punha fim às discussões estabelecidas no século XI a respeito da apostolicidade da igreja compostelana. De uma só vez afirmava-se a predicação do apóstolo na *finis terrae* como também o repouso das suas relíquias no noroeste da Galiza. A divergência da versão na qual o monge Pelágio, o bispo Teodomiro e o monarca Alfonso II (791-842) são as personagens principais da *revelatio* deve ser notada, porém, também não devem fugir a vista os interesses de Compostela naquele momento: ter Carlos Magno como primeiro peregrino era um trunfo poderoso não só na atração de peregrinos de todas as partes do mundo cristão dado a universalidade alcançada pelo imperador como, igualmente, na afirmação da condição apostólica da catedral de Compostela.⁵³

Relacionar a descoberta e a primeira peregrinação às relíquias de Tiago em Galiza a Carlos Magno era sem dúvida do interesse da monarquia castelhana-leonesa. Fernando López Alsina (2011, p. 320) adverte que “a localização do sepulcro e a visita do mesmo por Carlos Magno revestem as características de uma verdadeira *inventatio regia* (...)”. O imperador havia conquistado “o mundo” como protetor do catolicismo, assim também ambicionavam fazer os reis das coroas de Castela-Leão. O chamado

principio das doações régias em favor dos estrangeiros, viajantes e peregrinos remontam o governo de Alfonso III (866-910).

⁵² Sobre a abertura do Caminho de Santiago, o capítulo primeiro da *Crônica do Pseudo Turpin* apresenta uma aparição do apóstolo Tiago a Carlos Magno. Nela o santo diz o seguinte para o imperador: “El camino de estrellas que viste en el cielo significa que desde estas tierras hasta Galicia has de ir con un gran ejército a combatir a las pérfidas gentes paganas, ya liberar mi camino y mi tierra, ya visitar mi basílica y sarcófago. Y después, de ti irán allí peregrinando todos los pueblos, de mar a mar, pidiendo el perdón de sus pecados y pregonando las alabanzas del Señor, sus virtudes y las maravillas que obró”. In: *Liber Sancti Iacobi* ‘Codex Calixtinus’. MORALEJO et. Al. (org.) Reedición X. Carro Otero. Pontevedra: Xunta de Galicia, 1999, p. 408. Todavía, a *Primera Crónica General de España*, recolheu e conservou outra versão para a abertura do Caminho de Santiago. Nela, ao tratar das conquistas que Carlos Magno teria feito em território Ibérico é afirmado o seguinte: “Ca certa cosa es que si quier de morros , si quier de cristianos Carlos con su hueste fue uençido em Ronçasvalles, et luego se torno dendê con grant danno et grant perdida de su hueste. Pues non es con guisa que el abriese el camino de Sanctiagio quando non passo el puente de Ronçasualles; ca luengo tempo despues del, por muchas lides et muchas fazendas et por grant trabajo, fue abierto et poblado el camino de Sanctiagio; et los que dantes yuan por sendas encobierta, pasaron despues por carera poblada por o uienen et pasan fascus todas las tierras del mundo o cristianos a. In: *Primera Crónica General de España*. MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (Publ.) Madrid: Gredos , 1955, p. 356.

⁵³No que se refere a universalização do culto e a sacralização das relíquias do apóstolo Tiago, ver: MANTEL, María Marcela. El Liber Sancti Iacobi y la sacralización universal de las reliquias compostelanas. *Estudios de Historia de España*, vol. XII, Tomo 2, 2010, p. 339-352.

projeto imperial de Alfonso VI e a perpetuação dele com seu neto Alfonso VII que chegou a ser coroado imperador na cidade de Leão em 1135 nos dão provas disso. Santiago era o patrono régio, o campeão do rei (vale lembrar as suas intervenções nas batalhas dando a vitória para os exércitos cristãos) enquanto Carlos Magno a inspiração, o modelo de monarca a ser seguido.

A relação Carlos Magno e Galiza trazida a tona pelos cinco primeiros capítulos do *Pseudo-Turpín* visava a exaltação da igreja de Santiago em um período de insegurança às transformações em curso nas dioceses ibéricas devido a conquista de regiões dominadas até então pelos muçulmanos, mas que no passado visigodo foram cabeças de províncias eclesiásticas. Diego Gelmírez, assim como o seu antecessor, Dalmacio foram efetivos na independência da igreja de Compostela diante dos direitos metropolitanos da diocese bracarense, principal concorrente, a nível local, na busca pela liderança das sés do noroeste ibérico. O apoio dado pelo conde Raimundo e por Hugo, abade de Cluny, não deve ser negligenciado; a escolha por Santiago deveu-se, em grande medida, a sentença de excomunhão conferida ao bispo de Braga, Pedro I (1071-1091) em virtude de ter recebido o *pallium* das mãos do antipapa Gilberto de Rávena.⁵⁴

Santiago era peça chave no processo de conquista dos territórios sob o jugo muçulmano, a sua interseção em momentos decisivos para as tropas cristãs colaborou para a construção do mito *Santiago Matamoros*.⁵⁵ As monarquias hispânicas, especialmente, os reis de Castela-Leão, foram os principais beneficiados de suas aparições e, por sua vez, não tardaram em incentivar o seu culto, engrandecer a sua igreja e desenvolver os meios necessários para o acolhimento dos peregrinos que rumavam à basílica jacobéia.

O crescimento das peregrinações à Santiago nas últimas décadas do século XI foi resultado de uma série de fatores, sendo a criação do citado itinerário terrestre pelos monarcas hispânicos através dos Pirineus um dos seus motivos cruciais. Até então, provavelmente, a via marítima que ligava a costa da Aquitânia à Galiza, rota existente desde o domínio do Império Romano na região, era o meio mais utilizado pelos peregrinos para chegar à basílica de Tiago, o qual ainda permaneceu sendo utilizado. O livro segundo do *LSI*, chamado *Livro dos Milagres*, traz-nos alguns exemplos das

⁵⁴ Emma Falque Rey nos oferece a seguinte definição sobre o *pallium*: “(...) estola de lã branca com seis cruzes negras de seda, é um signo de autoridade que se outorga aos prelados que estão à frente de províncias eclesiásticas integradas por várias dioceses”. Cf. *Historia Compostelana*. Introducción, traducción, notas y índices de Emma Falque Rey. Madrid: Akal, 1994, Libro I, p. 99, nota 164.

⁵⁵ A primeira aparição de Santiago, segundo *Primera Crónica General de España*, foi na batalha de Clavijo em 844.

intervenções miraculosas feitas por Santiago as embarcações que naufragavam e/ou a fiéis que se afogavam enquanto viajavam rumo ao santuário galego ou a Jerusalém, mas que haviam encomendado a viagem ao apóstolo ou o haviam invocado em socorro.⁵⁶ Os milagres do santo fogem a esfera regional e a sua atuação se dava em diversos pontos da Cristandade.⁵⁷ A difusão do culto jacobeu, assim como do potencial taumatúrgico do apóstolo, impelia cada vez mais peregrinos de distintas origens a tomarem o seu Caminho e a visitar o seu santuário.

Nesse sentido, outro importante fator de “divulgação” e “propaganda” das peregrinações a Compostela foi o próprio *LSI*, cuja autoria foi oficialmente atribuída ao papa Calixto II (1119-1124); há numerosas discussões sobre os seus potenciais elaboradores, mas não enxergamos necessário fomentá-las.⁵⁸ “Longe de ser um testemunho passivo da existência do caminho ‘francês’, o *Liber Sancti Iacobi* é assim seu criador (...) os autores do *Liber* inventam um caminho (...)”. A organização do *LSI* visou reforçar a política dos reis ibéricos na atração de peregrinos ao túmulo de Tiago. As funções propagandísticas do livro V da obra, conhecido como *Guia do Peregrino*, revelam-nos um autêntico manual de viagem aos fiéis que se dirigiam a basílica jacobéia. A sua grande difusão “pode influenciar com mensagens ideológicas e com informações práticas o desenvolvimento do Caminho de Santiago e o seu conhecimento por toda a Cristandade Ocidental, o que lhe dá maior importância ainda” (ARQUERO CABALLERO, 2011, p. 16).

⁵⁶Cf. *Liber Sancti Iacobi*, Op. cit. Libro II, cap. II, VII, VIII, IX, X, p. 340-341, 351-2, 353-354, 355-356, 357.

⁵⁷No prólogo do livro segundo atribuído ao papa Calixto, ele enumera os lugares onde tomou conhecimento das intervenções miraculosas de Santiago. Conforme o prólogo: “(...) conocí algunos de estos milagros en Galicia, otros en Francia, otros en Alemania, otros en Italia, otros en Hungría, otros en la Dacia, algunos también más allá de los tres mares, diversamente escritos, como es natural, en los diversos lugares; otros los aprendí en tierras bárbaras, donde es santo Apóstol tuvo a bien obrarlos, al contármelos quienes los vieron e oyeron algunos los he visto con mis propios ojos (...)” (*LSI*, 1999, p. 336).

⁵⁸ O *Liber Sancti Iacobi* é constituído por cinco livros: o primeiro contém sermões, homilias e ofícios litúrgicos em honra ao apóstolo Tiago; o segundo é formado por vinte e dois milagres atribuídos a Santiago; o terceiro trata da transladação do corpo de Santiago de Jerusalém, local onde sofreu o martírio, para Compostela, onde foi sepultado; o quarto livro é a *Crônica do Pseudo Turpin* que trata da ida e da presença de Carlos Magno na Espanha, apresentando-o como sendo o responsável pela abertura do Caminho de Santiago; e o quinto se constitui em um guia de viagem para os peregrinos e viajantes que rumavam a Compostela. Nele está contida a descrição dos caminhos, da cidade de Santiago de Compostela e da Catedral onde está o sepulcro do Apóstolo. Para maior conhecimento sobre o *Liber Sancti Iacobi* veja: DIAZ Y DIAZ, M.C. *El Códice Calixtino de la Catedral de Santiago. Estudio codicológico y de contenido*. 1ª ed. Santiago de Compostela: Centro de Estudios Jacobeos, 1988. Sobre a elaboração do *LSI* e a sua relação com o Caminho de Santiago, ver: ARQUERO CABALLERO, Guillermo Fernando. El líber peregrinationis como fuente para la historia del Camino de Santiago y de las sociedades medievales del norte peninsular. *Ab Initio*, Núm. 4, 2011, p. 15-36.

O *Liber peregrinationis* orientava aos peregrinos “o número de etapas que lhe separam do seu objetivo, os santuários que se devem visitar ao longo do caminho, a água de certos rios que devem ser evitada e a de outros que pode ser bebida (...)” (*LSI*, 1999, p. 506). Conforme o *LSI* (1999, p. 507), “enumera-se esses povos e as citadas jornadas, para que os peregrinos que marcham a Santiago previnam-se, com essas notícias, os gastos necessários para sua viagem”. Além da preocupação com a integridade física dos peregrinos existe a precaução em informá-los dos dispêndios pecuniários. O contraste com as palavras de Cristo aos seus discípulos - “não levais para a viagem, nem bastão (...)” – não passa despercebido, assim como as leis específicas que foram sendo formuladas em amparo aos peregrinos e as peregrinações.

Eram numerosos os santuários ao longo do Caminho de Santiago que desde a *França* tinham como seu ponto final Compostela. O itinerário “era ao mesmo tempo real e maravilhoso, que leva os grandes santuários de peregrinação do século XI – Jerusalém, Roma, Saint Martin de Tours, Vézelay, Le Puy, Saint Gilles – em direção à basílica de Santiago de Compostela” (RUCQUOI, 2007, p. 117). Entre a recordação de um e outro milagre do apóstolo Tiago e a lembrança das histórias heróicas de Carlos Magno e seus guerreiros narradas pelo *LSI*, o peregrino era envolvido em uma atmosfera mística na qual o *maravilhoso* se fazia presente. Na chegada a Compostela, ao adentrar o templo, o peregrino encontrava um altar dedicado a cada grande santuário por qual havia passado, dessa forma ele recordava sua trajetória até o ápice da sua caminhada: o contato com as relíquias do santo padroeiro.

A ascensão das peregrinações promovida por uma política de incentivo à imigração criada pelos citados monarcas Sancho Ramírez e Alfonso VI contou com a isenção de “pedágios”, principalmente, aos peregrinos e com a fundação de hospitais e albergues ao longo do Caminho que serviam para o repouso e alimentação dos homens em via (RUCQUOI, 2010, p. 118). A proteção física oferecida ao longo do itinerário aos mercadores e peregrinos, bem como aos seus bens, era preocupação frequente no entorno régio e episcopal. No capítulo V do livro segundo do *LSI* o autor conclama que todos os cristãos

[...] deben procurar con gran cuidado no cometer ni con sus huéspedes ni con os prójimo alguno un fraude así o parecido, sino que deben afanarse por demonstrar compasión y benigna piedad a los peregrinos, para que así merezcan recibir el premio de la gloria eterna de Aquél que vive y reina Dios por los infinitos siglos de los siglos. Así sea. (*LSI*, 1999, p. 348).

Já no capítulo seguinte as palavras de admoestação aos hoteleiros desonestos presentes no Caminho foram atribuídas ao próprio apóstolo, Tiago. De acordo com o *LSI*:

[...] te lo anuncio, como también que todos los hoteleros injustos establecidos en mi camino, que se quedan inicuaamente con los bienes de sus huéspedes vivos o muertos, los cuales deben darse a las iglesias y a los necesitados en sufragio de los difuntos, se condenarán para siempre (*LSI*, 1999, p. 350).

O recado era claro: tratava-se de conceder proteção e segurança aos peregrinos e mercadores tão importantes para a transformação de Compostela no século XII no “centro comercial mais importante de toda a Espanha cristã” (SANCHÉZ HERRERO, 1984, p. 246). Quem acolhia a um peregrino, acolhia a Santiago e ao próprio Deus, como faz questão de salientar o *Liber* (*LSI*, 1999, p. 575). O capítulo XI do *Guia* foi exclusivamente dedicado a “*Como os peregrinos de Santiago devem ser recebidos*” não faltando exemplos da ira de Deus sobre aqueles que negam hospedagem ou alimento a um peregrino. O aspecto da segurança ofertada tanto a eles quanto aos mercadores é ponto latente nas crônicas hispânicas que retratam o período.

Ao tratar dos bons feitos do rei Alfonso VI, a *Primera Crónica General de España*, destaca que em função das leis vigentes no reinado dele, “os mercadores e romeiros que passavam por sua terra, eram tão protegidos que ninguém ousava tomar alguma coisa deles” (*PCGE*, 1955, p. 520).⁵⁹ Já em tempos da sua filha, a rainha Urraca I, o cânone IV do Concílio de Leão de 1114 expressa “que os mercadores, peregrinos e lavradores fiquem em paz e caminhem seguros pelas terras, de modo a ninguém causar mal a eles ou lesá-los dos seus pertences” (*HC*, 1994, p. 240). No concílio de Palencia celebrado em 1129 a mando do rei Alfonso VII foi determinado que “se alguém atacar aos clérigos, monges, caminhantes, mercadores, aos peregrinos que vão visitar os sagrados lugares e as mulheres, seja encarcerado em um monastério ou desterrado” (*HC*, 1994, p. 504).

A proteção e os benefícios concedidos pela lei aos peregrinos devem-se, entre outros fatores, ao fato deles terem sido vítimas de inúmeros abusos por parte daqueles que, ao longo do Caminho e na própria cidade de Compostela, aproveitavam-se da sua

⁵⁹(...) los mercaderos et los romeros que passauan por su tierra, tan guardados yuan que ninguno non les osaua tomar ninguna cosa de lo suyo. Cf. *PCGE*, Op. cit. p. 520.

condição de estrangeiro para roubarem os pertences que traziam consigo ou então, de os explorarem cobrando altos preços nas hospedarias e/ou até mesmo provocando a morte de peregrinos para se apossarem dos seus bens. O milagre de número cinco do livro *De miraculi sancti Jacobi* é ilustrativo a esse respeito, pois narra as artimanhas de um hoteleiro para tomar os pertences do seu hóspede. Conforme a narrativa:

Es cosa digna de recuerdo que ciertos alemanes yendo en hábito de peregrinación al sepulcro de Santiago el año mil noventa de la encarnación del Señor, llegaron a la ciudad de Tolosa con abundantes riquezas y allí encontraron hospedaje en casa de cierto rico. Este malvado, simulando bajo piel de oveja la mansedumbre de ésta, los acogió solícitamente y con diversas bebidas que les dio como gracias de su hospitalidad, los hizo embriagar-se con engaño. (...) dominados por fin los peregrinos más que de costumbre por el sueño y la embriaguez, el falso hospede, movido del espíritu de avaricia a fin de hacerlos reos de hurto y adquirir sus dineros una y convictos, metió a escondidas una copa de lata en un zurrón de los durmientes. Y después de cantar el gallo salió tras ellos con gente armada el perverso huésped gritando: Devolvedme, devolvedme la plata que me habéis robado. A lo que respondieron ellos: A quien se la encuentres le condenarás según tu voluntad.

Hecha, pues, averiguación, a dos en cuyo zurrón halló la copa, a saber, padre e hijo, los llevó a juicio y arrebató injustamente sus bienes (*LSI*, 1999, p. 347).

O resultado do suposto furto cometido por pai e filho foi à condenação a morte do rapaz. Todavia, o resultado dessa injustiça foi reparado por Santiago que o devolveu a vida. Segundo o jovem: “(...) Santiago, sustentando-me com suas mãos, me consola com toda classe de doçuras (*LSI*, 1999, p. 348)”. As bênçãos do santo foram ditas pelo filho ao seu pai quando retornou a vida. Porém, salta aos olhos, durante a narrativa, que a sua ressurreição apenas se concretizou após a volta do seu pai da peregrinação que fez ao altar do apóstolo. O santo interveio mediante a visita e os rogos do pai no seu sepulcro confirmando o seu benefício aos que mais próximos das suas relíquias lhe suplicam. Ao hóspede, coube o juízo popular e a conseqüente condenação à forca. O *LSI* (1999, p. 348) aproveita a ocasião e fez um apelo a todos os cristãos para demonstrarem compaixão e benigna piedade aos peregrinos, caso assim queiram merecer o prêmio da glória eterna.

O peregrino, em virtude da obrigatória travessia que fazia por territórios de diferentes reinos até chegar a Santiago de Compostela, era geralmente um estrangeiro. Portanto, não contava com a proteção da legislação do seu local de origem. Ao incentivar as peregrinações, principalmente a partir do século XI, os monarcas dos

reinos pelos quais o Caminho cortava, fizeram constar nas legislações leis que protegessem os peregrinos, bem como os seus bens enquanto se encontravam distantes. Tais leis faziam com que a caracterização de peregrino, isto é, homens, mulheres e crianças pobres, sujos, vestindo trajas rudes e com pouquíssimos pertences tivessem a liberdade de ir e de vir, tendo assegurado o passe livre pelos reinos cristãos e o auxílio dos homens do rei e dos senhores rurais.

Tendo isto em vista, já no primeiro ano do seu reinado, após a morte de Sancho,

[...] Alfonso VI e sua irmã Urraca suprimiram o pedágio que o castelo de Santa-Maria de Autares exigia na passagem de Valcarce, entre León e a Galiza, de ‘todos aqueles que aí passam sobretudo dos *peregrini* e dos pobres que se dirigem a Santiago para aí rezarem’, sem esquecer dos *negotiadores* (RUCQUOI, 2007, p. 107).

Como salientado, Afonso VI foi um grande incentivador das peregrinações a Santiago, não apenas por sua conotação religiosa, mas, sobretudo por suas potenciais consequências políticas. O povoamento dos territórios conquistados diante dos muçulmanos por uma população cristã era o seu principal interesse. Seguindo essa lógica positiva de favorecimento dos peregrinos e mercadores, no início do seu pontificado, Diego Gelmírez “concedeu metade das esmolas dadas pelos fiéis ao altar Santa Maria Madalena e da Santa Cruz (...) ao hospital dos peregrinos e inválidos, que antes de sua consagração como bispo havia comprado e engrandecido com seus próprios meios” (HC, 1994, p. 109). Foi uma importante doação feita pelo bispo e acenava qual era o seu posicionamento e o seu compromisso e vinculação política com as peregrinações.

Outra importante determinação de Gelmírez foram os decretos que visavam a proteção do povo e a normatização da justiça. O estatuto deliberado pelo bispo, em 1113, com o conselho de cônegos juizes da sua sé e de nobres varões impôs que (com exceção da cidade de Compostela e dos burgos) “não se embargará aos mercadores, romeiros e peregrinos e o que de outra maneira atuar, pague o dobro do que tomou, seja excomungado e pague sessenta soldos ao dono daquele senhorio” (HC, 1994, p. 229). No ano 1128, Gelmírez concedeu um terreno ao Hospital de Santiago para dar sepultura aos pobres e peregrinos; dessa forma, não só eram atendidas as necessidades deste

mundo aos peregrinos, como também as do outro objetivando a salvação de suas almas.⁶⁰

Na *HC* temos, igualmente, recolhido o relato referente ao fim do *portazgo* (imposto recolhido sobre a circulação de mercadorias para passar por um determinado lugar a outro) pago pelos mercadores no Castelo de *Puente Sampayo*.⁶¹ Segundo a crônica: “(...) quem passava por aquela parte derramava abundantes lágrimas não só pelo dinheiro que perdia, mas também pela desonra que sofria, pois com frequência lhes desnudavam dos seus vestidos” (*HC*, 1994, p. 118). O término do tributo foi atribuído a Dom Diego que entregou ao conde Raimundo “uma contribuição monetária exatamente igual a que se acostumava dar aquele castelo” (*HC*, 1994, p. 119). Além disso, o conde promulgou um édito que dava aos mercadores de Santiago salvo-conduto⁶²; posteriormente, o rei Alfonso, além de confirmá-lo, lavrou o direito dos cidadãos de Compostela de serem julgados pelas leis de sua cidade.⁶³ O conquistador de Toledo, além do mais, concedeu *fueros*⁶⁴ ao bispado compostelano a fim de que o próprio regulamentasse não apenas questões relacionadas, propriamente, às atividades econômicas, como também, a corrente migratória de homens, mulheres e crianças que se dirigiam à Compostela. A autonomia concedida a Gelmírez permitiu-lhe reforçar e incentivar ainda mais o desenvolvimento mercantil e artesanal promovendo a prosperidade da cidade galega e a atração de imigrantes.

A concessão de *fueros* não foi privilegio de Compostela; outorgada a várias cidades por Alfonso VI, essa iniciativa, como destacado, visava atrair inúmeros peregrinos, povoadores, curiosos e negociadores para se fixarem no *iter francigenum*.

O ‘caminho de Santiago’ nasce assim da necessidade de povoar e defender um território que cresce as expensas dos muçulmanos, e que pode oferecer a artesãos, mercadores, artistas e intelectuais e até lavradores oportunidades que não existiam em outros lugares (ROCQUOI, 2010, p. 105).

Nessa direção, as peregrinações a tumba do apóstolo Tiago contribuíram para que se desenvolvessem precocemente, quando comparado a outras regiões do Ocidente, centros urbanos e núcleos comerciais nos reinos cristãos ibéricos cortados pelo

⁶⁰Cf. *HC*, 1994, Libro II, cap. XCIV, p. 490.

⁶¹ *Ibidem*, Libro I, cap. XXIV, p. 118-9.

⁶² *Ibidem*, Libro I, cap. XXIII, p. 117-8.

⁶³ *Ibidem*, Libro I, cap. XXIII, p. 118.

⁶⁴ Grosso modo, significava existência jurídica e código de leis locais.

Caminho. A dinâmica do comércio promoveu a “circulação de homens, mercadorias e ideias” transformando a dinâmica de vida – do rural para o urbano – favorecendo, principalmente, a cidade de Compostela.⁶⁵ O medievalista Francisco Ruiz Gómez (1994, p. 181) salienta que pelos anos de 1105 “a cidade vivia um importante desenvolvimento do comércio e do artesanato motivado pelas peregrinações”.

No entanto, todos os fatores antes mencionados tão somente se tornaram possíveis graças à crença de que os restos mortais do apóstolo Tiago jaziam na parte inferior do altar da igreja de Compostela. A atração de peregrinos deve-se sobremaneira a isto, como em menor grau à existência de santuários menores nos diferentes caminhos que davam acesso à referida cidade.⁶⁶ O próprio senhorio compostelano concentrava, em suas igrejas, outras importantes relíquias que impulsionavam ainda mais o fluxo de fieis devido à riqueza e variedade dos corpos santificados, gerando abundantes meios financeiros com os quais pôde dispor o bispo nas suas jornadas (AMARAL, 2013, p. 38). Nesse sentido, o episódio envolvendo o furto das relíquias bracarenses foi extremamente relevante, pois, por meio de tal ação Gelmírez buscava não apenas enfraquecer qualquer possibilidade de Braga a vir se tornar um grande centro de peregrinação como também, em contrapartida, aumentar o número de corpos santos a serem visitados fortalecendo as peregrinações a Compostela. As relíquias subtraídas, em especial as de são Frutuoso (?-665), patrono da terra portuguesa, roubadas pelo bispo de Santiago foi um duro golpe na atração de peregrinos ao sul do Miño.

3.2 O furto das relíquias de Braga: a afirmação de um bispo

Sem relíquias não existe peregrinação, caso tomemos como referência o significado medieval da palavra peregrino. Os deslocamentos humanos em direção aos santuários eram feitos, em grande medida, pelas importantes relíquias que ali se conservavam, assim como pela crença de que Deus atuava por meio desses objetos sagrados promovendo a cura e a redenção dos pecados. O professor Fernando López Alsina adverte que:

⁶⁵Sobre o desenvolvimento de núcleos urbanos nos territórios ibéricos cortados pelo Caminho de Santiago, ver: RUIZ GÓMEZ, Francisco. El camino de Santiago: circulación de hombres, mercancías e ideas. *IV Semana de Estudios Medievales de Nájera*, 1994, p. 167-188.

⁶⁶No século XII, eram vários os caminhos que desde a França confluíam em *Puente la Reina* e levavam a Igreja de Santiago de Compostela. Cf. *LSI*, 1999, Libro V, cap I, p. 497. O *guia do peregrino* (1999, p. 524-49) também faz questão de descrever os santuários menores existentes pelo caminho, segundo Rucquoi, com o propósito de “buscar os peregrinos nos lugares que se encontravam”. Cf. RUCQUOI, Op. cit. p. 100.

La posibilidad de tocarlas [reliquias], o simplemente de acercarse hasta el lugar donde se guardaban, constituía una oportunidad excepcional para entrar en contacto con el más allá y, sobre todo, para beneficiarse de los poderes intercesores del santo, tanto más eficaces cuanto más cerca de los restos se le invocase (LÓPEZ ALSINA, 1988, p. 120).

As relíquias possuíam poderes ilimitados porque os santos eram partícipes da substância divina. Segundo a doutrina de são Gregório Nazianzeno (329-389), “o que toca ou venera os ossos de um mártir participa da virtude e graça que reside neles e que é a mesma do Poder que tem sua santa alma” (MARTÍN ANSÓN, 1994, p. 794). Nessa direção, José Sánchez Herrero (2005, p. 56), enfatiza: “pouco importa que se trate do seu corpo inteiro ou de umas partes pequenas, o santo está por inteiro em sua relíquia porque a substância divina é indivisível”. “Eram esses os fundamentos implícitos do culto das relíquias, partículas de um corpo santificado e fragmentado que, a semelhança de Cristo, não deixava, porém, de ser fonte de vida e promessa de regeneração” (VAUCHEZ, 1989, p. 223).

Além de possuírem essa característica taumatúrgica, as relíquias forneceram aos seus detentores, especialmente, aos grandes centros de peregrinação, relevância política e eclesiástica diante das demais igrejas da Cristandade no período medieval, como foi o caso de Compostela. O furto das relíquias promovido por Gelmírez, na sua viagem pastoral a Braga, com o intuito de cuidar das igrejas que pertenciam juridicamente a Igreja de Santiago, enquadra-se nessa perspectiva de afirmação - exercício da autoridade - e ganho de poder tanto em uma perspectiva regional quanto supra-regional.

Apesar de a sé compostelana possuir a *isenção metropolitana*⁶⁷ concedida pelo papa Urbano II (1088-1099), em 1095, que a ligou, diretamente, a Roma, tornando-a membro especial da sede apostólica, tal igreja se encontrava em um grau de inferioridade à Igreja de Braga na hierarquia eclesial, pois era o arcebispo dessa diocese o responsável pela província eclesiástica que Compostela integrava.⁶⁸ O bispo de Santiago se dirigia a Roma, mas o *pallium* se encontrava em Braga.

A sé bracarense havia sido reconquistada em 1071 e elevada a arcebispado na última década do século XI. Em bula papal do ano de 1099, Pascual II (1099-1118)

⁶⁷ Tal dignidade representava a ligação direta com Roma, por outras palavras, não havia intermediários na hierarquia eclesiástica entre o bispo de Compostela e o papa.

⁶⁸ Cf. HC, 1994, Libro I, cap. XVII, p. 104. A título de exemplo da soberania do arcebispo de Braga na região podemos citar as consagrações como bispo de Nuño Alfonso e Hugo, ambos canónigos da igreja de Santiago, por dom Mauricio em 1113. Cf. HC, 1994, Libro I, cap. LXXXII, p. 197-200.

“dirigia-se a todos os bispos hispânicos informando-lhes da restauração de Braga e do reconhecimento como arcebispo que a sede apostólica atribuía a pessoa do seu metropolitano Geraldo de Moissac” (AYALA MARTÍNEZ, 2008, p. 352). Quando Gelmírez promove o furto de relíquias na diocese bracarense deixa bem claro sua autonomia diante do arcebispo e, portanto, sua ligação direta a Roma. Nas palavras de Ermelindo Portela Silva (2014, p. 103), “se trata, em efeito, de um ato de afirmação própria que expressa, em primeiro lugar, a dependência direta a santa sé e, portanto, a independência frente ao novo arcebispo que se exerce inclusive na própria cidade deste”.

Além disso, se por um lado, o furto das relíquias foi um ato de demonstração de força de Gelmírez e de afirmação da sua independência perante Braga, por outro, serviu para minar o plano de transformá-la em um importante santuário europeu. Como expressa Silva (2014, p. 103), “o pio latrocínio buscou aumentar ainda mais a diferença mediante a translação dos corpos dos santos, particularmente, de são Frutuoso, que era para Braga enquanto santuário e lugar de atração de peregrinos, uma perda importante”. Por outras palavras, houve por parte do bispo de Santiago uma tentativa de diminuir o poder da diocese bracarense e impedi-la de disputar com Compostela o posto de principal centro de peregrinação ibérico. As justificativas atribuídas a Gelmírez, pela *HC*, para a realização do *furtum sacrum* se fundamentaram na carência de culto e das honras devidas às relíquias nas terras que jaziam. As palavras conferidas ao bispo foram:

Hermanos queridísimos, sabéis que hemos venido aquí para, si hubiera algo destruido o desordenado en estas iglesias y heredades, restaurarlo y ordenarlo con nuestra presencia y mejorar lo que está mal. Pero ahora no se oculta a vuestra diligencia lo que se encuentra en condiciones inconvenientes, pues veis que yacen en ellas muchos cuerpos de santos desordenadamente sin que sean venerados por culto alguno, sino desnudos y a la vista pública, y no ignoráis que carecen de la debida veneración (*HC*, 1994, p. 95).

O argumento das condições inconvenientes materializadas na desordem dos corpos santos e na ausência de cultos a eles prestados, tornaram-se os motivos oficiais para a realização dessa “obra pia” por Gelmírez. Provavelmente, para os expedicionários compostelanos as justificativas eram justas e o furto foi visto como um ato de caridade e compaixão, “motivado por inspiração divina” (*HC*, 1994, p. 96). O relato apresentado pela *HC* que faz menção aos furtos enaltece o bispo destacando o seu

grande respeito e sentimentos aflorados mediante o recebimento das relíquias, o qual não poderia ser diferente, pois Gelmírez além de idealizador e protagonista, também era o financiador da obra. De acordo com a *HC*: “(...) depois de dirigir-se ao sepulcro de santa Susana⁶⁹, virgem, [Gelmírez] recebeu seu venerável corpo em meio a soluços, lágrimas e suspiros (...)”⁷⁰.

Ainda na igreja de santa Susana, Gelmírez, após

[...] celebrada la misa revestido con los sagrados ornamentos, se dirigió temblando a los mausoleos de los mártires, San Cucufate⁷¹ y San Silvestre⁷², que reposaban en la misma iglesia [Santa Susana] y sacó a escondidas sus gloriosos cuerpos, envueltos en un limpio sudario, de unos sarcófagos poco adecuados y con gran reverencia hizo que fueran llevados a su aposento por medio de siervos idóneos y fieles, sin que lo supieran los demás, y ordenó que allí fueran guardados fielmente (*HC*, 1994, p. 96).

O temor de Diego Gelmírez não era só com relação às relíquias, mas também com os clérigos e os fiéis da sé de Braga, lesados pela perda desses corpos sagrados que eram de grande interesse para a projeção da sua igreja enquanto centro de peregrinação em solo ibérico. O traslado das cinzas do corpo de São Frutuoso foi, certamente, o momento de maior receio enfrentado pelo bispo, afinal se tratava do *defensor et patronus* das terras portuguesas. Frutuoso⁷³ era para Braga o que Santiago era para Compostela.⁷⁴ Conforme a *HC*:

Después de dos días, llegaron a la iglesia de San Frutuoso y allí celebró solemnemente una misa. Y al acabar la misa, vestido con los sagrados ornamentos, se acercó a su sepulcro. Y puesto que San Frutuoso era el defensor y patrón de aquella comarca, con piadoso latrocinio lo sacó con mayor temor y silencio de su iglesia que él mismo había construido cuando aún vivía, y una vez robado lo entregó a sus fieles guardianes para que fuera custodiado y, a pesar de que

⁶⁹Recebeu o martírio por volta do ano 293, pois se recusava a casar devido ao voto de castidade que havia feito.

⁷⁰Cf. *HC*, 1994, Libro I, cap. XV, p. 96.

⁷¹Nasceu na província romana de Cartago por volta do ano 270 e pregou o cristianismo, principalmente, na região da Catalunha, onde se crê que foi executado.

⁷²Foi Papa entre os anos 314 e 335, portanto no período em que Constantino governava Roma e punha fim às perseguições aos cristãos. Um dos eventos mais importantes do seu pontificado foi o concílio de Nicéia em 325 no qual foi rechaçada a doutrina do bispo Ário e formulado o *Credo Niceno*. Foi um dos primeiros santos a ser canonizado sem o padecimento do martírio.

⁷³Viveu durante o século VII no reino Visigodo. A sua origem no clero regular permitiu que após a sua morte fosse redigido a *Vita Sancti Fructuosi*. Nela temos ensinamentos de aspectos da vida monástica praticados pelo santo. Frutuoso também construiu uma igreja no entorno de Braga na qual estavam suas relíquias até serem furtadas pelo bispo Diego Gelmírez, em 1102.

⁷⁴Cf. FLECTHER, Op. cit. p. 144.

había ocultado a todos este hecho, excepto a los que conocían la decisión, la noche siguiente de ninguna manera pudo el obispo dormir con seguridad, pues temía perder lo que se alegraba de tener consigo. Pero una vez que amaneció y supo que no se había difundido lo que había hecho, regresó de prisa como emprendiendo la huida y llevó con gozo y alegría su tesoro oculto a una villa de Santiago que se llama Cornelhá (*HC*, 1994, p.96-7).

Todas estas relíquias retiradas de Braga serviram para fortalecer e aumentar o poder senhorial-episcopal do bispo compostelano promovendo ainda mais as peregrinações a Compostela. A energia divina do santuário jacobeu havia ganhado um significativo reforço. A crença era de que as intercessões dos santos eram tão mais possíveis quanto maior fosse o número de relíquias concentradas. A *HC* não ignora isto, os habitantes da cidade Compostelana se regozijavam e “certamente compreenderam que iriam se livrar de toda peste ou enfermidade pelos méritos e intercessões destes [santos furtados de Braga] como pelo piadosíssimo patrocínio de Santiago apóstolo, cuja presença do seu corpo se gloriava a cidade de Compostela” (*HC*, 1994, p. 98).

As relíquias furtadas de Braga foram, prontamente, reivindicadas pelo arcebispo dessa diocese ante o papa, Pascual II. Todavia, Gelmírez contava a seu favor com a doação feita no ano de 883 da igreja de São Frutuoso ao senhorio compostelano e, além disso, com a confirmação e extensão da isenção metropolitana aos territórios pertencentes à igreja de Santiago situados fora do seu território diocesano, portanto o bispo atuava respaldado pelo direito.⁷⁵ Não obstante, ainda assim Pascual o advertiu, explicando-o “com toda claridade a diferença entre direitos de propriedade transferidos pelos doadores e direitos propriamente eclesiásticos; correspondem estes últimos exclusivamente ao bispo do lugar” (SILVA, 2014, 103-4). Apesar das admoestações, o papa deu a entender na bula *Et fratrum relatione* que “a perda das relíquias representava uma espécie de preço a pagar pela recuperação das igrejas” (AMARAL, 2013, p. 38) de São Vitor e São Frutuoso. Explicamos. Parte das paróquias de São Vitor e São Frutuoso pertencia ao senhorio Compostelano e para a resolução da contenda patrimonial, o bispo de Roma determinou sua devolução a diocese bracarense.⁷⁶

⁷⁵ Cf. *HC*, 1994, Livro I, cap. XIV, p. 93-4.

⁷⁶ Vale ressaltar que no século passado partes das relíquias foram devolvidas a Braga. Segundo o Senhor Cônego Eduardo Melo, “efectivamente em 1966, em tempos do Arcebispo de Santiago Quiroga Palacios parte das relíquias de S. Frutuoso foram devolvidas a Braga. E em 1994 foram repartidas fraternalmente entre as duas Sés as relíquias (alguns ossos) de S. Cucufate, S. Silvestre e Santa Susana”. Cf. SILVA, Francisco Ribeiro da. Felipe II e Portugal. In: *Filipe II de Espanha, Rei de Portugal* (Colectânea de documentos filipinos guardados em Arquivos Portugueses), 2 vol.s, Zamora, Fundação Rei Afonso Henriques, 2000, p. 264, nota 76.

Pascual II foi conciliador na sua decisão, procurou não dar dimensões maiores ao furto das relíquias, pois o seu executor era um importante aliado. Se por um lado, Braga obteve totalmente as Igrejas de são Vitor e são Frutuoso, por outro Gelmírez, fortaleceu ainda mais Compostela como um dos maiores e mais importantes santuários da cristandade no qual convergia um número cada vez maior de fieis. O crescimento exponencial das peregrinações ao noroeste da Galiza teve repercussões não apenas no campo religioso, mas também no político e econômico. De acordo com o medievalista Luís Carlos Amaral (2013, p. 38), “grande parte do sucesso e do poder de D. Diogo Gelmires resultou dos abundantes meios financeiros de que pôde dispor, proporcionados pelo significativo crescimento do número de peregrinos que, oriundos de todos os cantos da Cristandade, rumavam ao túmulo do Apóstolo”. A universalidade da ação apostólica de Tiago por meio dos milagres operados sobre aqueles que o rogavam de regiões distantes e/ou, sobretudo aos que acudiam ao seu sepulcro, foi o argumento nevrálgico nas articulações políticas gelmírianas com o papado na promoção da sua sé.

Para Roma, era, extremamente, interessante estar vinculada a liderança deste importante centro de peregrinação; aliás, a difusão do culto jacobeu encontrou no papado um dos seus incentivadores. A título de exemplo, a coleção dos *milagres de Santiago* que compõe o *LSI* foi construída em plena sintonia com as alterações litúrgicas em andamento desde 1080. Isto, obviamente, se reverteu em um respeito por parte do bispo compostelano ao papa. O caso aqui não é defender uma pretensa autoridade exigida pelo papado e obedecida, benevolmente, em Compostela. Todavia, o é destacar a importância que Roma teve em chancelar a ascensão eclesiástica da igreja de Santiago devido, entre outras causas, a sé apostólica galega tê-la tomado como referência nos rituais litúrgicos e na disciplina, bem como se nutrido do bispo romano para angariar distinções e importância em solo ibérico.

3.3 Os caminhos de Santiago e a latinização litúrgica

As peregrinações ocupam lugar importante pelas consequências políticas, culturais, artísticas e econômicas. Os caminhos que levavam a Compostela foram muito mais que meras rotas de viagem, eles provocaram transformações profundas nos diversos aspectos da vida no norte da Península Ibérica. No que tange, especificamente, a mudança de rito, Rucquoi (1981, p. 99) sustenta que “por meio dos que peregrinavam foi se difundindo tanto as heresias como as novidades ‘ortodoxas’ da religião”. As rotas

jacobéias, em especial o itinerário francês, devem ser interpretadas como importantes veias da latinização litúrgica. Os contatos estabelecidos em virtude dos caminhos de peregrinação foram à principal forma pela qual a liturgia romana se propagou.

O *Liber Santi Iacobi*, elaborado para ser um dos principais aportes das peregrinações à Santiago no universo prático (indicando os caminhos, os alojamentos, as águas de certos rios que podem ser bebidas e as que devem ser evitadas), religioso-litúrgico (milagres, homilias, orações e ritos) e político-legitimador (pretensões compostelanas oriundas do reconhecimento da apostolicidade da sua cátedra) foi escrito em sintonia com as demandas da latinização litúrgica e, por conseguinte, da tradição apostólica romana, especialmente no referente a primazia de Pedro sobre os territórios ibéricos. A tomada da igreja de Roma como referência, visou claramente os resultados provenientes de tal postura. A atribuição da autoria do *Liber* ao papa Calixto II (1119-1124) é um bom exemplo disso.

O décimo sétimo milagre narrado no *Livro dos milagres* que por sinal é o mais extenso dos vinte e dois é ilustrativo a esse respeito⁷⁷. A sua autoria foi atribuída a santo Anselmo (1033-1109), arcebispo de Canterbury. Segundo ele, perto de Lyon vivia um rapaz com a mãe já anciã. Fiel devoto de Santiago ia todos os anos em peregrinação a Compostela para oferecer suas oferendas. Era casto, no entanto, com o tempo deixou-se levar pelos prazeres da carne e teve relações sexuais com uma jovem, justamente, na noite que antecedeu o início de uma de suas peregrinações. De momento, não considerou o que havia feito a noite como algo anormal, pecaminoso. Ao amanhecer, conforme havia planejado, partiu com alguns companheiros em direção a Compostela. Após alguns dias de caminhada o demônio descontente com a paz existente no grupo de peregrinos passou a intervir. Tomou a forma de homem e se apresentou ao rapaz como sendo Santiago. Com essa caracterização chamou a sua atenção dizendo:

Has de saber que estaba muy contento contigo, por que esperaba ciertamente muy bien de ti. Mas hace poco, antes de salir de tu casa fornicaste con mujer y desde entonces no te has arrepentido de ello ni o has querido confesarlo. Y así te pus este en camino con tu pecado como si tu peregrinación fuese grata a Dios y a mí. No es eso lo que debe ser. Pues todo el que por mi amor quiere peregrinar debe manifestar antes sus pecados en una humilde confesión y hacer luego penitencias de ellos peregrinando y de quien obre de otro modo la peregrinación será mal vista (LSI, 1999, p. 368).

⁷⁷ Parte das discussões apresentadas neste tópico *Os caminhos de Santiago e a latinização litúrgica* foi resultado de diversas conversas com o Prof. Dr. Adailson José Rui, o qual enviou para a publicação o artigo *O Caminho de Santiago no século XII: espaço de propagação dos ideais reformistas da Igreja*.

Antes de continuarmos, chamamos a atenção de que a lembrança do ato sexual como pecado foi apresentada pelo demônio. O jovem cristão e devoto de Santiago tinha feito o ato na véspera da peregrinação e não havia sentido que cometeu uma falta. A noção do pecado foi transmitida a ele, conforme a narrativa, pelo demônio na forma de Santiago. Será esse alerta do demônio que passará a incomodar o rapaz. No *Liber Sancti Iacobi*, como um todo, são encontrados vários relatos atribuídos a homens da Igreja que fazem menção ao sexo como pecado. Nesse milagre, os autores do *Liber* atribuem ao diabo, disfarçado de Santiago, a função de lembrar ao rapaz que a prática sexual é um pecado.

Voltando ao relato do milagre, o arcebispo nos informa que o jovem passou a ficar incomodado e a sentir o peso da falta cometida. Diante dessa situação planejou voltar para casa e ir até o padre da localidade para confessar o delito cometido. Percebendo os planos do rapaz, novamente o demônio voltou a lançar vários questionamentos, aumentando o peso da culpa e a preocupação dele em conseguir se redimir da falta cometida. Eis os questionamentos apresentados pelo demônio ao rapaz:

¿Qué es que piensas en tus adentros, volver a tu casa y hacer penitencia para tornar después a mí dignamente? ¿Crees que un pecado tan grande puede borrarse con tus ayunos e tus lágrimas? Estás muy errado, cree en mis consejos y te salvarás. Pues de otro modo no podrás salvarte” (LSI, 1999, p. 368).

A intensidade da noção de pecado atribuída ao ato sexual foi tamanha que fez com que o rapaz, aconselhado pelo falso Santiago, aceitasse a solução por ele apresentada: “se deseja se limpar totalmente da sua culpa, corta-te em seguida as partes viris com que pecou” (LSI, 1991, p. 368). Tal solução é entendida pelo rapaz como suicídio, prática também condenada pela Igreja, para a qual, somente Deus tem o poder de decidir quando e como alguém deve morrer. Ciente disso, o rapaz interroga aquele que pensa ser Santiago, porém foi convencido por esse a por em prática a solução antes mencionada crente de que quem o aconselhou foi, verdadeiramente, Santiago. Conforme a narrativa:

[...] sencillo peregrino se animó a llevar a cabo la fechoría y por la noche cuando dormía sus compañeros sacó un cuchillo y se amputó las partes viriles. Y vuelta luego la mano alzó el hierro y echándose contra su punta se traspasó el vientre (LSI, 1991, p. 369).

Na continuação da narrativa do milagre são apresentadas as consequências da morte do rapaz em dois campos: um terreno e outro no além. No terreno é destacado o choque dos companheiros que acordam com o barulho dos gemidos do rapaz. Com o receio de serem acusados de terem sido eles os responsáveis pelos ferimentos apresentados pelo rapaz, fogem deixando-o sozinho envolto em sangue. Com o amanhecer, o corpo é encontrado e levado para uma igreja. Enquanto o corpo repousa na igreja, preparam a cova para sepultá-lo. Porém, o sepultamento não aconteceu, pois o morto ressuscitou e, ciente que havia sido enganado pelo demônio que havia tomado a forma de Santiago, conta o que presenciou enquanto estava morto. Por meio desse artifício o autor da narrativa do milagre relata a experiência vivida pelo peregrino no além. Conforme o relato:

Después que me quité la vida y mi alma fue expulsada del cuerpo, vino a mí el mismo maligno espíritu que me había engañado trayendo consigo en gran tropel de demonios. Y al instante me arrebataron sin compasión y llorando y dando lastimeras voces me llevaron a los tormentos (*LSI*, 1999, p. 369).

No entanto, o verdadeiro Santiago aparece para intervir nesse processo. A narrativa foi enriquecida com um diálogo entre o bem representado pelo santo e o mal pelos demônios. Quem relatou tal diálogo foi o próprio peregrino que assistiu a conversa. Segundo ele, Santiago voando seguiu os demônios que carregavam a sua alma e quando se aproximou disse a eles:

¿De dónde venís y adonde vais? Y contestaron ellos: Eh, Santiago, a la verdad aquí nada toca. Pues nos ha creído tanto que se mató a sí mismo. Nosotros le persuadimos, nosotros le engañamos, a nosotros nos pertenece. Mas él replicó: Nada respondes de lo que os pregunto, sino que jactáis y alegráis de haber engañado a un cristiano. Pero tendéis mala recompensa, porque es un peregrino mío ese de cuya posesión os jactáis. A lo menos no le llevaréis impunemente (*LSI*, 1999, p. 370).⁷⁸

Conforme a narrativa, o poder e a universalidade de Santiago são tamanhos que faz com que os demônios que carregavam a alma do rapaz o acompanhassem até Roma,

⁷⁸ Como recurso de persuasão daquilo que narrava, o peregrino oferece inclusive uma descrição física de Santiago: “y me parecía Santiago joven de aspecto gracioso, delgado y de color quebrado, vulgarmente dicho moreno” (*LSI*, 1999, p. 370).

justamente, a um determinado lugar onde estava havendo uma assembleia de santos presidida pela Virgem Maria. Uma vez diante dela, nos conta o peregrino:

Ante ella se presentó en seguida el santo Apóstol, mi piadosísimo abogado, y delante de todos clamó de qué manera me había vencido la falacia de Satán. Y ella volviéndose al punto a los demonios dijo: Ah desgraciados, ¿qué buscabais en un peregrino de mi Señor e Hijo y de Santiago su leal? Ya podría bastaros con vuestra pena sin necesidad de aumentar-la por vuestra maldad (*LSI*, 1999, p. 370).

A ação da Virgem Maria fez com que os demônios fossem dominados por um grande temor e por ordem dela, a alma do rapaz, retornou ao corpo. Diante disso, relatou o peregrino: “tomando-me, pois, Santiago me restituiu imediatamente a este lugar. Desta forma morri e ressuscitei” (*LSI*, 1999, p. 370). O poder do apóstolo Tiago não estava circunscrito a Compostela, lugar onde seu corpo se encontrava, a sua atuação como ministro de Deus estava disseminada em toda a cristandade.

A narrativa não termina nesse ponto, continua com o rapaz ressuscitado dando provas do sofrimento passado e testemunhos que demonstram a surpresa daqueles que o tinham como morto vendo-o com vida. O desfecho ocorre com a afirmação que enfatiza a autenticidade do milagre relatado. Segundo o relator, o abade Hugo de Cluny viu tanto o rapaz como as marcas que testemunhavam o ocorrido. Segundo ele: “o reverendíssimo Hugo, santo abade de Cluny, viu com outros muitos a esse homem e todos os sinais de sua morte, e afirmou tê-lo visto com frequência para admirar-lhe, segundo se conta” (*LSI*, 1999, p. 371).

A temática do pecado em função dos desejos da carne – sexo - se faz presente, no entanto, é importante enfatizar que esse não é o problema que faz com que Santiago intervenha. O ato sexual vivido pelo rapaz em nenhum momento foi apresentado pelo santo ou mesmo pela Virgem Maria como pecado, aliás, esse tema não é mencionado. A ênfase foi dada ao papel desempenhado pelas forças do mal, pois, foram elas que geraram os problemas, uma vez que, por meio de suas artimanhas conseguiram enganar e persuadir, nesse caso específico, a um peregrino a cometer uma falta contra a religião. Conforme o milagre, o pecado cometido somente aparece como sendo um erro contra os valores cristãos quando o demônio o lembra; o personagem que propicia Santiago desempenhar o seu papel de protetor era, inicialmente, inocente em relação ao pecado da luxúria. O relator do milagre tem interesse em apresentar elementos que expressam os valores cristãos e a tentativa de centralização do poder da Igreja em Roma. A ideia é

apresentá-la como centro decisório da cristandade, pois foi em tal cidade que ocorreu a *assembleia de santos presidida pela Virgem Maria*.

O *LSI* é uma obra compostelana.⁷⁹ Foi elaborado pelo círculo de religiosos que trabalhavam junto a Diego Gelmírez pela glória do apóstolo Tiago e pela exaltação da sua sé. O nosso olhar não pode perder de vista as suas aspirações, Gelmírez desejava que o papado outorgasse à igreja de Compostela um estatuto preeminente sobre as demais igrejas ocidentais, a primazia das igrejas ibéricas era um dos seus principais objetivos. Orientado por uma política de valorização, distinção e projeção em meio as Igrejas Ibéricas da sé de Compostela mediante acordos com Roma, Gelmírez não poupou esforços e recursos para obtenção de dignidades que lhe lançassem em uma posição privilegiada na hierarquia eclesiástica. Talvez a mais importante das suas jornadas e a que tenha demandado um maior volume de recursos materiais tenha sido a empresa que culminou com conquista da *dignidade metropolitana*. A *benedictio*⁸⁰ requerida pelo papa Calixto II fez Gelmírez valer-se do tesouro de Santiago, como destaca a *HC*.⁸¹ Segundo Emma Falque Rey (1994, p. 305, nota 45), “as grandes quantidades de ouro e prata enviadas ao papa em conceito de esmolas ajudaram sobremaneira a Gelmírez conseguir seus propósitos”.

O dispêndio de esforços e riquezas, promovido por Gelmírez, tornou possível a realização de um dos seus principais sonhos: a elevação da Igreja de Santiago à condição de arcebispado. As riquezas proporcionadas pelas peregrinações foram importante meio de recursos financeiros do bispo, no entanto, os esforços no campo diplomático não foram menos dispendiosos⁸². A desarticulação entre as sés de Compostela e Roma em tempos anteriores, abordada no capítulo primeiro desta dissertação, dificultou a outorga da dignidade metropolitana à Igreja de Santiago, o que se tornou possível mediante a aproximação e o desenvolvimento de uma política que visava atender aos interesses recíprocos das duas sés.

⁷⁹ Cf. LÓPEZ ALSINA, Fernando. Diego Gelmírez, las raíces del Liber Sancti Jacobi y el Código Calixtino. In: LÓPEZ ALSINA, Fernando; MONTEAGUDO, Fernando; VILLARES, Ramón; PERRÍN YZQUIERDO, Ramón (coord.). *O século de Xelmírez*. Santiago de Compostela: Consello de Cultura Galega, 2013, p. 324.

⁸⁰ Termo utilizado para se referir as somas exigidas pela chancelaria pontifícia nos trâmites eclesiásticos.

⁸¹ Cf. *HC*, 1994, Libro II, cap. XVI, p. 331.

⁸² *Ibidem*, Libro II, cap. III-XVI, p. 300-34.

4 DIEGO GELMÍREZ, FORÇAS LOCAIS E ROMA: A CONSOLIDAÇÃO DA IGREJA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Diego Gelmírez⁸³ foi eleito bispo no dia primeiro de julho de 1100, no entanto a sua consagração ocorreu na Páscoa do ano seguinte, dia 21 de abril. A partir de então até a sua morte em 1140, somaram-se quarenta anos de intensa atividade senhorial-episcopal. Desde a sua entronização como bispo de Santiago, Dom Diego procurou exaltar o apóstolo Tiago e a sua cátedra sabendo que para lograr bons resultados precisava negociar junto à instância monárquica e papal. Os efeitos não tardaram em aparecer e Gelmírez conquistou uma série de dignidades que promoveram uma revolução na história político-eclesial da catedral compostelana.

4.1 Os antecedentes, a eleição e os primeiros tempos

Antes da sua eleição como bispo, Gelmírez administrou por duas vezes o senhorio (*honor*) da Igreja de Santiago de Compostela.⁸⁴ A primeira delas durante um ano, entre 1093 e 1094, momento que o bispado estava vacante desde a morte do abade Pedro, de Cardeña em 1090.⁸⁵ A segunda administração foi entre os anos de 1096 e 1100 quando, devido ao curto pontificado de Dalmacio, monge de Cluny (1094-1096), a sé compostelana também careceu de bispo. Gelmírez foi educado na escola catedralícia de Compostela e passou parte da sua *adolescencia* na corte real de Alfonso VI⁸⁶; a sua eleição para administrar o senhorio de Santiago foi, em razão, de ser homem de confiança tanto do monarca quanto do conde da Galiza, Raimundo de Borgonha.⁸⁷

⁸³ “Nasceu, provavelmente, no ano 1065 em Torres do Oeste ou Santiago numa respeitável família. Diego Gelmírez teve que ser pronto destinado para a carreira eclesiástica, recebeu sua educação na escola da Catedral de Compostela e esteve ademais algum tempo na corte de Alfonso VI. No seu regresso a Galiza voltou a cúria de Diego Peláez. Foi canônico da Igreja de Santiago, assim como *publicus notarius, scriptor, cancellarius, et secretarius y confessor* do conde Raimundo de Borgonha, entre princípios de 1090 e meados de 1094. Administrou o senhorio (*honor*) da Igreja de Santiago durante um ano (1093-4), no final da qual foi nomeado bispo Dalmacio, que morreu repentinamente em 1096. Uma vez mais foi nomeado administrador da diocese, administração que durou quatro anos (1096-1100). Foi eleito bispo de Compostela em 1100 e consagrado como tal no ano seguinte. Desde então até sua morte em 1140 ocupou a sede compostelana, primeiro como bispo e depois do ano 1120 como arcebispo”. As informações aqui apresentadas foram retiradas de *Historia Compostelana*. Introducción, traducción, notas y índices de Emma Falque Rey. Madrid: Akal, 1994, p. 9.

⁸⁴ *Ibidem*, Libro I, cap. IV, p. 79-80.

⁸⁵ *Ibidem*, Libro I, cap. III, p. 77-8.

⁸⁶ *Ibidem*, Libro I, cap. CIX, p. 258. / *Ibidem*, Libro II, cap. II, p. 299.

⁸⁷ Raimundo se casou com a filha do monarca Alfonso VI, a princesa Urraca, provavelmente, em 1090.

Antes de continuarmos, cabe salientar que o citado bispo Dalmacio foi o principal responsável por conseguir junto ao papa Urbano II a *isenção metropolitana* para a Igreja de Compostela.⁸⁸ Em missiva direcionada a ele em 1095, Urbano II, enfatiza que assim como Dalmacio, os seus sucessores não estejam “submetidos a nenhum metropolitano, exceto o de Roma, e que todos os que o sucederem na mesma sede sejam consagrados pela mão do pontífice romano, como especiais sufragâneos da sede romana” (HC, 1994, p. 81). A condição de sé favorecida por Roma implicou, entre outros fatores, na consagração do bispo de Santiago pelo papa gerando acordos, disputas e manobras políticas envolvendo o bispo romano na sucessão episcopal de uma das mais prestigiadas igrejas da Cristandade.

Da eleição de Gelmírez até a sua consagração se passaram dez meses. A justificativa pela demora na sua ascensão ao trono de Tiago deveu-se, certamente, à prerrogativa do bispo de Compostela em ser consagrado pelo bispo de Roma. O papado foi um importante aliado de Gelmírez na sua causa, o apoio de Roma era uma importante distinção nas pelepas eclesiásticas locais. A escolha de Diego como bispo de Santiago não foi livre de contestação e grupos opositores, “entre o clero compostelano devia haver um ou mais candidatos rivais. Possivelmente havia uma facção em Compostela que desejava o regresso de Diego Peláez” (FLECTHER, 1993, p. 141). O patrocínio do papa era de grande valia nessa disputa. Mais fundamental ainda era o apoio régio, Gelmírez era o candidato favorito da família real, o que não causa estranhamento haja vista o seu percurso de vida e a sua carreira profissional.

Nesse conturbado jogo político envolvendo o governo da diocese de Santiago às forças pró-gelmirianas penderam a balança para o seu lado, dando-lhe a vitória. Apesar de não ter sido possível a ida de Gelmírez a Roma para ser promovido às ordens sacras (*ad sacro ordines*) por Pascual II, ele foi, provavelmente, consagrado pelas mãos do bispo de Maguelonne, Godofredo, na igreja de Santiago, a pedido do papa.⁸⁹ A HC justifica que Diego Peláez vivia no reino de Aragão e que durante a ida ou à volta, Gelmírez poderia ser apreendido. A rivalidade criada pela disputa da sé de Compostela construiu uma poderosa inimizade entre os dois impossibilitando a passagem de Gelmírez por terras aragonesas.

⁸⁸ Cf. HC, Libro I, cap. V, 1994, p. 81.

⁸⁹ A *Historia Compostelana* não oferece informações precisas sobre qual foi o bispo que consagrou Diego Gelmírez e nem o local em que foi celebrada a cerimônia.

O apoio concedido pela monarquia a Gelmírez, o qual a *HC* destaca que cresceu no entorno régio sob os cuidados de Alfonso VI, assim como no nível da política local do conde Raimundo (1087-1107), que o fez seu chanceler e conselheiro de confiança, acrescido do amparo papal angariado pelo próprio Gelmírez (testemunhado em carta⁹⁰), formaram, além do suporte de parte dos clérigos e de importantes nobres galegos, o sustentáculo para a sua elevação ao posto de bispo da Igreja de Santiago de Compostela.⁹¹ Daí por diante, Dom Diego não mediu esforços para engrandecer Santiago. A glória e a exaltação do apóstolo foi sua principal estratégia. Gelmírez se fortaleceu, fortalecendo o seu culto.⁹²

Um dos seus primeiros atos como bispo foi requerer junto ao papa a confirmação da isenção metropolitana. Para isso enviou a Roma, Nuño Alfonso⁹³ e Gaufrido⁹⁴, ambos cônegos da igreja de Santiago. Estes receberam de Pascual II a confirmação de tal dignidade via carta que foi recolhida pela *HC*.⁹⁵ A ratificação de estar vinculado, diretamente, a Roma concedida ao bispo de Santiago foi fator importante nas suas empreitadas ao sul do Miño, como foi apresentado e discutido no capítulo anterior. Gelmírez se apoiou no papado para diferenciar-se regionalmente e atuar salvaguardado pela sua independência local deixando de lado o pudor para obter suas vitórias.⁹⁶ O fato de furtar as relíquias de Braga não pareceu ultrajante ou vergonhoso ao bispo de Santiago, aliás, o contrário. Sabemos das justificativas prestadas à posteridade pelo executor mediante a *Historia Compostelana*, todavia, na condição de investigadores, não podemos esquecer os seus objetivos, e/ou dos fins que visou alcançar.

O caso do *pium latrocinium* foi, virtualmente, resolvido por Pascual II e, Gelmírez não tardou em empreender viagem a Roma para obter a desejada *dignidade metropolitana* que colocaria a sé de Compostela em pé de igualdade com a sé de

⁹⁰ Cf. *HC*, Libro I, cap. VIII, 1994, p. 85-6.

⁹¹ O juramento prestado a Gelmírez, pelos setenta e dois canônicos da Igreja de Santiago, no dia 22 de abril de 1102, revela o sentimento de desconfiança que sentia o bispo por uma parte dos seus clérigos, certamente, aqueles que não apoiaram a sua candidatura e/ou estavam descontentes com as suas primeiras medidas como bispo, como foi o caso da destruição do altar velho da catedral. Cf. *HC*, Libro I, cap. XVIII, 1994, p. 107.

⁹² Cf. FLETCHER, Op. cit. p. 143.

⁹³ Um dos escritores da *Historia Compostelana*, no momento da viagem a Roma era cônego da Igreja de Santiago, pouco tempo depois foi seu tesoureiro e, por fim, ascendeu as ordens sacras tornando-se bispo de Mondoñedo.

⁹⁴ Era arqui-diácono da Igreja de Santiago.

⁹⁵ *HC*, Libro I, cap. XII, 1994, p. 90-1.

⁹⁶ Cf. FLETCHER, Op. cit. p. 239.

Braga.⁹⁷ Todavia, as intempéries do caminho novamente dificultaram o seu propósito de se encontrar com o papa. Desta vez, a *HC* notifica que o bispo, quando estava em *Tolosa*, ficou sabendo de emboscadas armadas pelos inimigos do rei Alfonso contra a sua pessoa.⁹⁸ Diante disso, Gelmírez enviou, repetidamente, Nuño Alfonso e Gaufrido a sua frente para laborarem pelos seus propósitos: a outorga do título de metropolitana à diocese de Compostela. Porém, como tinha alertado Hugo, abade de Cluny (1049-1109), ao bispo Gelmírez, a sé romana mantinha desconfianças em relação à Igreja de Compostela pelo seu passado desrespeitoso e indecoroso.⁹⁹

Apesar de não ter logrado a dignidade metropolitana, Gelmírez foi consolado com o signo de autoridade do *pallium*, o qual é concedido aos prelados que estão à frente de províncias eclesiásticas integradas por várias dioceses. Pascual II agiu com reservas às pretensões de Santiago, mas acenava que num futuro próximo o anseio do bispo poderia ser satisfeito. O *registrum* atribuiu ao papa as seguintes palavras: “Certamente é digno, queridíssimo irmão, teu projeto. É nobre e digna de ser escutada a sua petição, se Deus nos concede ocasião e lugar. Pois é justo que a igreja de Santiago seja honrada com o arcebispado ou com uma dignidade maior” (*HC*, 1994, p. 301).

Durante os primeiros anos do pontificado de Gelmírez é notável a guinada das relações entre Santiago e Roma.¹⁰⁰ Por mais que o discurso apologético da *HC* tente nos persuadir direcionando o nosso olhar para um papado onipotente e centralizador, o que se constitui um equívoco, o juramento de obediência prestado por Dom Diego ao papa não pode ser negligenciado, pois evidencia a sua perspicácia.¹⁰¹ Uma vez que, na prática a concessão do *pallium* não alterou a estrutura de obediências das dioceses galegas: o jogo político eclesial se mantivera como estava. Gelmírez possuía a insígnia de poder do metropolitano, isto é, o pálio, mas não possuía províncias eclesiásticas sob sua

⁹⁷ Além da carta atribuída ao papa Pascual II na qual concedeu o pálio ao bispo de Compostela que ficou subentendido o interesse de Gelmírez pela dignidade metropolitana: “(...) no debes, pues, de hacer el bien en su momento, pues recogerás a su tiempo, si no flaqueas” (*HC*, Libro I, cap. XVII, 1994, p. 105), a *Historia Compostelana* deixa claro, em outros momentos, as intenções do bispo ao conferir a ele as seguintes palavras: “Sabéis, hermanos, durante cuánto tiempo y con cuanto trabajo me he esforzado para ensalzar la iglesia de Santiago. Sabéis también cuál ha sido mi aspiración fundamental ya desde hace mucho tiempo: que la iglesia de Santiago fuese elevada a arzobispado” (*HC*, Libro II, cap. IV, 1994, p. 304). Em alguns capítulos anteriores já havia ficado explícito a busca de Gelmírez pelo arcebispado ou algo maior para a sua igreja. Cf. *HC*, Libro I, cap. CXVII, 1994, p. 291.

⁹⁸ *HC*, Libro I, cap. XVI, 1994, p. 101.

⁹⁹ Identificamos tal passado ao período anterior a aceitação do rito romano pela Igreja de Santiago de Compostela, como discorreremos no capítulo primeiro desta dissertação. A conversa do abade Hugo, de Cluny, com Gelmírez, conta em: *HC*, 1994, Libro I, cap. XVI, 1994, p. 102-3.

¹⁰⁰ Cf. FLETCHER, Op. cit. p. 236.

¹⁰¹ Cf. *HC*, 1994, Libro I, cap. XVII, p. 105-6.

circunscrição, no entanto, o vínculo com Roma estava selado. A *HC* narra o recebimento do pátio no ano 1104 com os seguintes termos:

Por fin, con la ayuda de la divina gracia y confiando en la misericordia de Dios, recibió religiosamente el palio que tanto había deseado, en el altar de la iglesia de San Lorenzo según la costumbre romana, y lo entregó para siempre por medio de este siguiente privilegio a la iglesia de Santiago (*HC*, 1994, p. 104).

Atentemo-nos para a necessidade dos escritores da *HC* em enfatizar que a cerimônia de concessão do pátio foi realizada segundo o costume romano. Tratava-se de deixar claro aos leitores da obra que a dignidade outorgada à Gelmírez ocorreu em uma cerimônia legítima. Santiago tomava Roma como referência e em troca recebia o pátio. Na obtenção de tal distinção eclesiástica os cônegos de Santiago, Nuño Alfonso e Gaufrido, tiveram papel de destaque, foram eles os responsáveis pelas intermediações diante das autoridades eclesiásticas romanas.

A respeito do seu cabido catedralício, Gelmírez, no segundo ano do seu bispado, aumentou de 24 para 72 o número de cônegos.¹⁰² “Constituía-se uma quantidade prodigiosa, e dá indicio, ainda que vago, da riqueza da sé compostelana, que podia manter tanta gente” (FLETCHER, 1993, p. 205). Além disso, Gelmírez contratou um professor de retórica visando aperfeiçoar a formação dos clérigos e reformou o refeitório e o dormitório melhorando as condições de vida da comunidade religiosa.¹⁰³ Os novos religiosos eram “educados no estudo das humanidades” e “versados na liturgia da igreja” e cada um possuía a sua semana de serviço no altar, isto é, a sua prebenda. A reformulação econômica e cultural do cabido feita pelo bispo era baseada nas igrejas francas, como tratou de assinalar Giraldo, o professor de retórica contratado e um dos autores do *registrum*. Segundo ele, “se dedicou [Gelmírez] a transplantar ali [igreja de Santiago] os costumes das igrejas de França” (*HC*, 1994, p. 302). Cabe dizer, antes de prosseguirmos, que a inspiração “francesa” de Gelmírez não se opunha aos costumes e práticas romanas. Aliás, o próprio papa Pascual II concedeu o privilégio de ordenar cardeais à igreja de Santiago, além de autorizá-los a utilizar “mitras com pedras preciosas como fazem os cardeais presbíteros ou diáconos da sede apostólica” (*HC*,

¹⁰² Ibidem, Libro I, cap. XX, p. 112-5. O número de setenta e dois canônigos foi, certamente, uma escolha deliberada fazendo referência aos setenta e dois discípulos escolhidos por Cristo. Cf. Lc 10: 1.

¹⁰³ Cf. *HC*, 1994, Libro I, cap. XX, p. 111. A contratação de um professor, provavelmente Giraldo, para lecionar retórica na escola da catedral de Santiago são sinais da tomada de orientação para além-Pirineus.

1994, p. 151), de modo a engrandecer e enobrecer ainda mais o capítulo compostelano.¹⁰⁴

Além das modificações estruturais e humanas feitas no cabido, Gelmírez implantou com o consentimento de Pascual II (na carta que concedia o *pallium* à igreja de Compostela, o papa reconhecia pela primeira vez a *translatio* do corpo do apóstolo Tiago desde Jerusalém à *Hispânia* e o repouso do seu corpo na cidade de Compostela, lugar onde era objeto de veneração e culto), uma liturgia própria para a grande festa do dia 25 de julho e para os dias da sua oitava inspirado nos costumes das igrejas de *Francia*, “(...) posto que do sul da França procede a liturgia ‘romana’, que se adota nas igrejas do reino de Leão” (LOPEZ ALSINA, 2011, p. 328).¹⁰⁵ O rito hispânico não possuía esse tipo de liturgia solene, Dom Diego fez questão de desenvolvê-la com o objetivo de que ela fosse lida em todas as igrejas da Cristandade. A divulgação de que as relíquias do apóstolo jaziam na Galiza impulsionaria grandes quantidades de fieis a visitá-lo e propagaria os seus prodígios. “A iniciativa do bispo compostelano pôs o apóstolo Santiago a altura dos demais grandes santos da Igreja com sua nova liturgia ‘romana’ para suas duas festas (...)” (LÓPEZ ALSINA, 2011, p. 336), tanto a do dia 25 de julho quanto à do dia 30 de dezembro. Enquanto a primeira exaltava a paixão do apóstolo, a segunda celebrava a sua vocação apostólica e o traslado do seu corpo para a Galiza.

Gelmírez pode exaltar e favorecer o culto a Santiago e a sua sé devido à posição e importância que, gradualmente, foi alcançando nos assuntos do reino. O bispo se transformou na figura mais decisiva dos últimos anos de Alfonso VI graças ao senhorio que exercia em vasta porção de terras e também ao seu precioso santuário para onde rumava um número cada vez maior de peregrinos em busca dos difundidos milagres do santo patrono. Alfonso teve papel fundamental na ascensão de Diego¹⁰⁶ que, dentre tantas outras concessões à igreja compostelana, outorgou-a “provavelmente em maio de 1107 o insólito privilégio de acunhação monetária” (AYALA MARTÍNEZ, 2008, p. 366).

Segundo Bruno Gonçalves Alvaro:

¹⁰⁴Ibidem, Libro I, cap. XIII, p. 92. Além da *Historia Compostelana* (1994, p. 151-2), o *Liber Sancti Iacobi* (1988, p. 569) também faz referência ao privilégio da igreja de Compostela em nomear cardeais e ademais salienta que somente bispos, arcebispos, o papa e os próprios cardeais da igreja de Santiago podem celebrar missa no altar do apóstolo Tiago.

¹⁰⁵ Além da festa do dia 25 de julho, Gelmírez e seus religiosos desenvolveram desde 1109-1110 a liturgia da festa do dia 30 de dezembro. Enquanto a primeira exaltava a paixão do apóstolo Tiago, a segunda celebrava a sua vocação apostólica e o traslado do seu corpo para a Galiza.

¹⁰⁶ Diego Gelmírez.

Tal privilégio, delegado a poucos senhores laicos ou eclesiásticos da Península Ibérica medieval, além de demonstrar a influência e poderio do senhorio episcopal compostelano, evidencia, mais uma vez, ainda, o caminho da legitimação do poder senhorial episcopal da Igreja de Santiago de Compostela, fundamentado tanto na autoridade episcopal como na obediência à monarquia (ALVARO, 2013, p. 116).

O poder senhorial-episcopal exercido por Gelmírez a frente do senhorio compostelano se formulou e se alargou mediante negociações e acordos com a monarquia. Porém, como a lógica feudal pressupõe um complexo vínculo de dependência, era necessária a contrapartida: exigia-se do bispo sua participação, junto ao exército real e/ou o seu apoio em pecúlio, nas campanhas militares.

Diego não hesitou em prestar serviços bélicos a Alfonso VI, como narra a *HC*¹⁰⁷, assim como doou e/ou emprestou dinheiro a Urraca e a Alfonso VII;¹⁰⁸ ele tinha clareza de que o favor régio vinha acompanhado de comprometimento diante das causas reais. A autoridade e legitimidade do poder senhorial-episcopal de Gelmírez se fortaleceu durante os derradeiros anos de Alfonso VI. Todavia, a sua morte em 1109 foi um duro golpe na complexa política gelmiriana de exaltação da sua sé episcopal. O apoio conferido pelo monarca a Dom Diego em suas jornadas contrapôs-se aos turbulentos e conflituosos anos de governo da rainha, Urraca (1109-1126). As disputas envolvendo os direitos do seu filho, Alfonso Raimúndez, de governar colocaram aristocratas galegos em posições contrárias quando a rainha casou-se, no ano de 1109, com Alfonso I, de Aragão (1104-1134). O concílio de Leão, realizado em 1107 previa que caso a rainha se cassasse novamente o reino da Galiza iria para o seu filho: os partidários do infante não tardaram em defender tal direito.¹⁰⁹

O conde Pedro de Traba, um dos mais proeminentes nobiliários galegos, possuía junto a Gelmírez a custódia de Alfonso Raimúndez e, apesar de Diego ter se posicionado ao lado da rainha em um primeiro momento, ambos – conde e bispo - mostraram-se desfavoráveis ao seu casamento, sobretudo, após a carta do papa Pascual II na qual considerava incestuosa tal união (*incesta coniugii copula*).¹¹⁰ Estamos diante da lógica medieval na qual as relações pessoais são conduzidas pela necessidade política do momento (ALVARO, 2013, p. 125). As justificativas para a dissolução do enlace

¹⁰⁷ Diego Gelmírez, reuniu um exercito para acudir aos cristãos derrotados na batalha de Úcles na qual o único filho de Alfonso VI, Sancho Alfónsez, foi morto. Cf. *HC*, Libro I, cap. XXIX, 1994, p. 125.

¹⁰⁸ Cf. *HC*, 1994, Libro I, cap. LXXI, 1994, p. 179-80.

¹⁰⁹ *Ibidem*, Libro I, cap. XLVI, p. 153.

¹¹⁰ *Ibidem*, Libro I, cap. XLVII, p. 154-6.

matrimonial foram construídas a partir da consanguinidade existente entre os noivos, no entanto, não foge a vista o interesse de Gelmírez e do conde de Traba de governarem o reino da Galiza por meio da prerrogativa de tutores do menino Alfonso.¹¹¹

As separações de Alfonso, o batalhador, e Urraca não alteraram a situação conflituosa existente na Galiza, ao contrário disso, as idas e vindas inflamaram ainda mais as relações entre os agentes históricos envolvidos.¹¹² A aliança firmada entre Gelmírez e Pedro encontrou na rainha sua principal oposição; Urraca desejava retomar a tutela do seu filho e estava pouca propensa a dividir o governo dos seus territórios, não rejeitando o uso da força para impor sua autoridade e soberania.¹¹³ Os partidários da rainha, capitaneados pelo conde Arias Pérez, mantiveram o conde Pedro de Traba, a condessa de Traba, Dona Mayor e Alfonso Raimúndez aprisionados no *Castillo del Miño* (HC, 1994, p. 157) entre os meses de agosto e setembro de 1111. A causa do encarceramento, como atesta a HC, foi por conta de o conde Pedro haver retido a força, próximo a Castrojeriz, alguns homens “que faltavam ao juramento prestado ao filho do conde”, Alfonso Raimúndez (HC, 1994, p. 157), e também pela condessa ter desistido, devido orientação do conde de Portugal, Dom Enrique (1093-1112), de levar Alfonso a sua mãe. A reconciliação entre Urraca e o rei de Aragão não agradava ao alto clero nem tampouco as lideranças temporais do condado portugalense e do reino galego, esses defendiam os direitos sucessórios de Alfonso Raimúndez e queriam entronizá-lo como rei da Galiza.¹¹⁴

Diante do entrave, o bispo de Santiago foi chamado a intervir para que se alcançasse a paz. Todavia, também Gelmírez e os seus correligionários foram feitos prisioneiros a mando de Arias Pérez. Se por um lado, o que estava em jogo era o retorno de Alfonso a sua mãe, por outro, o bispo representava uma ameaça a hegemonia régia, além de os recursos advindos da sua liberação interessarem sobremaneira. Arias Pérez somente o entregou a sua custódia com a condição de que naquele mesmo dia lhe fossem entregues os castelos (HC, 1994, p. 166).

Uma revanche sangrenta para reaver a desonra sofrida era o caminho mais comum a ser tomado, porém não quando discorremos sobre a política senhorial-

¹¹¹ Alfonso I de Aragão e Urraca partilhavam de uma bisavó em comum. Cf. HC, 1994, Libro I, cap. XLVIII, p. 156-7, nota 411.

¹¹² A título de exemplo, a reconciliação celebrada entre Urraca e Alfonso, o batalhador nos meses finais do ano 1112 era apenas um pretexto para “arrebatar um ao outro com uma artificiosa maquinação castelos e fortalezas” (HC, 1994, Libro I, cap. LXXX, p. 194).

¹¹³ Cf. HC, 1994, Libro I, cap. XLVIII, p. 156.

¹¹⁴ Ibidem, Libro I, cap. C, p. 238.

episcopal levada a cabo por Dom Diego; sua estratégia era pautada na negociação com as forças senhoriais laicas, o seu plano era a proclamação de Alfonso como rei.

Apesar dos acordos e desacordos entre Gelmírez e Urraca durante os anos 1109 e 1113, é preciso salientar que o bispo ajudou militarmente a rainha em algumas oportunidades contra as agressões cometidas ao seu reino pelo rei aragonês¹¹⁵, as desconfianças de Gelmírez se acirraram quando ele soube que Arias Péres e seu cúmplice, Fernando Sánchez, estavam na corte régia (HC, 1994, p. 206). O desconforto e o sentimento de traição experimentado pelo bispo foram porque a própria Urraca havia lhe encomendado a captura deles e do restante dos seus aliados que promoviam roubos e destruições por toda a Galiza.¹¹⁶ Os rapinadores, tudo indica, foram perdoados pela monarca gerando questionamentos no bispo sobre até que ponto possuía o favor régio, não tardando em requerer da rainha um juramento de amizade.¹¹⁷

O desgaste ocasionado por essa situação ruminou em um complô articulado pela rainha tendo em vista, novamente, a apreensão de Gelmírez. Para a sorte do bispo o plano foi descoberto pelo conde Pedro Froílaz, que o revelou.¹¹⁸ Com a falha da empresa, Urraca foi obrigada a juramentar outra vez sua amizade a Gelmírez, assim como salientar a sua preocupação pela integridade do senhorio de Santiago de Compostela, como indica a HC.¹¹⁹ A rainha objetivava sequestrar o bispo e pedir o *honor* de Santiago, isto é, o complexo de terras e direitos que constituíam as propriedades do bispado, como resgate pela sua libertação (FLECTHER, 1993, p. 170).

As dificuldades financeiras que assolavam o reinado de Urraca fizeram-na, em tempos de guerras, como o eram esses (seja contra os almorávidas, seja contra Alfonso, o batalhador), pretender se apossar dos recursos eclesiásticos da Igreja de Santiago visando ao fomento das suas batalhas. Para não ser subtraído das suas propriedades, Gelmírez reivindicou da rainha outro juramento que reiterasse o cuidado e proteção por parte dela em relação ao senhorio compostelano.¹²⁰

A aparente concórdia teve fim quando Dom Diego ofereceu ao pequeno Alfonso Raimúndez o reino da Galiza, provavelmente, em 1115.¹²¹ Alfonso foi ungido rei em 1111 pelas mãos de Gelmírez na igreja de Compostela, a sua coroação apontava as

¹¹⁵ Ibidem, Libro I, cap. LXXIII, LXXXIII, LXXXVII, p. 181-3, 200-3, 210-1.

¹¹⁶ Ibidem, Libro I, cap. LXXII, LXXIV, p. 180-1, 183-8.

¹¹⁷ Ibidem, Libro I, cap. XC, p. 217.

¹¹⁸ Ibidem, Libro I, cap. CII, p. 243.

¹¹⁹ Ibidem, Libro I, cap. CII, p. 243-4.

¹²⁰ Ibidem, Libro I, cap. CIV, p. 247-8.

¹²¹ A *Historia Compostelana* afirma que foi o jovem Alfonso Raimúndez que requereu junto a Gelmírez o seu direito de governar o reino da Galiza. Cf. HC, 1994, Libro I, cap. CVIII, p. 255-6.

pretensões do bispo em vincular-se cada vez mais à instituição monárquica para alargar e consolidar sua eminente posição de senhor do maior senhorio episcopal da Península Ibérica (ALVARO, 2013, p. 129). Urraca, insatisfeita com a posição tomada por Gelmírez em relação ao seu filho, tentou novamente encarcerá-lo, mas outra vez viu seu plano malograr. A quebra do juramento de amizade viabilizou um novo encontro entre os exércitos. Porém, Gelmírez trabalhava em duas frentes, além dos conflitos com Urraca, tinha de acudir a revolta promovida pela burguesia urbana de Compostela, apoiada, naquele momento, pela rainha¹²²; perdendo o controle da cidade, o bispo não teve outra escolha a não ser encontrar-se com ela e propor a paz.

O compromisso de paz foi celebrado em Campos em 1116. Na reunião, o bispo recebeu um precioso presente da rainha como forma de reconciliação: a cabeça de Santiago, maior.¹²³ A princípio, Gelmírez, deve ter entendido tal regalo como uma afronta, afinal se contrapunha a versão oficial da *translatio* narrada pela *HC* (1994, p. 67) na qual está escrito “(...) recolheram o corpo com a cabeça (...)”. Porém, o bispo percebeu que entrar em Compostela acompanhado de tão importante relíquia - haja vista as circunstâncias ameaçadoras que se impunham - seria vital para desestruturar a revolta cidadina que afligia não apenas o seu poder senhorial-episcopal, mas a sua própria vida.

Um pouco antes de Gelmírez conseguir, com o apoio régio e de nobres galegos, por fim a revolta burguesa, no mês de outubro de 1116, Urraca convocou uma cúria geral em Sahagún que culminou com a divisão do reino de *España* entre ela e seu filho. Alfonso recebeu não o esperado reino da Galiza, mas uma zona na Extremadura (*Extremitas, Extrema*), local de conflito com os almorávidas, na região de Toledo.¹²⁴ Era um “presente grego”. Seja como for, o jovem monarca possuía um território para governar de forma independente e os três anos que se seguiram foram de relativa tranquilidade entre o bispo e a rainha possibilitando o apoio desta na busca de Gelmírez pela elevação da sua sé a categoria arcebispal.

¹²²Cf. *HC*, 1994, Libro I, cap. CIX-CXII, p. 257-269.

¹²³ *Ibidem*, Libro I, cap. CXII, p. 267-8.

¹²⁴ Segundo Emma Falque Rey, a Extremadura possuía, no século XII, um sentido mais amplo do que o atual e correspondia aos territórios cristãos fronteiriços. Cf. *HC*, 1994, Libro I, cap. LXXXIII, p. 200, nota 529.

4.2 Diego Gelmírez e a busca pelo arcebispado

Diego Gelmírez havia realizado algumas investidas pela outorga do título de metropolitano para a sua diocese durante o pontificado de Pascual II, mas os resultados não foram os esperados. Em uma das tentativas, aproveitando-se das restrições sacerdotais e episcopais feitas ao arcebispo de Braga, Dom Maurício, pelo papa em 1114¹²⁵, Gelmírez tentou subtrair a dignidade metropolitana da sé bracarense por meio de uma estratégia respaldada em uma nova disposição das igrejas ibéricas. Todavia, os momentos turbulentos vivenciados em território peninsular ocasionados pelo problemático matrimônio régio fundamentaram as justificativas do bispo de Roma para indeferir tal mudança.¹²⁶ A *Historia Compostelana* deixa transparecer os sentimentos do bispo de Santiago diante de tal situação, obviamente, de forma interessada. Para ele “parecia ultrajante e injurioso” o fato de que em todos os lugares que repousava o corpo de um dos apóstolos de Jesus Cristo existia o papado, um patriarcado ou ao menos um arcebispado, exceto na igreja de Santiago (*HC*, 1994, p. 300-1). A origem apostólica da igreja de Compostela e a sua condição de protetora das relíquias do apóstolo Tiago eram uns dos seus maiores trunfos quiçá os maiores, como apresentado no capítulo anterior desta dissertação, para reverter às negativas sofridas.

Gelmírez teve suas esperanças renovadas com a elevação ao trono de Pedro do seu amigo e aliado João de Gaeta. Esse antigo monge cluniacense foi defensor dos interesses do bispo compostelano junto ao papa Pascual II pela transferência dos direitos metropolitanos de Mérida para Santiago.¹²⁷ Apesar de importante ajuda vinda do chanceler papal, o desejo de Dom Diego não pode ser atendido. Segundo a *HC*, em virtude dos tempos turbulentos vividos em território ibérico por conta das recorrentes incursões muçulmanas.¹²⁸ O que era plausível, pois desde a última grande conquista em 1085 da cidade de Toledo, os reinos hispânicos perderam uma série de batalhas e territórios para os almorávidas. O quadro de derrotas começou a ser alterado somente em dezembro de 1118 com a conquista de Zaragoza por Alfonso, o batalhador.¹²⁹

Quando soube da consagração de João de Gaeta que tomou o nome de Gelásio II (1118-1119), Gelmírez, prontamente, encarregou Pedro, prior de Santiago e a outro

¹²⁵ Dom Maurício, arcebispo de Braga foi acusado de usurpação da sé leonesa.

¹²⁶ Cf. *HC*, 1994, Libro I, cap. CI, p. 241.

¹²⁷ *Ibidem*, Libro I, cap. CI, p. 241-2. / *Ibidem*, Libro II, cap. III, p. 302.

¹²⁸ *Ibidem*, Libro I, cap. CI, p. 241-2.

¹²⁹ Cf. FLETCHER, Op. cit. p. 177.

Pedro, cardeal de São Felix¹³⁰ a irem ao encontro do papa: a esperada hora tinha chegado! Ambos eram homens de confiança do bispo, ele tinha absoluta certeza de que finalmente seria agraciado com o título de metropolitano. No entanto, as interdições do rei de Aragão ainda pesavam contra Diego, “quando [o prior e o cardeal] chegaram a Castrojeriz¹³¹, ainda que fizessem o caminho como peregrinos, ao ponto os ladrões aragoneses colocaram as mãos sobre eles” (HC, 1994, p. 305).¹³² Os religiosos foram presos e lesados em “cento e vinte onças de ouro, lhes roubaram os cavalos, as vestimentas, a prata, o dinheiro e tudo o que levavam” (HC, 1994, p. 305). Certamente que grande parte da riqueza era para ser ofertada ao papa na forma de *benedictio* pela concessão da dignidade metropolitana, afinal tal “assunto não poderia realizar-se sem grandes gastos” (HC, 1994, p. 305). Notemos o importante papel dos religiosos de Santiago na intermediação com o papado. O bispo não age sozinho, o seu poder é pulverizado nos religiosos que o representam.

Quando soube do encarceramento do prior e do cardeal, Gelmírez estava em Tuy advogando em causa própria devido a uma contenda com o arcebispo de Braga, Pelayo Menéndez (1118-1137). Diego havia emprestado metade do senhorio de Santiago que está em Braga e em suas proximidades - entre o Limia e o Duero - a Mauricio, arcebispo da sé bracarense, em 1109, entretanto Pelayo negava a devolução (HC, 1994, p. 290).¹³³ Tratava-se de uma prebenda pela amizade de Mauricio que foi nomeado cônego da igreja de Santiago; Gelmírez fez um pacto com ele visando o seu apoio na sua busca pelo título de metropolitano.¹³⁴ A relação entre Diego e Mauricio foram profícuas rendendo ao bispo de Santiago a eleição de dois dos seus cônegos ao episcopado.¹³⁵ Já a peleja com Pelayo mostrou-se indefinida até 1121, quando esse fez um pacto de amizade com o arcebispo compostelano recebendo em forma de empréstimo metade das

¹³⁰ Seguindo o costume romano, os cardeais da Igreja de Santiago recebiam, junto ao nome, o título de alguma igreja.

¹³¹ Localizada próxima a cidade de Burgos, era um importante ponto de parada da rota francesa do Caminho de Santiago.

¹³² O disfarce de peregrino era estratégia comum no mundo medieval para atravessar reinos, cidades, senhorios, sem ser notado.

¹³³ De acordo com a *Historia Compostelana*, Gelmírez concedia ao arcebispo de Braga, “(...) la mitad de la iglesia de San Víctor y de San Fructuoso con todas sus dependencias y la mitad de la villa, que se llama Cornelhá, con todo lo que le pertenece y de las otras villas, que pertenecen a la iglesia de Santiago (...)” (HC, 1994, Libro I, cap. LXXXI, p. 196).

¹³⁴ Cf. FLETCHER, Op. cit. p. 169.

¹³⁵ Nuño Alfonso foi eleito bispo de Mondoñedo, enquanto Hugo, bispo do Porto, em 1113.

propriedades do senhorio de Santiago que havia em Braga, assim como o seu antecessor.¹³⁶

Apesar das frustrações, sobretudo a referente à prisão dos cônegos, Gelmírez decidiu, junto a outros religiosos, enviar o mestre Giraldo e o bispo de Orense, Diego III (1100-1132) para se encontrarem com Gelásio que naquele momento estava em *Francia*, por conta da invasão comandada pelo imperador Henrique V (1111-1125) a cidade eterna.¹³⁷ Henrique desejava despojar Gelásio e apoderar-se da escolha do sucessor do príncipe dos apóstolos elegendo o bispo Maurício de Braga como papa.¹³⁸ Entretanto, quando ainda estavam em Sahagún, a rainha proibiu Giraldo e Diego III de prosseguirem a viagem, as explicações apresentadas pela *HC* residem no receio de emboscadas e armadilhas maquinadas por ladrões aragoneses pelo caminho (*HC*, 1994, p. 308-9). Diante disso, após convocação real, coube ao prior de Carrión, Bernardo a tarefa de ir ao encontro do papa, pois ele possuía livre trânsito pelos territórios aragoneses. Todavia, enquanto o prior ia ao encontro de Gelásio II, o cardeal Deusdedit chegava a Compostela para convidar Gelmírez à assembléia conciliar que seria celebrada em Auvernia no dia primeiro de março de 1119. O bispo vislumbrou o concílio como uma oportunidade ímpar de estar com o papa intervindo ele mesmo pela sua causa.

Após organizar sua comitiva e chegar até Sahagún, Dom Diego foi surpreendido, negativamente, pela morte de Gelásio. Foi “um balde de água fria” nos seus propósitos. Apesar de tal infortúnio, o eleito para sucedê-lo, o arcebispo Guido de Vienne, o qual tomou o nome de Calixto II (1119-1124), era um velho conhecido do bispo “abrindo um novo horizonte de esperanças no seu projeto de conseguir o arcebispado para a sede compostelana” (*HC*, 1994, p. 312, nota 73). Guido era o quarto filho de Guilherme I, conde da Borgonha (1057-1087), e irmão do conde Raimundo, primeiro marido de Urraca, além de tio do jovem rei Alfonso Raimúndez.

Após ter recebido tais notícias, Gelmírez se dirigiu a Burgos para assistir a corte real e logo depois o bispo e a rainha retornaram a Sahagún onde decidiram enviar

¹³⁶ *HC*, 1994, Libro II, cap. XLVI, p. 374-5. / Diego Gelmírez construiu uma rede de amizades para alcançar seus propósitos valendo-se inclusive das propriedades que pertenciam ao senhorio de Santiago em localidades distantes de Compostela. O bispo emprestava determinadas propriedades ao bispo da circunscrição na qual elas estavam inseridas e em troca recebia o seu apoio. Os casos envolvendo o arcebispo de Braga e os bispos Diego de Orense e Alfonso de Tui são exemplares a esse respeito. Cf. LÓPEZ ALSINA, Op. cit. p. 346-7.

¹³⁷ Cf. *HC*, 1994, Libro II, cap. V, p. 306-7.

¹³⁸ Maurício de Braga, eleito papa entre os anos 1118-1121 com o nome de Gregório VIII. Sua eleição não foi considerada canônica, por isso é chamado antipapa.

Giraldo ao papa. Diego havia recebido uma carta de Calixto, na qual deixou clara a disposição da igreja romana em ajudá-lo e favorecê-lo.¹³⁹ Porém, o medo pelas adversidades do caminho permanecia: desta vez a ideia foi solicitar a Bernardo que passasse ao outro lado dos Pirineus o dinheiro necessário para tamanha empresa, “a saber: uma arca de ouro de nove marcos, cem morabetinos, duzentos e onze soldos de Poitiers, sessenta soldos de moeda milanese, vinte soldos de Tolosa, etcétera” (*HC*, 1994, p. 316). Vestido de peregrino e acompanhado por outros dois “cúmplices” do projeto, Giraldo iniciou sua viagem para o outro lado dos Pirineus. Ao chegar a Morlaàs, o maestro se encontrou com o bispo de Mangelone e como Bernardo tardava em encontrá-lo, aproveitou sua companhia para ir ao encontro do papa que estava em Montpellier. Ao se encontrar com Calixto, provavelmente, no mês de junho de 1119, Giraldo exaltou a igreja de Santiago e o seu bispo, assim como o colocou a par das campanhas militares do seu sobrinho, Alfonso.¹⁴⁰ As palavras registradas por Giraldo na *HC* foram às seguintes:

Cuanto pude y con frecuencia, hablé con el papa Calixto sobre la exaltación de nuestra iglesia y de nuestro obispo, y los cardenales romanos, a saber, Boso y Deusdedit, me ayudaban cuanto podían. Pues querían a la iglesia de Santiago y a su pastor y a sus ovejas (*HC*, 1994, p. 317).

Gelmírez fez do cardeal Deusdedit cônego de Santiago durante a sua legacia em terras galegas e como tal o concedeu a sua semana de serviço no altar que correspondia a uma soma de ofertas.¹⁴¹ Diferente das reclamações em períodos anteriores advindas desde o Lácio pela estupidez do bispo de Santiago com os legados romanos, Diego era ajudado pelos representantes papais nas suas ambições. Gelmírez já vinha há tempos e de forma cada vez mais consistente construindo uma teia de relações que lhe permitissem exaltar a sua cátedra. Naquela altura já era conhecedor do jogo político da alta cúpula eclesiástica e sabia quais eram os caminhos e as pessoas que deveria convencer para alcançar as suas expectativas. Entretanto, cartas endereçadas ao papa puseram mais dificuldades no seu caminho. As missivas foram levadas a mando do arcebispo de Toledo e tinham como autor o rei Alfonso.¹⁴² Nelas o monarca confessava sua preocupação em “perder o reino de Espanha por causa do bispo de Santiago, pois

¹³⁹ *HC*, 1994, Libro II, cap. X, p. 315.

¹⁴⁰ Alfonso e Bernardo, arcebispo de Toledo, conquistaram Alcalá de Henares em 1118.

¹⁴¹ *HC*, 1994, Libro II, cap. VIII, p. 311.

¹⁴² Ainda hoje, discute-se a possível falsificação das cartas pelo arcebispo de Toledo, Dom Bernardo.

este em tudo que podia se opunha a ele” (HC, 1994, p. 318). Calixto era ardente defensor dos direitos de governar do seu sobrinho e prontamente exigiu de Gelmírez a sua colaboração em reivindicar, junto à rainha, o reino da Galiza que foi prometido a Alfonso por seu avô em 1107 na cúria celebrada em Leão.¹⁴³ Além disso, o papa exigiu mais benevolência em forma de pecúlio da próspera igreja de Santiago para que o bispo pudesse alcançar os seus objetivos. Giraldo, prontamente, o enviou vinte onças de ouro e na sequência empreendeu sua viagem de volta trazendo uma convocação conciliar a Gelmírez.¹⁴⁴ Vale salientar, antes de prosseguirmos, que não foge à vista a participação do arcebispo de Toledo nesse episódio, porém, a esse assunto voltaremos posteriormente.

O concílio a que fazia referência a missiva foi celebrado no mês de outubro de 1119 em Reims. Gelmírez apesar de ter iniciado os preparativos para viajar foi mais uma vez dissuadido pela rainha a desistir. Para essa negativa régia temos duas explicações, uma conspiratória e outra de ordem de segurança: a) Urraca temia alguma articulação do bispo tendo em vista a entronização de Alfonso como rei independente de todos os territórios que pertenciam ao seu avô e b) a rainha preocupada com a paz em Galiza devido às insurreições recentes não queria a ausência do bispo. Não descartamos também a possibilidade delas se complementarem, o tratado de paz assinado em 1116 entre Gelmírez e Urraca estava para expirar, de fato, não era a melhor hora para o bispo se fazer ausente. No entanto, a causa de Diego não poderia ficar sem representante e coube a Hugo, bispo do Porto, antigo cônego de Santiago e homem de sua inteira confiança, a tarefa de ir ao encontro do papa. Como Gelmírez não pode estar presente, e nem os bispos comprovincianos, a tentativa de conseguir a transferência metropolitana de Braga a Santiago seria, canonicamente, inviável.¹⁴⁵ O bispo então decidiu que Hugo se esforçasse para obter o título metropolitano de Mérida, cidade que estava sob o domínio muçulmano.

Mais uma vez os caminhos se mostraram difíceis e tortuosos, as rapinas eram frequentes e o disfarce de peregrino uma tentativa de se livrar dos perigos. Hugo teve de se desdobrar: “umas vezes a cavalo, outras a pé, passava por cidades e municípios; umas vezes simulando estar cego, outras vezes coxo, umas vezes com a cara torcida como de paralítico, outras de outro modo, mudando segundo parecia conveniente, fugia do olhar

¹⁴³Em março de 1120, Calixto emite a bula *Egregiae memoriaena* qual insistia que Alfonso foi privado dos seus direitos de governar.

¹⁴⁴ HC, 1994, Libro II, cap. XI, p. 319.

¹⁴⁵ Ibidem, Libro II, cap. X, p. 317.

dos seus inimigos” (*HC*, 1994, p. 322). Para passar pelo reino de Aragão, o bispo do Porto contou com a ajuda de um burguês que o conhecia, ainda que receoso em contá-lo sobre sua missão, assim o fez, mas não sem entregá-lo uma moeda de prata pelo seu silêncio. Apesar das intempéries, Hugo chegou em janeiro de 1120 ao monastério cluniacense, local para onde se deslocou Calixto II após o concílio celebrado em Reims. Entregando ao papa as cartas enviadas pelo bispo de Santiago, Hugo iniciou sua campanha em prol da causa arcebispal, os esforços duraram cerca de um mês. O apoio dado pelo abade de Cluny, Poncio a tal assunto foi fundamental. Como salienta a *HC* (1994, p. 317), “em suas mãos estavam a maior parte dos assuntos de nossa igreja [Santiago]”. O abade já tinha ficado com grande parte dos recursos enviados em forma de *benedictio* ao papa quando Giraldo regressou a Compostela¹⁴⁶ e, logo quando chegou, Hugo tratou de deixar a cargo de Poncio o dinheiro que havia trazido.¹⁴⁷ A intermediação das negociações eram feitas pelo abade, esse também agia em nome do bispo de Santiago.

Na sua chegada a Cluny, Hugo se regozijou, pois Calixto e Poncio haviam se reconciliado das suas recentes contendas.¹⁴⁸ Diante disso, o bispo do Porto não hesitou em dizer ao abade:

[...] ahora, ahora, reverendísimo padre, mientras el papa Calixto está en vuestras manos, es el momento de elevar a iglesia de Santiago. Lleguen a sus oídos nuestros rogos. Mientras tenemos tiempo, apresurémonos. Pues el bienaventurado Santiago rogará por nosotros (*HC*, 1994, p. 328).

No entanto, os cardeais romanos que se encontravam com o papa esperavam algo a mais do bispo de Santiago, aliás, esperavam a sua presença em Cluny adornada de regalos para a Cúria.¹⁴⁹ O desejo do arcebispado parecia ter minguado até o abade rogar ao papa pela elevação à categoria metropolitana da igreja de Compostela. Valendo-se do argumento, repetitivamente, trazido à tona pelos autores da *HC*, isto é, a apostolicidade da sé jacobéia, Hugo pedia o status de metrópole da igreja de Mérida à igreja de Santiago.¹⁵⁰ Endossaram o coro, a favor de tal pedido, os nobres borgonheses presentes na Cúria, os quais faziam parte de uma confraria de peregrinos devotos do

¹⁴⁶ Ibidem, Libro II, cap. XI, p. 319.

¹⁴⁷ Ibidem, Libro II, cap. XIII, p. 324.

¹⁴⁸ Ibidem, Libro II, cap. XIV, p. 325-6.

¹⁴⁹ Ibidem, Libro II, cap. XV, p. 328.

¹⁵⁰ Ibidem, Libro II, cap. XV, p. 329.

apóstolo. Com promessas e pagamentos, o abade e o bispo, convenceram os cardeais romanos e o papa a defenderem sua causa. Finalmente, após exaustivas negociações, Calixto II honrou com a dignidade metropolitana à igreja de Santiago de Compostela. Como sugerido, Mérida foi despojada do título de metropolitana e o, agora arcebispo de Santiago, também foi nomeado legado pontifício sobre as províncias eclesiásticas de Braga e Mérida.¹⁵¹ Foi um duplo sucesso. Gelmírez havia alcançado o que vinha desejando desde o início do seu bispado: foi, de fato, o seu maior feito a frente da sé compostelana.

Hugo enviou dois cônegos de Compostela para levar ao conhecimento de Gelmírez tamanhas conquistas enquanto ele permanecia em Cluny aguardando o restante da *benedictio* para entregar ao papa e aos cardeais, segundo a *HC*, duzentos e sessenta marcas de prata, uma mesa redonda de prata, uma cruz de ouro, uma casula de ouro, uma coroa de ouro, além de mais quarenta marcas de prata retiradas das reservas pessoais de Dom Diego.¹⁵² Após a criação de plano astucioso e a chegada ileso da benção, esta foi entregue a Estevão, carmelengo do papa, e os cônegos que a trouxeram retornaram a Galiza com as missivas papais que deliberavam a transferência temporária dos privilégios metropolitanos de Mérida para Compostela¹⁵³, a condição de sufragâneos dos bispos de Coimbra e Salamanca ao arcebispo de Santiago¹⁵⁴ e a legacia do arcebispo de Santiago nas províncias de Mérida e Braga.¹⁵⁵

As cartas foram lidas na catedral de Compostela na solene celebração da paixão do apóstolo Tiago, dia 25 de julho de 1120. Giraldo no *registrum* além de regozijos pelas dignidades recebidas e elogios ao arcebispo Gelmírez, deixa entrever que o apetite por distinções eclesiásticas não havia sido saciado: “(...) ¡Oh! ¡Oxalá que o que ainda pretende e deseja [Gelmírez], o consiga a igreja de Compostela em vida do arcebispo! (*HC*, 1994, p. 337).¹⁵⁶ A *HC*, apesar de não explicitar o que era o “algo maior” que Dom Diego desejava para a sua igreja, “deixa latente a ideia da aspiração de ser sede primada da Espanha em detrimento de Toledo” (*HC*, 1994, p. 337, nota 160). As relações pouco amistosas entre Gelmírez e Bernardo, arcebispo de Toledo, devia-se, entre outras razões de ordem político-eclesiásticas, a rivalidade pela primazia de

¹⁵¹ Ibidem, Libro II, cap. XVI, p. 330.

¹⁵² Ibidem, Libro II, cap. XVI, p. 331.

¹⁵³ Ibidem, Libro II, cap. XVI, p. 333-4.

¹⁵⁴ Ibidem, Libro II, cap. XVII, p. 334.

¹⁵⁵ Ibidem, Libro II, cap. XVIII p. 335.

¹⁵⁶ Em diversos pontos da *Historia Compostelana* encontramos dizeres semelhantes a respeito do desejo por dignidades maiores para a igreja de Santiago. Cf. *HC*, 1994, Libro II, cap. XX, XLIV, p. 339, 371.

Hispania. Quando Alfonso foi enviado em 1116 para a região da *Extremadura* pela sua mãe com o intuito de minar os esforços regionais galegos para empossá-lo como rei da Galiza, Bernardo tornou-se o novo mentor do jovem monarca e o seu conselheiro. O rei se aproximou do mais perigoso rival eclesiástico de Gelmírez, o que explica, em parte, as difíceis e conturbadas relações entre ele e o arcebispo de Santiago na década de 1120.¹⁵⁷

Não obstante, após um par de décadas e várias tentativas sem êxito, Gelmírez conseguiu a dignidade metropolitana para a igreja de Santiago. Foi o ponto culminante da sua carreira eclesiástica e o seu maior feito. Não hesitemos em responder de forma mais incisiva as questões que se impõem: o que essa conquista significou? Quais foram os principais aliados de Dom Diego para a obtenção dessa honraria?

Indubitavelmente, que empresas como essa que culminou com a conquista do título de metropolitano carecia de apoio interno e externo, leia-se: dentro dos reinos sob a jurisdição Leão-Castela e fora deles. A monarquia teve papel fundamental. Já em 1104, Alfonso VI, apoiou Gelmírez na obtenção da dignidade do *pallium*, era uma concessão papal feita tanto a pedido do bispo de Santiago quanto pelo monarca castelhano-leonês. Apesar de todos os embates envolvendo Dom Diego e Urraca durante o seu reinado, Gelmírez não hesitou em levar cabo assunto tão importante, como o era o da dignidade arcebispal, sem que soubesse a rainha.¹⁵⁸ O bispo, nos três últimos anos da década de 1110, cultivou boas relações com a soberana, pois sabia que precisava do firme apoio real para tamanha empreitada.¹⁵⁹

Na bula emitida por Calixto II em que outorga a sé de Compostela o status de metropolitana, o papa não hesita em citar os nomes das pessoas que contribuíram para isso. Segundo ele:

Así pues, para mayor veneración del apóstol Santiago cuyo glorioso cuerpo vuestra iglesia se honra con especial amor a tu persona [Gelmírez], por las súplicas de nuestro sobrino Alfonso, rey de España, y de nuestros hermanos, Hugo, obispo de Oporto, y Poncio, abad de Cluny, y también de Lorenzo, canónigo de vuestra iglesia, concedemos por la autoridad de Dios la dignidad de la mencionada

¹⁵⁷ Alfonso VII visitou poucas vezes a Galícia na década de 1120 e quando o fez foi para a defesa dos seus territórios, como no outono de 1127 em que acudiu a uma invasão portuguesa. Depois de resolvido o problema, Alfonso não deixou de passar em Compostela para solicitar uma contribuição do arcebispo de Santiago, o qual teve de desembolsar mil marcos de prata em benefício régio.

¹⁵⁸ HC, 1994, Libro II, cap. XII, p. 321.

¹⁵⁹ FLECTHER, Op. cit. p. 178.

metrópoli a la honorable y rica en clero y pueblo sede de Compostela [...] (HC, 1994, p. 333).

A relação parental entre Calixto II e Alfonso Raimúndez foi peça chave na aquisição do arcebispado. O papa desejava o firme apoio de Gelmírez na elevação do seu sobrinho ao posto de monarca absoluto no lugar de sua mãe e em troca atendia aos seus pedidos de enaltecimento da sua sé. Aliás, Calixto deixou isso claro na citação acima quando exalta o nome de Alfonso acima dos demais sem sequer mencionar o da rainha. O papa visou pressionar Gelmírez sobre os direitos de governar de Alfonso, do qual sabemos que era ardente defensor; ele preconizava que Urraca tinha privado o jovem rei dos seus direitos e contava com o apoio do agora arcebispo de Santiago para pressionar os poderes senhoriais locais envolvidos tendo em vista a investidura de Alfonso como rei das coroas de Castela e Leão.¹⁶⁰

Outro nome a que Calixto II fez referência foi ao de Hugo. Como sabemos, ele foi cônego da igreja de Santiago e, posteriormente, elevado as ordens sagradas sendo eleito bispo da diocese do Porto. Era homem de extrema confiança de Gelmírez e a sua participação direta junto à Cúria papal pela dignidade metropolitana foi indubitavelmente fator de grande importância para os êxitos alcançados. Quanto às intervenções do abade de Cluny a favor de Santiago devem-se, em grande medida, as antigas relações mantidas entre o centro monástico e a monarquia castelhana-leonesa desde os tempos de Fernando I (1035-1065).¹⁶¹ Cluny recebeu prodigiosas somas de recursos e fontes de recursos dos reis castelhanos e ademais, o casamento entre Raimundo de Borgonha e Urraca contribuiu para selar os laços entre as duas casas. O abade Poncio também era homem de confiança de Diego, sua intervenção em diversos momentos relacionados, diretamente, aos interesses da igreja Santiago, atesta isso, como foram as negociações pela categoria arcebispal.¹⁶²

Acrescenta-se as razões já elucidadas, as grandes somas de dinheiro e objetos de valor entregues a Cúria romana em forma de *benedição* para que o título de metropolitano fosse sancionado. Ela acelerava de maneira muito significativa as

¹⁶⁰ HC, 1994, Libro II, cap. XXXI, p. 353-4.

¹⁶¹Cf. SANZ SANCHO, Iluminado. La política de Fernando I respecto a Roma y Cluny. *Codex aquilarensis: Cuadernos de investigación del Monasterio de Santa María la Real*, Palencia, n. 13, 1998, p. 101-120.

¹⁶²Foi o abade, Poncio, que notificou o papa Calixto II que as cartas enviadas pelo arcebispo de Toledo e cuja autoria era atribuída a Alfonso Raimúndez, eram falsas. Igualmente, foi o abade que recebeu as suntuosas benedições destinadas a cúria papal tendo em vista a negociação da dignidade metropolitana a favor da igreja de Santiago.

decisões do papa e dos cardeais romanos. Gelmírez sabia, desde o início, que suas pretensões não seriam atendidas sem a movimentação de quantidades grandiosas de recursos financeiros que fomentassem suas ambições. A dignidade metropolitana requeria um investimento alto, e ele foi feito. Como atesta Fletcher (1993, p. 251) em tom conclusivo: “assim chegou Gelmírez a arcebispo, graças a um prodigioso dispêndio de esforço e de riquezas”.

Todavia, as recompensas eram animadoras. Na condição de arcebispo, Diego teve mais liberdade em relação à monarquia, era mais independente do que quando era bispo. Gelmírez financiou a construção de diversas obras no vasto senhorio de Santiago, o seu ímpeto (que hoje qualificaríamos de) empreendedor contribuiu para a edificação de diversas igrejas e palácios, além do aqueduto que sanou os problemas hídricos, principalmente dos peregrinos.¹⁶³ No *castillo de Oeste*, levantou uma torre para se precaver das incursões dos seus inimigos (além de construir barcos de guerra que serviram de proteção da costa galega), como também construiu um novo palácio episcopal - mais condizente com os seus novos títulos de arcebispo e legado papal - com “excelsas e insignes habitações” (HC, 1994, p. 402). Gelmírez empreendeu diversas obras públicas que mudaram a paisagem da cidade compostelana, embelezando-a.

3.3 Os tempos finais

A conquista da dignidade metropolitana não impediu Gelmírez de sofrer duros reveses durante a década na qual se tornou arcebispo. Aprisionado em julho de 1120 a mando de Urraca, segundo a HC (1994, p. 365), pela sede de dinheiro da rainha, Gelmírez experimentou, mais uma vez, a fragilidade dos pactos feitos com ela e a ambição régia pela posse do senhorio de Santiago.¹⁶⁴ Urraca carecia de recursos financeiros para fomentar os conflitos visando a proteção e expansão do reino. Todavia, o arcebispo triunfou mais uma vez diante do poder senhorial monárquico, os desentendimentos entre a rainha e o seu filho viraram o jogo ao seu favor.¹⁶⁵ Parte da aristocracia laica galega, como já salientado, estava desejosa em fazer de Galiza um reino independente e de Alfonso Raimúndez o seu rei. O juramento prestado por Urraca

¹⁶³ Cf. HC, 1994, Libro II, cap. LIV, p. 399-401. No *Liber Sancti Iacobi* temos uma descrição detalhada da fonte. Cf. LSI, 1999, p. 557-8.

¹⁶⁴ Gelmírez havia feito um novo acordo de amizade com a rainha na primavera de 1120. Cf. HC, 1994, Libro II, cap. XXIX, p. 350-1.

¹⁶⁵ Ibidem, Libro II, cap. XLII, p. 368.

à Gelmírez serviu para acalmar os ânimos e respaldá-lo diante de outra possível investida contra o seu poder senhorial-episcopal.¹⁶⁶

No nível da política eclesiástica local, as relações de Gelmírez com os bispos que lhe deviam obediência não foram das mais tranquilas; o primeiro concílio que convocou, na condição de legado papal em janeiro de 1121, não estiveram presentes vários prelados: o arcebispo de Braga e os bispos de Lugo, Mondoñedo e Coimbra. Gelmírez os sentenciou proibindo de celebrarem o ofício pontifical e sacerdotal até que dessem satisfação das suas ausências.¹⁶⁷ O arcebispo de Braga, Paio Mendes, foi se queixar com Calixto II do comportamento autoritário do arcebispo de Compostela que desejava “excessivamente oprimir a igreja de Braga” (HC, 1994, p. 370). O papa pediu mais humildade a Gelmírez e compreendeu em parte a desobediência de Paio Mendes. Como argumentado anteriormente, o arcebispo da sé bracarense retinha a força propriedades do senhorio compostelano em Braga e a resolução de tal contenda só se realizou, virtualmente, com a nomeação de Paio como cónego da igreja de Santiago e o sucessivo empréstimo a ele dos territórios.¹⁶⁸ Nos outros dois concílios seguintes celebrados em Compostela nos anos de 1122 e 1124 o arcebispo de Braga também não se fez presente. No primeiro a sua ausência foi justificada por estar morando nos confins de Zamora, já no segundo como não deu satisfação foi castigado com a sentença canônica. As relações entre as lideranças das duas Igrejas se mostraram tensas, os conflitos eram movidos pela busca da supremacia: pelo controle das dioceses do noroeste ibérico.

Porém, as ambições de Gelmírez fugiam a esfera regional, em várias passagens da HC, como destacado, fica clarividente a sua busca por *algo maior* que, provavelmente, era o posto de primado das Igrejas ibéricas que pertencia ao arcebispo de Toledo, Dom Bernardo. A busca de cada um deles em legitimar sua autoridade colocou um contra o outro em vários momentos. As rusgas envolvendo a eleição do bispo de Ávila e o de Salamanca, assim como a convocação de um concílio por Gelmírez em 1124 na cidade de Compostela foram oportunidades de se digladiarem via missivas a fim de afirmarem cada qual o seu poder diante da suposta ilegalidade que movia a ação do outro.¹⁶⁹ Calixto II interveio a favor de Gelmírez, orientando o bispo de Salamanca - o qual foi eleito e consagrado por Bernardo – a prestar obediência ao

¹⁶⁶Ibidem, Libro II, cap. XLIX, p. 382.

¹⁶⁷Ibidem, Libro II, cap. XXVI, p. 346.

¹⁶⁸Ibidem, Libro II, cap. XLVI, p. 374-5.

¹⁶⁹Ibidem, Libro II, cap. LXVI, p. 432-5.

arcebispo de Santiago como seu metropolitano. A ação do papa resulta compreensível, pois a diocese de Salamanca pertencia a província eclesiástica de Mérida e, em virtude disso, estava baixo a legacia de Gelmírez.¹⁷⁰

Com Roma, a morte de Calixto II, em 1124, pôs fim ao período de sucessivos êxitos eclesiásticos alcançados por Gelmírez. Antes disso, o arcebispo compostelano conseguiu do papa a confirmação da condição de legado sobre as províncias de Braga e Mérida e a transladação definitiva dos direitos metropolitanos de Mérida para Santiago. Tal transferência se tornou possível mediante negociações com a Cúria pontifícia; Gelmírez, além dos presentes enviados em outros momentos ao papa e aos cardeais¹⁷¹, ofereceu em forma de benção, inicialmente, quatrocentos áureos e depois mais trezentas onças de ouro para o selo definitivo, após alguns ajustes no texto da bula papal.¹⁷² Em 23 de julho de 1124, Calixto expediu o privilégio perpétuo da dignidade metropolitana ao arcebispado de Compostela. Todavia, no final desse mesmo ano Calixto morreu levando ao trono de Pedro, o cardeal de Óstia, Lamberto Scannabecchi que tomou o nome de Honório II (1124-1130). As relações com o papado não se mostraram frutíferas durante o seu pontificado, pelo contrário, poucas cartas foram trocadas entre a chancelaria papal e a arquidiocese de Santiago, a frieza dos contatos contribuiu para a não renovação de Dom Diego como legado papal.

Podemos afirmar amparado pela *HC*, que o esfriamento dos contatos, durante o pontificado de Honório II, foi em função de ao menos dois fatores: a audácia de Gelmírez e a pouca generosidade do arcebispo de Santiago comparada há períodos anteriores. Resulta chamativa a forma como o papa se dirigiu na primeira carta recolhida pela *HC* que enviou ao arcebispo de Santiago, chamando-o de “filho” (*HC*, 1994, p. 455). Era algo pouco comum, revelando-nos o seu receio diante do ímpeto, por vezes pretensioso, de Gelmírez.¹⁷³ Em outra missiva, Honório pediu ao arcebispo mais humildade no uso do *pallium* (*HC*, 1994, p. 465). Também é digno de ressaltar o corte nos recursos enviados aos cardeais romanos visando pagar o trabalhado por eles exercido junto ao papa pela contínua política de valorização da sé compostelana. As cartas do cardeal Deusdedit pedindo, reiteradamente, o envio da sua hebdomadária e de

¹⁷⁰ No que tange a convocação do concílio, Gelmírez, na condição de legado papal, possuía tal direito.

¹⁷¹ *HC*, 1994, Libro II, cap. LVII, p. 408-9.

¹⁷² *Ibidem*, Libro II, cap. LXIV, p. 424-431.

¹⁷³ A carta na qual Diego Gelmírez convocou a participação de reis, condes, príncipes, cavaleiros e soldados na luta contra os muçulmanos é um bom exemplo. Gelmírez ignora sua condição de legado papal sobre duas províncias eclesiásticas e conclama “todo o povo cristão” a participar da libertação da península ibérica.

uma casula, além do tom “trabalha primeiro que será recompensado na sequência” que ditou as respostas encaminhadas por Gelmírez, nos dão indícios do começo de uma desarticulação e de desentendimentos entre o arcebispo e as lideranças eclesiásticas romanas quanto aos seus honorários.¹⁷⁴

Nada animador também foi o início do reinado de Alfonso VII (1126-1057), nas duas visitas que fez a Compostela em 1127 e 1129 foi para exigir, assim como a sua mãe, opulentas doações da Igreja de Santiago tendo em vista o fomento das suas expedições militares para alargar as fronteiras territoriais do reino.¹⁷⁵ O tempo em que o monarca governou a região da *Extremadura* junto aos castelhanos e leoneses, ademais sob a influência do clero toledano são pontos que devem ser levados em consideração para entender o afastamento entre o rei e o arcebispo, seu antigo tutor.

A Gelmírez obstinava recuperar o antigo favor real. O panorama ruim começou a se alterar no início de 1130 no concílio celebrado na abadia de San Zoilo de Carrión. Em tal reunião foi discutida, entre outros assuntos, a consanguinidade do matrimônio de Alfonso com Berengaria, filha de Ramón Berenguer III, conde de Barcelona (1097-1131), levado a cabo no final do ano de 1127. O arcebispo de Santiago, saindo em favor do rei conseguiu que o seu casamento não fosse anulado diante das acariações do legado papal, Dom Humberto. Foi um logro notável haja vista as preocupações sucessórias de Alfonso VII, e em troca, Gelmírez foi bem recompensado com a imunidade das vilas de Cacabelos e Lédigos que pertenciam ao julgo da igreja de Santiago com intuito de que não fossem alvo de nenhum *sayón*¹⁷⁶ ou de outros homens que se atrevessem a entrar nelas para inferir violência ou injúria aos seus colonos (*HC*, 1994, p. 515). Além do mais, conseguiu do rei a doação de um campo de oliveiras localizado na cidade de Talavera, próxima a Toledo, para clarear e amenizar o frio dos peregrinos durante o inverno.¹⁷⁷

Os ganhos de Dom Diego não pararam por aí, pois no mesmo concílio foram destituídos três bispos de importantes dioceses ibéricas: Leão, Salamanca e Oviedo.¹⁷⁸ As causas das destituições são desconhecidas, mas os escolhidos para substituí-los nos dão provas da recuperação do favor real por parte de Gelmírez. Alfonso Pérez, cônego

¹⁷⁴ Cf. *HC*, 1994, Libro II, cap. LXXIV, p. 448-51.

¹⁷⁵ Gelmírez foi obrigado a doar em 1127 mil marcas de prata a Alfonso VII sob a ameaça de perder seu senhorio caso não fizesse tal concessão. Cf. *HC*, 1994, Libro II, cap. LXXXVI, p. 470-5. Já em 1129, o arcebispo firmou um acordo com o rei de doar anualmente cem marcas de prata até que o reino estivesse apaziguado e tranquilo. Cf. *HC*, 1994, Libro III, cap. XII, p. 512.

¹⁷⁶ Oficial de justiça.

¹⁷⁷ Cf. *HC*, 1994, Libro III, cap. XIV, p. 515-6.

¹⁷⁸ *Ibidem*, Libro III, cap. XIV, p. 515.

de Santiago, foi nomeado para a sé de Salamanca enquanto Arias, provavelmente, Arias González, também cônego de Santiago, assumiu a cátedra de Leão. Como sugere Fletcher (1993, p. 324), essas “nomeações representam um triunfo para Gelmírez. Não só conseguiu reafirmar o seu controle sobre a sua distante e problemática sede sufragânea de Salamanca, senão ainda por cima colocou o seu candidato no importante bispado de Leão”.

A morte de Honório II em 1130 e a eleição de dois papas, Anacleto II (1130-1138) e Inocêncio II (1130-1143), fizeram Gelmírez, mesmo que por um curto período, reaproximar-se das deliberações da mais alta cúpula eclesiástica romana. Tanto Anacleto quanto Inocêncio enviaram cartas ao arcebispo de Santiago rogando-lhe obediência e favorecimento diante da situação adversa na qual cada um deles se colocava como legítimo sucessor de são Pedro.¹⁷⁹ Gelmírez acabou apoiando Inocêncio II com a esperança de recuperar a condição de legado papal que havia perdido, mas não obteve sucesso.

Os anos finais da quarta década de Gelmírez a frente da igreja de Santiago de Compostela se mostraram nada favoráveis. A essa altura estava próximo dos setenta anos e a sua influencia nos assuntos do reino estava em eminente declínio. O poder exercido pelo arcebispo de Santiago na política eclesiástica das dioceses pertencentes aos territórios de Alfonso VII era mínimo, inclusive nas suas sufragâneas, talvez o caso mais destacado seja a derrota sofrida por Gelmírez na eleição de Berengario, arcebispo de Toledo, para o bispado de Salamanca em 1134. O arcebispo além de acatar a solicitação régia pela sua entronização como bispo salamantino teve de consagrá-lo como tal em Compostela em 1135.¹⁸⁰

No âmbito do governo monárquico, Dom Diego também foi perdendo seu prestígio e o cargo de chanceler real que possuía sob sua autoridade, desde 1127, foi ocupado em 1134 pelo próprio Berengario, antes da sua eleição episcopal. Notadamente, Gelmírez havia perdido espaço para o seu maior rival, o arcebispo de Toledo. Os anos que se seguiram foram de cada vez menos contatos com o rei e sua corte, um deles ocorreu no concílio celebrado na cidade de Burgos em 1136. Gelmírez marchou à reunião conciliar com intuito de notificar ao imperador a conspiração da qual havia sido vítima. Tal conspiração foi atribuída pela *HC* a alguns religiosos compostelanos identificados como *cônegos maiores*, os quais visavam a destituição do

¹⁷⁹ Cf. *HC*, 1994, Libro III, cap. XXIII, p. 527-32 e *HC*, 1994, Libro III, cap. XXVII, p. 539.

¹⁸⁰ *Ibidem*, Libro III, cap. XLIII, p. 573.

arcebispo do seu cargo ou, caso isso não fosse possível, matá-lo. Apesar de ter escapado da emboscada, não foram poucas as tentativas de tirar sua vida.¹⁸¹

Os conspiradores haviam oferecido três mil marcas de prata a Alfonso VII para legitimar o conluio, o qual, em virtude das suas necessidades econômicas para fomentar suas campanhas militares, ficou balançado.¹⁸² Mas, cartas endereçadas ao monarca pelo abade de Cluny e pelo papa o fizeram desistir de suas pretensões.¹⁸³ Alfonso ainda retornou a Compostela outras duas vezes. A primeira delas em julho de 1137 na qual se retratou diante de Gelmírez, prometendo-lhe não exigir mais doações em dinheiro da igreja de Santiago.¹⁸⁴ Todavia, em dezembro de 1138, o motivo da sua última visita antes da morte do arcebispo foi, justamente, a sua necessidade de pecúlio.

Diego Gelmírez morreu em algum dia entre 24 de junho de 1139, data da última notícia que temos do arcebispo e 26 de junho de 1140, momento em que a igreja de Santiago já estava vacante (*HC*, 1994, p. 599, nota 292). Fletcher (1993, p. 351) sugere que Dom Diego morreu dia 6 de abril de 1140, data que antecedeu ao domingo de Páscoa para assegurar que até mesmo o “Cristo Ressuscitado estaria em segundo plano nas mentes que celebrassem a Páscoa em Compostela esse ano” (FLETCHER, 1993, p. 351).

¹⁸¹ O arcebispo foi duramente apedrejado pelos conspiradores quando se encontrava na parte inferior do altar da catedral. Cf. *HC*, 1994, Libro III, cap. XLVII, p. 581-2.

¹⁸² *Ibidem*, Libro III, cap. XLVI, p. 577.

¹⁸³ *Ibidem*, Libro III, cap. XLIX, p. 585.

¹⁸⁴ *Ibidem*, Libro III, cap. LI, p. 590.

PARTE II

OBJETO DE APRENDIZAGEM

5 ENSINO DIGITAL: O DESENVOLVIMENTO DO JOGO *EM BUSCA DAS RELÍQUIAS*

O objeto de aprendizagem – *Em busca das relíquias* - compõe, junto à dissertação, os produtos finais apresentados ao *Programa de Pós-Graduação em História Ibérica* da Universidade Federal de Alfenas (PPGHI/UNIFAL-MG) para o recebimento do título de mestre em História Ibérica. O objeto desenvolvido foi formulado tendo como referência o *pium latrocinium* engendrado pelo bispo Diego Gelmírez (1101-1140) no ano 1102, de modo a trabalhar o valor político atribuído às relíquias no mundo medieval ibérico enquanto instrumentos de poder destinados ao estímulo das peregrinações e, por consequência, de ganho de poder haja vista a relevância adquirida pelos principais santuários da cristandade.

5.1 A dinâmica digital do mundo contemporâneo e o ensino de História

Parte dos mestrados profissionais da área de História no Brasil possui como um dos seus postulados centrais o diálogo permanente com a Educação Básica objetivando que o conhecimento formulado pelo mestrando tenha relação direta e seja aplicável ao Ensino de História. Acreditamos ser fundamental tal preocupação, pois ajuda-nos a pensar em alternativas para a construção de uma Escola mais contextualizada às realidades vivenciadas pelos alunos.

Nesse sentido, como supracitado, um dos requisitos para a obtenção do título de mestre em História Ibérica junto ao *Programa de Mestrado Profissional em História Ibérica* da Universidade Federal de Alfenas (PPGHI/UNIFAL-MG) foi a elaboração de um *objeto de aprendizagem* (OA) que partilhasse dos resultados obtidos na pesquisa acadêmica que originou nesta dissertação.¹⁸⁵ A materialização do nosso OA, constitui-se um grande desafio tendo em conta a pouca familiaridade que tínhamos com softwares destinados à construção de jogos.

É preciso buscar de antemão referenciais teóricos que dêem embasamento ao conceito de *objeto de aprendizagem* visando sanar potenciais dúvidas e estabelecendo uma melhor orientação. Segundo Wiley, objetos de aprendizagem são:

¹⁸⁵ A inserção das novas tecnologias na educação é uma política de Estado e pode ser verificada nos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* publicado no ano 2000.

[...] como elementos de um novo tipo de instrução, com base em computador, com base no paradigma de orientação a objetos, utilizado na área de ciência da computação. Objetos são representações de abstrações de entidades do mundo real. Tais representações podem ser implementadas usando-se a tecnologia de construção de software. No paradigma de orientação a objetos, objetos são componentes de software que podem ser reutilizados na construção de novos softwares. O objetivo principal do paradigma de orientação a objetos é facilitar a construção de software por meio do reuso de componentes. Dessa forma, sistemas mais complexos de software podem ser construídos por meio da organização de componentes menos complexos. Uma das conseqüências desse tipo de abordagem é a melhoria da produtividade no processo de trabalho uma vez que não é preciso a cada novo projeto recomeçar tudo do zero (apud SOUZA, 2007, p. 53).

O conceito de *objeto de aprendizagem* foi formulado tendo como contrário a mídia instrucional tradicional que cerceava a disponibilização dos softwares desenvolvidos. A ideia de construção continuada e aproveitamento das mídias já elaboradas são características dos objetos de aprendizagem que possibilitam aos seus usuários desenvolverem habilidades com as TIC's, bem como o compartilhamento do trabalho realizado. É preciso também deixar claro que o paradigma computacional é inerente ao processo de desenvolvimento dos OA.

Atentemo-nos para a definição de Rob Koper (2003, apud SABBATINI, 2012, p. 4) sobre objetos de aprendizagem: “qualquer recurso digital, reproduzível e ‘referenciável’, (sic) utilizado em atividades de aprendizagem ou de apoio à aprendizagem, disponível para que outras pessoas o utilizem”. Tal definição, assim como a de Wiley, se enquadra no que entendemos e esperamos do nosso objeto de aprendizagem, pois acreditamos que educação se faz com possibilidades e estímulos. O OA que desenvolvemos estará disponível no sítio eletrônico do *PPGHI* e esperamos que a sua utilização, por um lado, colabore no ensino do conteúdo para qual foi destinado e, por outro, incentive e contribua na elaboração de outros softwares.

O desenvolvimento de softwares destinados à educação vai ao encontro das demandas do mundo contemporâneo que se mostra cada vez mais digital, negligenciar isto se trata de desconexão com a realidade. Tendo como referência essa conexão com o real, com a sociedade, que a Escola enquanto microcosmo dela deve ter como preocupação oferecer um ensino que dialogue com tais demandas tecnológicas, caso contrário permanecerá sendo vista, por muitos alunos, como uma instituição que “não fala a sua língua”.

Certamente que “falar a língua dos alunos” não se resume à criação de objetos de aprendizagem, o ensino que busque encontrar o máximo de sentido e significado possível deverá lançar mão de propostas que estejam atreladas ao universo dos educandos. Nós professores não podemos manter uma postura intransigente e egocêntrica que desconsidera os saberes, conceitos, representações formadores dos esquemas cognitivos dos alunos, como o eram, em grande medida, as investigações do modelo pedagógico processo-produto que “dominou o panorama da pesquisa norte-americana sobre o ensino nas décadas de 60 e 70” (GARRIDO, 2001, p. 126). Muito menos devemos entender os saberes prévios dos alunos como ideologia que inviabiliza a construção da sua verdade, a benesse está, justamente, nos caminhos diversos possibilitadores de diferentes elaborações e reelaborações de forma contínua, devido às peculiaridades próprias do aprendiz que o transformam.

Levar em consideração o meio social no qual os alunos estão inseridos, as condições econômicas, políticas, sociais e culturais ao invés de ignorá-las são à base de uma política escolar bem sucedida. Afinal só teremos avanço no conhecimento com divergências e olhares diferentes para uma mesma questão viabilizada pelos distintos pontos de partida. Temos que alterar a maneira como enxergamos as variantes; estruturas cognitivas dissemelhantes e diversificadas na construção dos saberes, formam a certeza do avanço intelectual. A multiplicidade de conhecimentos e de ambientes de conhecimento vai ao encontro da heterogeneidade observada e exigida por nossa sociedade.

Os conhecimentos dos alunos não podem ser tomados pelos professores como ilegítimos e heréticos, devemos adotar uma postura inversa, a de valorização dos saberes prévios, pois, indubitavelmente, os alunos não são tabula rasa que se apropriam sem questionamentos e conflitos do que lhes é proposto pelo docente (aprendizagem extrínseca). Como adverte Garrido:

O caminho é mais complicado. Diante de um novo conhecimento, inconsistente com seus conceitos e crenças, o sujeito assimila-o, distorcendo seu significado e enquadra-o à sua visão de mundo, ou, então, dá início à reformulação ou reestruturação de suas ideias e esquemas cognitivos prévios, aperfeiçoando-os e tornando-os mais operativos e abrangentes, do modo a poder abarcar, com coerência, a diversidade da nova informação (GARRIDO, 2001, p. 128).

Não obstante o caminho escolhido pelo aluno, o da distorção ou o do aperfeiçoamento – é evidente que desejamos o do aperfeiçoamento -, cabe salientarmos, por ora, o valor do conhecimento prévio no processo de formulação do conhecimento articulado. Na construção desse conhecimento, o professor assumirá papel imprescindível na condução dos questionamentos, no trânsito entre o saber não sistematizado e o saber sistematizado, criando analogias e pontes que façam os alunos pensarem e desenvolverem relações entre a problemática proposta e a realidade, ressignificando e reestruturando suas próprias ideias. A ênfase no termo condução deve-se ao papel mediador que terá o professor, pois ao invés de pensar pelos educandos ele deverá favorecer a autonomia intelectual, “preparando-os para atuar de forma competente, criativa e crítica como cidadãos e profissionais” (GARRIDO, 2001, p. 131).

Essa perspectiva construtivista adotada em nosso trabalho como referencial para a discussão dos processos de ensino-aprendizagem está, diretamente, relacionada aos cuidados que tivemos na elaboração do nosso OA, bem como a forma que compreendemos a educação: “produção de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 2003, p. 141). Tal forma de entender a educação fundamenta-se, sobretudo em um constante exercício de adaptação ao real haja vista a sua mutabilidade e a necessidade de interpretá-lo para manter-se emancipado, consciente (ADORNO, 2003, p. 143).

No que diz respeito aos cuidados que tivemos na elaboração do OA, a nossa defesa, no que se refere a sua plausibilidade, está sustentada por dois motivos principais: a) a dinâmica digital do mundo contemporâneo; e b) a interatividade do OA que desenvolvemos.

É notável a relação cada vez mais acentuada do ser humano com as mídias digitais em nossa sociedade. O ambiente escolar e, principalmente, os professores não podem negligenciar isso permanecendo, exclusivamente, com suas práticas que, em grande medida, não valorizam e não possibilitam a inserção das tecnologias digitais em sala de aula. Afinal, como salienta Liliana M. Passerino “a tecnologia nos permite, assim, visualizar, conhecer e experimentar fenômenos de formas diferentes apresentando o conhecimento desde perspectivas diferenciadas” (PASSERINO, 2010, p. 65). Acreditamos, assim como Passerino, na capacidade da tecnologia de mediatizar a experiência com o conhecimento e com a sua construção, possibilitando aos seus usuários novos ambientes e formas de concebê-lo. Sem dúvidas, a criação de novos caminhos de aprendizagem é a principal contribuição da informática para a educação.

Nesse sentido, “a questão não é se devemos usar ou não a tecnologia na educação, senão analisar como fazer melhor uso dela num mundo globalizado e diversificado para o desenvolvimento sócio-cognitivo de nossos alunos” (PASSERINO, 2010, p. 61).

No que se refere ao melhor uso da tecnologia na educação, a interatividade na qual foi respaldado nosso OA, deveu-se ao cuidado que tivemos em maximizar as potencialidades da mídia ao invés de reduzi-la a um meio de mecanização da informação ou, como enfatiza José Armando Valente (1999, p. 8), de “automatização da instrução”; contribuindo, dessa forma, para a condição de passividade do aluno sem promover uma relação afetiva e estimulante entre o aluno/usuário e o objeto de aprendizagem.

A escolha em ter desenvolvido um jogo como objeto de aprendizagem fundamentou-se, justamente, na nossa inquietação em possibilitar maior interação entre o usuário e o objeto de aprendizagem sem reduzir o usuário/jogador a movimentos pré-definidos, mas possibilitá-lo autonomia e criatividade durante o *game*. No jogo trabalhamos o valor político atribuído às relíquias na Península Ibérica medieval, a rivalidade na qual estavam envolvidas as duas mais importantes Igrejas do noroeste ibérico: Santiago e Braga, além características normativas e hierárquicas presentes nas sociedades medievais.

5.2 A criação de ambientes de aprendizagem digitais: a escolha pela autonomia do educando

Acreditamos que o processo de ensino-aprendizagem deva ser uma construção na qual o aluno assuma papel preponderante e ativo sob a supervisão e orientação do professor. Isto tem por consequência adotarmos o construtivismo como referencial teórico por ir ao encontro das nossas convicções. Não acreditamos que os modelos que privilegiam a reprodução do conhecimento, ou a simples instrução do aprendiz possibilitam o desenvolvimento da sua autonomia intelectual e a esperada emancipação da qual escrevem Adorno e Becker na obra *Educação e Emancipação*.

A emancipação, ou a “produção de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 2003, p. 141), dá-se por constante e incessante adequação à realidade. Sendo essa mutável, complexa e heterogênea não podemos advogar que o ensino de caráter instrucionista, enciclopédico e mecânico possibilite a formação de cidadãos capazes de exercerem as funções que lhe são cabidas.

Como apregoa o educador espanhol César Coll Salvador (1994, p. 152), a realidade é complexa e múltipla, para adaptarmos-nos a ela, no concernente aos processos de ensino-aprendizagem, devemos saber lidar com diversos fatores além do estabelecimento, junto aos alunos, de relações ‘substantivas e não arbitrarias’ entre o assunto/objeto estudado e os referenciais por eles já construídos (aprendizagem intrínseca). Segundo Coll Salvador:

[...] a percepção que o aluno tem da escola, do professor e das suas atuações; as suas expectativas perante o ensino, as suas motivações, crenças, atitudes e atribuições; as estratégias de aprendizagem que é capaz de utilizar, etc. Definitivamente, tudo parece indicar que o aluno constrói significações ao mesmo tempo que atribui um sentido ao que aprende, de tal maneira que as significações que finalmente constrói a partir do que lhe é ensinado não dependem só dos conhecimentos prévios que possua e do seu colocar em relação com o novo material de aprendizagem, mas também do sentido que atribui a este e à própria atividade de aprendizagem” (COLL SALVADOR, 1994, p. 152).

Nesse sentido, o jogo que desenvolvemos levou em conta essas preocupações salientadas por Coll Salvador e que podem ser sintetizadas, junto ao educador, em três pontos: 1) significância lógica; 2) significância psicológica; 3) atitude favorável. O primeiro ponto remete-nos ao significado do conteúdo por si só, isto é, a sua estruturação deve ser lógica para o aluno. Já o segundo ponto, se relaciona à capacidade do aluno de estabelecer vínculos entre os seus conhecimentos prévios e o conteúdo abordado. Por fim, a última condição para uma aprendizagem, potencialmente, significativa depende do valor que o aluno atribui ao conhecimento, ao processo de aprendizagem, se dispendo ou não a relacionar o novo conteúdo com o que já conhece (COLL SALVADOR, 1994, p. 150-1).

As duas primeiras condições foram menos complexas de serem resolvidas ao passo que a terceira fica em aberto por depender de fatores que escapam, de alguma maneira, às mãos do professor. É evidente que o ensino no ciberespaço tende a se tornar mais atrativo para as gerações NET e NEXT, todavia se não houver interesse e motivação por parte dos aprendizes o meio virtual se mostrará ineficaz, pois “os meios ou ferramentas que constituem a mediação não produzem o significado nem a aprendizagem, que é algo próprio da ação de cada indivíduo, porque uma ferramenta ou um meio apenas possui uma ação na medida em que os indivíduos o usam” (MARTINS & MOSER, 2012, p. 12). No entanto, cabe ao docente promover estímulos que motivem

seus alunos para além da memorização mecânica e repetitiva, isto é, ele deve criar possibilidades para o estabelecimento de múltiplas e variadas conexões entre os seus saberes prévios e os saberes articulados levando em conta a dimensão cultural em que o aluno está inserido.

As mídias digitais, de uma forma geral, se mostram propiciadoras de novos caminhos e ambientes de aprendizagem colaborando, sobretudo na construção de um ensino mais dinâmico, no qual o aluno possui papel, normalmente, ativo devido ao caráter inerente da interatividade, intermediada pela tecnologia, entre o aprendiz e o conhecimento. Segundo Onilza Borges e Alvino Moser (2012, p. 10) “toda ação humana supõe mediação, do mesmo modo a aprendizagem se faz com a mediação semiótica ou pela interação com o outro, na interação social, na qual as palavras são empregadas como meio de comunicação ou de interação”. Esse caráter mediado de toda ação humana, no que se refere aos processos de ensino-aprendizagem, se tornam ainda mais potencializados nos meios digitais, principalmente, naqueles em que o usuário é protagonista devendo interagir com o objeto de aprendizagem para lograr nas tarefas e/ou proposições que lhes são postas.

Ao professor cabe formar-se continuamente tendo em vista as exigências mediacionais para o estabelecimento efetivo da comunicação. O conteúdo deverá ser trabalhado de forma criativa para explorar os mais variados recursos que estão disponíveis. O saber manipular os instrumentos de mediação e o desenvolvimento de ambientes de aprendizagem que levem em conta a percepção que os alunos têm do que lhes é ensinado, constituem-se os velhos e atuais desafios da atividade docente (MARTINS; MOSER, 2012, p. 18).

5.3 Desenvolvimento do objeto de aprendizagem

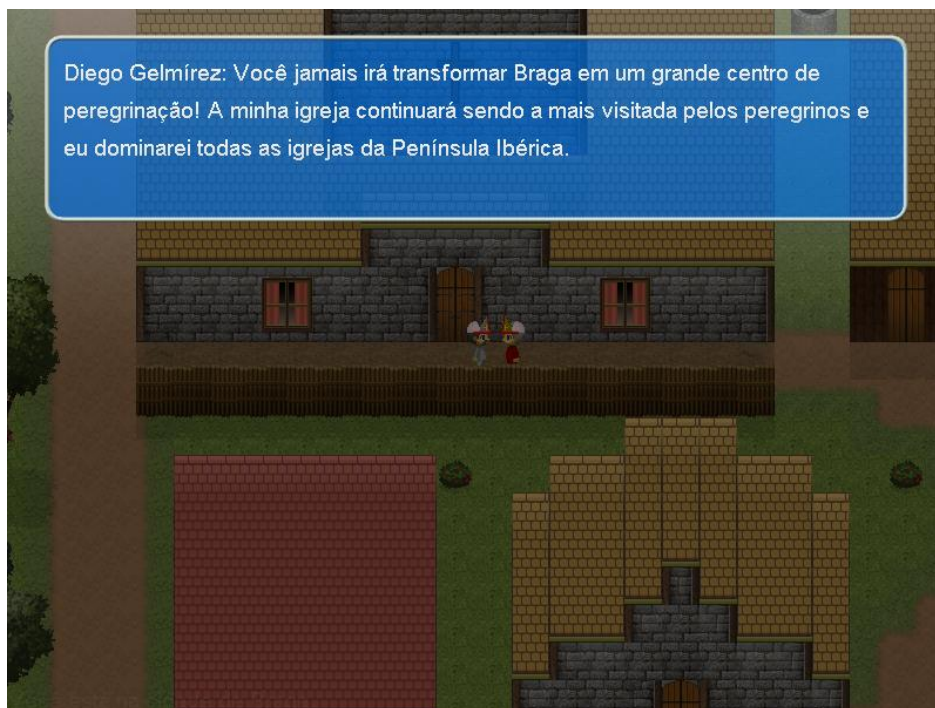
Para a construção do objeto de aprendizagem digital utilizamos o software *001 Game Creator* que começou a ser desenvolvido em 2001 por dois colegas: Pierre e Mike.¹⁸⁶ Tal programa possui uma versão que está disponível na *Web* para *download* gratuitamente. A escolha por esse software para além da sua disponibilidade sem custo deveu-se, principalmente, a sua compatibilidade aos nossos propósitos e também por não exigir conhecimento específico em programação. Os projetos podem ser

¹⁸⁶ Cf. <http://www.engine001.com/hist%C3%B3ria.htm>. Acesso em: 30/05/15.

desenvolvidos de forma lógica e intuitiva em uma plataforma de interface agradável que atende em grande medida, as demandas do usuário. A liberdade de criação sem a necessidade de escrever códigos é uma das principais qualidades do *001 Game Creator*.

Tendo como referência o relato da *Historia Compostelana* que narra o furto de relíquias levado a cabo por Diego Gelmírez em princípios do século XII, desenvolvemos o jogo – *Em busca das relíquias* - com o intuito de trabalhar com os alunos a importância dada no período medieval a esses objetos sagrados. Pois, além de possuírem poderes taumaturgicos, as relíquias eram objetos de poder, possuí-las implicava em soberania diante das demais Igrejas, sobretudo no que se referiam às peregrinações.

Ilustração 1 – *Em busca das relíquias*

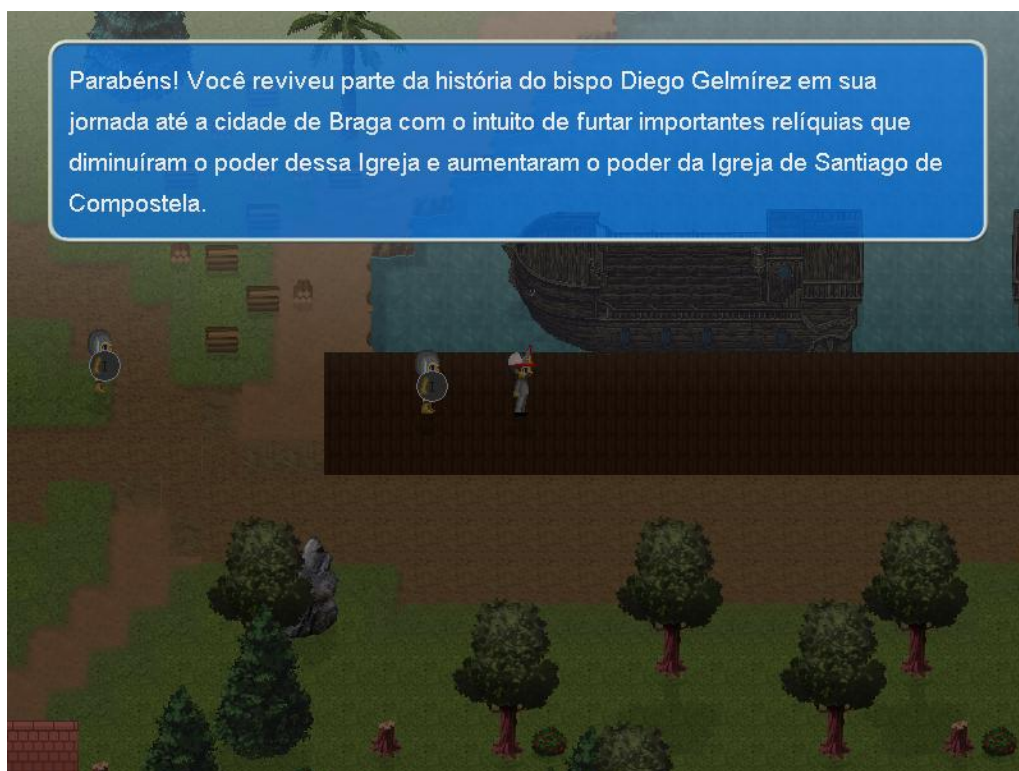


Fonte: Do autor

Para compreendermos o valor das relíquias torna-se preciso entender o seu caráter divino, os homens medievais partilhavam da ideia de que o santo participa da substância divina, pois Deus nele se faz presente. Nesse sentido, não importa que sejam pequenos fragmentos ou o corpo inteiro do santo haja vista que a substância divina é indivisível. Possuir relíquias, portanto, é possuir receptáculos do sagrado; é ter a possibilidade do contato constante com o mundo espiritual e rogar a Deus em seu benefício.

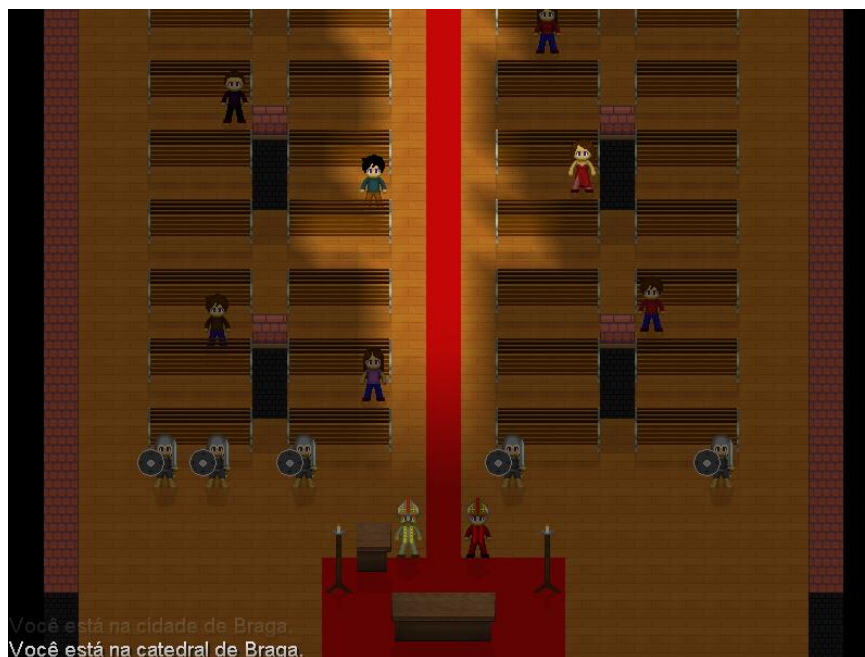
Como exemplo do valor político das relíquias, abordamos no jogo pontos que deixem evidentes as intenções do bispo compostelano Diego Gelmírez (1101-1140) com a realização do furto das relíquias de Braga que visava diminuir o poder dessa Igreja em enaltecimento da sua sé. Gelmírez, segundo narra a *HC*, buscava alcançar dignidades para a Igreja de Santiago e o seu maior objetivo naquele momento era o de lograr a dignidade metropolitana que pertencia à diocese bracarense.

Ilustração 2 – *Em busca das relíquias*



Fonte: Do autor

Além disso, apresentamos no jogo traços hierárquicos presentes nas sociedades medievais, como pode ser observado na organização dos espaços dentro da igreja de Braga na qual os cavaleiros estão na primeira fila.

Ilustração 3 – *Em busca das relíquias*

Fonte: Do autor

Acreditamos que com a criação de ambientes de aprendizagem digitais também contribuiremos para que *a posteriori* os alunos venham a elaborar outros recursos virtuais, compreendendo, substancialmente, a capacidade de construir conhecimento por meio da tecnologia e não apenas tomando-a como apêndice no desenvolvimento de trabalhos.

5.4 Proposta de utilização do jogo

O objeto de aprendizagem que desenvolvemos teve como foco os alunos do 1º ano do Ensino Médio, no entanto, acreditamos ser possível a sua utilização em outras séries. A escolha pelo primeiro ano deve-se a estar programado nos livros didáticos o conteúdo Idade Média, período histórico que está circunscrito o nosso objeto de estudo e, por consequência, o nosso objeto de aprendizagem.

A utilização prática do jogo em sala de aula poderá ser feita quando o professor estiver discutindo, junto à classe, sobre o poder da Igreja no período medieval e os elementos sustentadores do seu poder nos mais diversos âmbitos e aspectos. A título de exemplo, o livro didático *História Global* de Gilberto Cotrim usado na Escola Estadual Dr. Napoleão Salles em Alfenas-MG pelos alunos do 1º ano de Ensino Médio, possui

um capítulo intitulado *Igreja e Cultura Medieval* que se adéqua e possibilita o uso do nosso material de aprendizagem.

Quando fizer uso do jogo *Em busca das relíquias* o professor deverá problematizar e esclarecer, junto aos seus alunos, as relações de poder que permeiam o mundo medieval no âmbito eclesiástico-político. As relações entre o poder temporal e o espiritual atravessam toda a Idade Média, sendo problemáticas constantes nos trabalhos historiográficos. A viagem empreendida pelo bispo Diego Gelmírez até Braga deve ser entendida como um meio encontrado para o fortalecimento da Igreja que governava. Tais discussões, certamente, contribuirão para que os alunos desenvolvam uma capacidade de percepção crítica e histórica da Igreja Medieval e do Cristianismo como um todo, o que, conseqüentemente, fornecerá aos educandos subsídios para a compreensão da sociedade ocidental contemporânea que, guardada as proporções em relação ao medievo, é pautada, em grande medida, pelo paradigma cristão, principalmente, no referente às crenças, valores e fé. Ademais, o próximo capítulo foi preparado para servir de apoio ao professor no uso do jogo trazendo uma breve contextualização histórica, os objetivos do *game*, materiais para consulta e proposta de atividades.

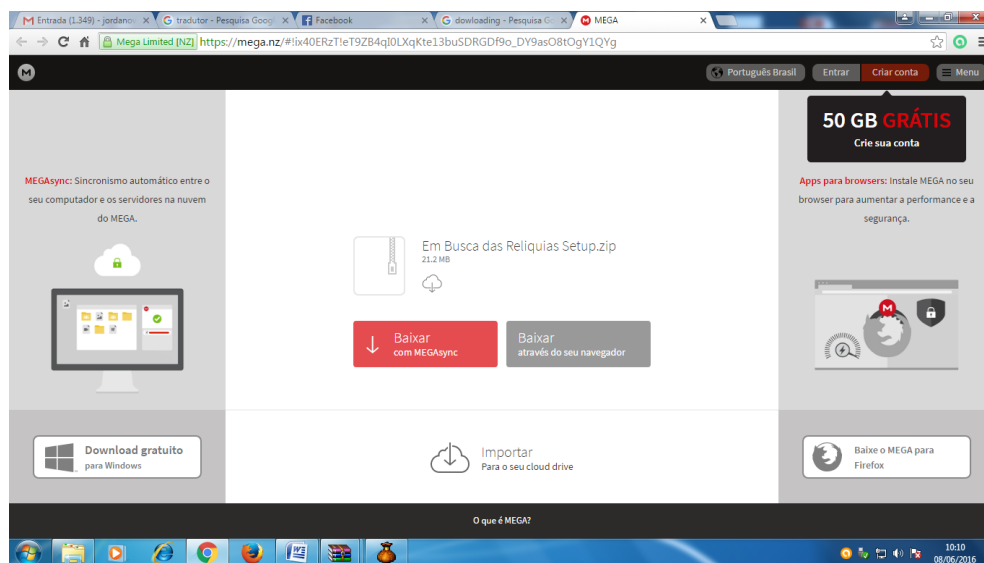
5.5 Link de acesso e instruções para baixar o jogo

Para baixar o jogo *Em busca das relíquias* o primeiro passo é pressionar o botão *Ctrl* ao mesmo tempo em que clicar, com o botão esquerdo do *mouse*, no sítio indicado abaixo.

Link: https://mega.nz/#!ix40ERzT!eT9ZB4q!0LXqKte13buSDRGDf9o_DY9asO8tOgY1QYg

Feito isto abrirá a seguinte página no seu navegador:

Ilustração 4 – Download

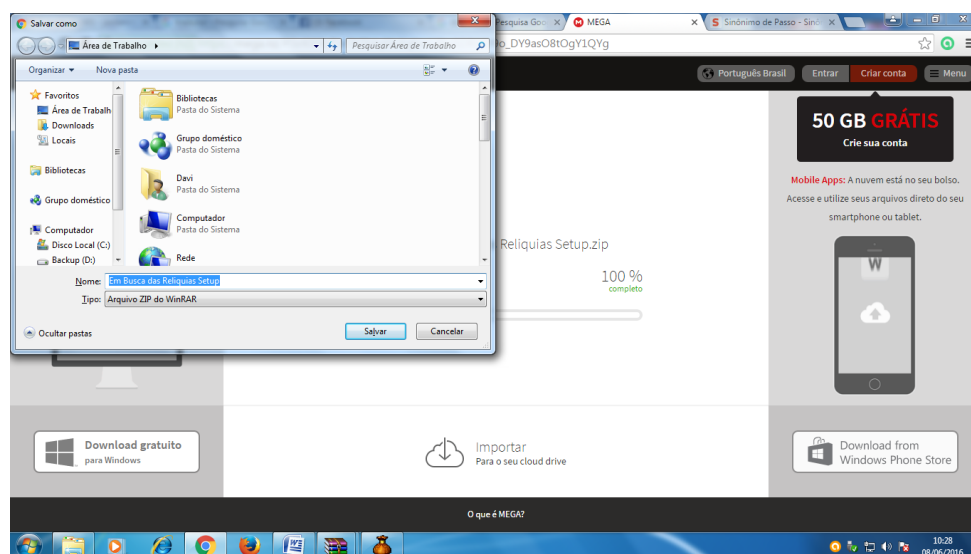


Fonte: Do autor

Utilizamos a plataforma *MEGA* para depositar o jogo devido à segurança e rapidez, além do seu fácil manuseio. O próximo passo para o *download* é clicar com o botão esquerdo do *mouse* em *Baixar através do seu navegador* e aguardar até que o jogo seja completamente baixado.

Após o término do *download* selecione o local em que deseja salvar o jogo e clique com o botão direito do *mouse* em salvar

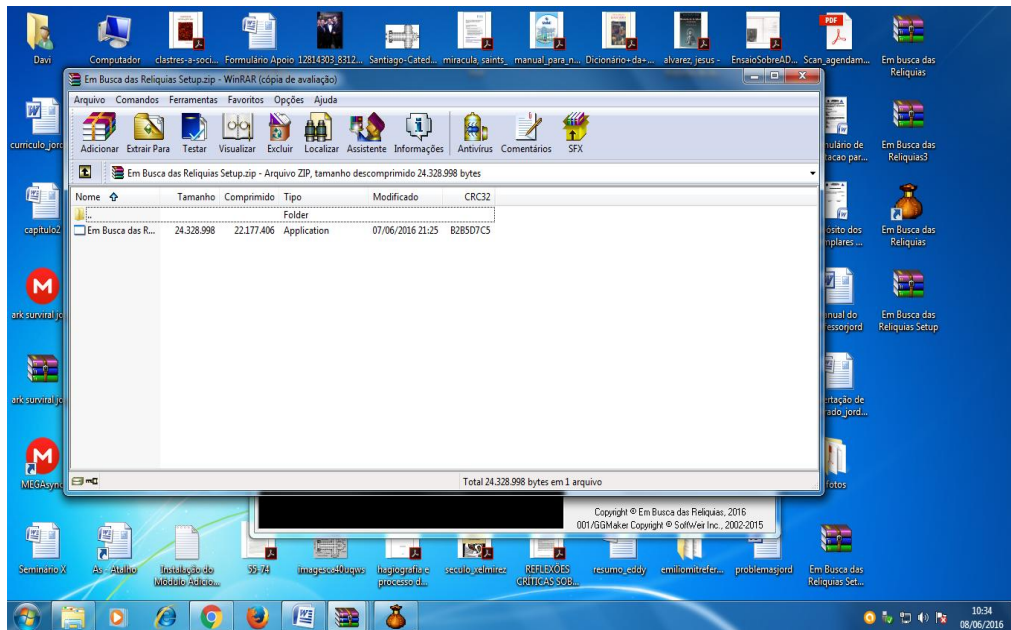
Ilustração 5 – Download



Fonte: Do autor

O próximo passo é fazer a instalação do jogo. Para isso dê dois cliques com o botão esquerdo do *mouse* no arquivo *Em busca das relíquias* e depois clique outras duas vezes no link *Em busca das relíquias* que está dentro da pasta, como podemos observar na imagem abaixo.

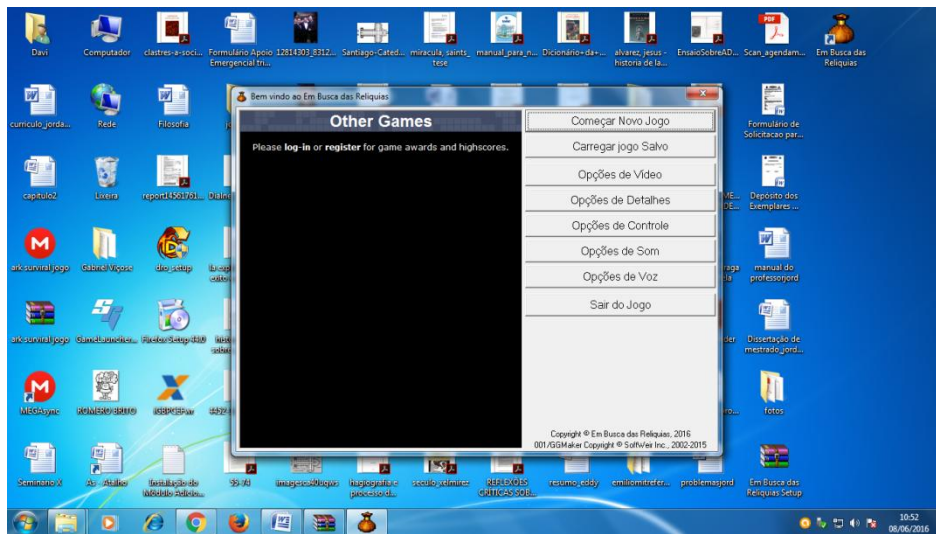
Ilustração 6 – Download



Fonte: Do autor

Na sequência clique com o botão direito do *mouse* em *Next* para avançar no processo de instalação do jogo e clique, mais uma vez com o botão direito, em *Install* para completar a instalação. Doravante clique em *Next* e *Finish* para terminar a instalação e começar a jogar.

Ilustração 7 – Download



Fonte: Do autor

6 MANUAL DO PROFESSOR: IDEIAS E POSSIBILIDADES

Este manual foi elaborado com o intuito de fazermos uma sucinta contextualização histórica do ambiente no qual o objeto de aprendizagem *Em busca das relíquias* foi inspirado, bem como destacar os objetivos do jogo e também disponibilizar materiais bibliográficos para a consulta do professor. Acreditamos que isto contribuirá na melhor utilização do *game* e na preparação da aula dedicada a explorá-lo.

6.1 *Em busca das relíquias*: uma breve contextualização histórica

O jogo *Em busca das relíquias* foi inspirado no furto de relíquias realizado pelo então bispo da Igreja de Santiago de Compostela, Diego Gelmírez (1101-1140), no ano 1102. Gelmírez, junto a um grupo de religiosos, se dirigiu até a cidade de Braga sob a suposta justificativa de que iria visitar as terras pertencentes juridicamente a sua sé. No entanto, depois de ser recebido pelo arcebispo de Braga, Geraldo de Moissac (1096-1108), o bispo de Santiago iniciou suas andanças tendo em vista afanar as relíquias de importantes santos como são Frutuoso¹⁸⁷, são Silvestre¹⁸⁸, são Cucufate¹⁸⁹ e santa Susana¹⁹⁰.

Naquele momento, a catedral jacobéia era um dos mais importantes e visitados santuários da cristandade por possuir as relíquias do apóstolo Tiago, o maior. A transladação de mais corpos santificados era, por um lado, mais um incentivo às peregrinações devido à premissa de que quanto mais relíquias em uma igreja maior é a sua energia divina e, por conseguinte, aumentam as possibilidades de se alcançar a graça pedida e, por outro, inibia as pretensões do arcebispo Geraldo de transformar Braga em um centro de peregrinações que rivalizaria com Compostela.

¹⁸⁷ Viveu durante o século VII no reino Visigodo. A sua origem no clero regular permitiu que após a sua morte fosse redigido a *Vita Sancti Fructuosi*. Nela temos ensinamentos de aspectos da vida monástica praticados pelo santo. Frutuoso também construiu uma igreja no entorno de Braga na qual estavam suas relíquias até serem furtadas pelo bispo Diego Gelmírez, em 1102.

¹⁸⁸ Foi Papa entre os anos 314 e 335, portanto no período em que Constantino governava Roma e punha fim às perseguições aos cristãos. Um dos eventos mais importantes do seu pontificado foi o concílio de Nicéia em 325 no qual foi rejeitada a doutrina do bispo Ario e formulado o *Credo Niceno*. Foi um dos primeiros santos a ser canonizado sem o padecimento do martírio.

¹⁸⁹ Nasceu na província romana de Cartago por volta do ano 270 e pregou o cristianismo, principalmente, na região da Catalunha, onde se crê que foi executado.

¹⁹⁰ Recebeu o martírio por volta do ano 293, pois se recusava a casar devido ao voto de castidade que havia feito.

As relações conflituosas ditaram o tom, em grande medida, entre a Igreja de Santiago e a Igreja de Braga durante o bispado e o arcebispado de Dom Diego. A sé bracarense, no início do século XII, possuía o controle da província eclesiástica que Compostela integrava devido a sua condição de metropolitana. As rusgas eram movidas, sobretudo pela ambição de Gelmírez em conseguir distinções eclesiásticas que o projetassem em solo ibérico e, na contramão disso, a busca dos arcebispos de Braga na manutenção do *status quo*.

As relíquias, especialmente as de santos importantes, como as que foram furtadas de Braga, eram objetos de poder não apenas pelas suas potenciais intercessões miraculosas, mas pela projeção que forneciam aos seus detentores diante das demais Igrejas, principalmente, no que se referiam às peregrinações; e, sendo o ato de peregrinar uma atividade, extremamente, presente nas sociedades medievais, a importância das igrejas mais visitadas aumentava sobremaneira, resultando a elas insígnias eclesiásticas garantidoras de superioridade e soberania outorgadas desde Roma, mas patrocinadas e fomentadas por interesses locais. A ascensão eclesiástica da Igreja de Santiago de Compostela, na primeira metade do século XII, é exemplar a esse respeito como pode ser mais bem analisado nesta dissertação.

Não obstante, para compreendermos o valor atribuído às relíquias no mundo medieval, torna-se preciso entender o seu caráter divino. Os cristãos partilhavam da ideia de que o santo participa da substância divina, pois Deus nele se faz presente. Nesse sentido, não importa que sejam pequenos fragmentos ou o corpo inteiro do santo haja vista que a substância divina é indivisível. Possuir relíquias, portanto, é possuir receptáculos do sagrado; é ter a possibilidade do contato constante com o mundo espiritual e rogar a Deus em benefício.

Essa característica taumatúrgica das relíquias se complementa com a importância eclesiástica e política que conferiam às igrejas guardiãs, o furto das relíquias de Braga se enquadra dentro dessa perspectiva de busca pelo poder espiritual, mas, principalmente, político-eclesiástico no qual Diego Gelmírez almejava ser protagonista.

6.2 Objetivos do jogo

O jogo *Em busca das relíquias* tem como principais objetivos:

- a) Compreender o valor atribuído às relíquias na Península Ibérica Medieval cristã;
- b) Entender as disputas político-religiosas envolvendo a Igreja de Santiago de Compostela e a Igreja de Braga;
- c) Apresentar características normativas e hierárquicas que estruturavam as sociedades medievais;
- d) Estimular os alunos a também construírem ambientes de aprendizagem digitais.

6.3 Materiais para consulta

Parte dos materiais citados a seguir está disponibilizada no link: <https://drive.google.com/open?id=0BwfgifBQhy9sb0dKbHE1NWQ3dXc>. Acreditamos que isso facilitará e agilizará a vida dos professores haja vista o escasso tempo que possuem em virtude das longas jornadas de trabalho.

No endereço do sítio indicado está a parte da obra *Historia de la Iglesia II: Edad Media* de José Sánchez Herrero dedicada ao desenvolvimento do culto aos santos no Ocidente. Também consta, no endereço, o relato da *Historia Compostelana* que narra o furto de relíquias engendrado por Diego Gelmírez, além do capítulo *Desenvolvimento de habilidades em tecnologias da informação e comunicação (TIC) por meio de objetos de aprendizagem* que ajudará o professor a entender melhor o que são objetos de aprendizagem e, igualmente, estimulará-lo no desenvolvimento de ambientes digitais voltados ao ensino.

Disponibilizaremos ainda os artigos *As sedes de Braga e Compostela e a restauração da metrópole galaica* de Luís Carlos Amaral e *La piedad ímpia: sobre el uso político del culto a las relíquias* de Ermelindo Portela Silva que servirão de apoio na contextualização e análise do furto de relíquias (*pium latrocinium*). Apesar de não termos a possibilidade de disponibilizar, indicamos, outrossim, para a leitura as obras *Uma história do roubo na Idade Média* do professor Marcelo Cândido da Silva e *Furta Sacra: Thefts of Relics in the Central Middle Ages* de Patrick J. Geary por se tratarem de dois importantes estudos sobre o roubo na Idade Média.

6.4 Proposta de avaliação dos alunos

1) Observe os mapas a seguir e na sequência faça o solicitado:

Mapa 01 – Península Ibérica



Mapa 02 - Galiza



Disponível em: <http://aprenderbrincando.no.sapo.pt/localizacao.htm>

Disponível em: <http://blogelmaestro.es/santiago-de-compostela/>

Mapa 03 – Santiago de Compostela - Braga



Disponível em: <https://acaminhodesantiago.wordpress.com/o-caminho/>

- Circule no *mapa 01* a região da Galiza.
- Em qual país, atualmente, localiza-se a cidade de Santiago de Compostela? E a cidade de Braga?
- Junte-se com dois colegas e pesquisem: 1) a distância entre a cidade de Santiago de Compostela e Braga e 2) os aspectos geográficos (hidrografia, vegetação e clima) da Galiza.

- 2) O que é peregrinação e quais eram os objetivos dos peregrinos?
- 3) Compare o significado do termo peregrino no mundo antigo e medieval.
- 4) Discuta com seu professor e colegas o que se entende por uma vida santa tomando como referência a religião cristã.
- 5) Leia o trecho a seguir e responda o solicitado.

“(…) o culto dos santos se fundamenta na ideia de que as almas dos justos estão próximas a Deus, na intimidade de Deus, desde antes da ressurreição. Seu corpo terrestre [do santo] permanece depois da sua morte impregnado da substância divina ativa, de *virtus*, que possibilita os numerosos milagres que ocorrem em suas tumbas. Pouco importa que se trate do seu corpo inteiro ou de umas cinzas, o santo está por inteiro em suas relíquias porque a substância divina é indivisível” (SÁNCHEZ HERRERO, 2005, p. 56).

- a) Aponte três características para uma pessoa ser santificada, de acordo com a religião cristã.
 - b) Explique o que são relíquias de santos e quais eram/são as suas funções?
 - c) Atualmente, as pessoas ainda acreditam em relíquias religiosas e nos seus potenciais milagres? Por quê?
- 6) Tendo como referência o jogo *Em busca das relíquias* e as discussões feitas em sala reúna-se com dois colegas e juntos respondam as questões:
- a) Apresente as justificativas dadas pelo bispo de Santiago, Diego Gelmírez, para furtar as relíquias de Braga.
 - b) Explique os motivos pelos quais para o bispo Diego Gelmírez, era tão importante lesar a Igreja de Braga por meio do furto de relíquias.
 - c) Justifique a importância de são Frutuoso para os cidadãos de Braga.
 - d) Descreva sobre as pretensões de Diego Gelmírez com o furto das relíquias bracarenses.

7 CONCLUSÃO

A latinização da liturgia dos reinos ibéricos baixo às coroas Castela-Leão promovida pela monarquia alfonsina, mostrou-se um caminho para a integração da Península Ibérica, assim como o Caminho de Santiago, à Europa ultra-pirenaica. Os contatos estabelecidos, sobretudo a partir de finais do século XI, alteraram sobremaneira o panorama inextricavelmente regional no qual a *Hispânia* estava envolvida. A análise do processo da latinização litúrgica fez com que percebêssemos, particularmente, a guinada nas relações entre a Igreja de Santiago de Compostela e a Igreja de Roma.

O ano 1080 foi fundamental para deslanchar e fortalecer os contatos entre o monarca Alfonso VI (1072-1109) e o bispo de Roma, Gregório VII (1073-1085). No concílio celebrado na cidade de Burgos, determinou-se não só a latinização litúrgica dos territórios comandados pelo rei, mas também se deu um importante passo para a garantia da sua legitimidade. Em virtude das lutas pela sucessão que se intensificaram, declaradamente, após a morte de Fernando I (1037-1065), Alfonso carecia de apoios que lhe dessem prestígio e sustentação de modo a fortificá-lo enquanto *rex*.

Alfonso conseguiu, além do patrocínio vindo desde o Lácio, o favorecimento de grande parte dos bispados sob sua jurisdição. A elaboração de uma complexa rede de vínculos na qual o rei doava senhorios em troca da aprovação e ajuda dos bispos contribuiu para garantir o seu governo e a manutenção do *statu quo* da monarquia. Resolvida essas questões de ordem sucessória, Alfonso pode se dedicar nas campanhas militares em busca da expansão dos limites territoriais dos seus reinos, bem como no consequente incentivo à povoação das regiões recém-conquistadas por cristãos.

O monarca também foi um dos principais responsáveis pela criação do *iter francigenum* ligando Roncesvalles a Compostela nas décadas finais do século XI. A legislação alfonsina amparava e protegia os peregrinos que se deslocavam ao encontro das relíquias do apóstolo Tiago, como também incentivava a permanência de mercadores, artistas e artesãos ao longo do Caminho para povoarem os territórios conquistados às expensas dos muçulmanos.

O Caminho de Santiago contribuiu significativamente para a transformação da igreja de Compostela em um dos santuários mais visitados da cristandade ao lado de Roma e Jerusalém. O norte da Península Ibérica, cortado pelo Caminho, experimentou o desenvolvimento de núcleos urbanos e comerciais que proporcionaram riquezas fabulosas com as quais pode contar a diocese compostelana em suas atividades cujo

principal fim era o de exaltar e engrandecer, de todas as maneiras possíveis, o culto ao apóstolo Tiago e a sua catedral.

Nesse sentido, a Igreja de Santiago de Compostela foi devedora, em sua ascensão eclesiástica verificada na primeira metade do século XII, de uma conjuntura político, econômica, social e religiosa favorável. Todavia, a combinação desses fatores tão somente foi profícua pelas articulações meticulosas que engendrou o primeiro arcebispo compostelano Dom Diego Gelmírez (1101-1140). Gelmírez, sempre soube, desde as suas primeiras administrações do senhorio de Santiago, onde queria ir, no entanto, o como chegar foi ocasionado por uma complexa multiplicidade de experiências que deram possibilidades reais as suas pretensões.

O caminho à frente da diocese de Compostela foi longo, cerca de quatro décadas, e as suas primeiras atitudes como bispo evidenciaram a sua política de exaltação do apóstolo Tiago e do seu culto como meio para a glória da catedral compostelana e, por consequência, a sua. É claro que para obter êxito em tamanha empresa não foram poucas as invectivas sofridas e nem tampouco insignificantes as negociações e acordos que teve de estabelecer. Gelmírez foi um exímio articulador político e a sua liderança em importantes conquistas atesta isso.

O bispo compostelano reuniu em seu favor um séquito de religiosos nos quais confiava inteiramente, assim como membros proeminentes da aristocracia galega. A delegação de importantes missões a clérigos da catedral e a parceria (por vezes conflituosa como não poderia deixar de ser tratando-se de dois grandes senhores) com Pedro Fróilaz, conde de Traba nos dão provas disso. Mais imprescindível ainda era o favor real do qual Diego Gelmírez se valia na busca pelas suas ambições, rendendo-lhe no início do seu pontificado o signo de autoridade do púlpito e o reconhecimento, pelo papa Pascual II (1099-1118), de que as relíquias de Tiago, discípulo de Cristo, jaziam em Compostela.

Os contatos com a cúria romana a partir daí deslancharam. Os bispos de Compostela que, no período anterior a latinização da liturgia, eram vistos como soberbos e arrogantes pelo circuito romano tornaram-se, com Gelmírez, supostamente, servos humildes e fieis. A astúcia nas negociações com os legados papais, com a cúria pontifícia e com o papa respaldadas no *dar, receber e retribuir* foi uma das suas marcas na conquista do arcebispado para a sé compostelana.

Gelmírez foi construindo, durante a sua trajetória, *redes de poder* em diversas instâncias políticas, sejam elas laicas e/ou eclesiásticas, e nos variados níveis sociais

com as quais pode contar na articulação dos seus interesses logrando, em grande medida, os resultados esperados. A autoconfiança era quiçá a sua principal característica. No entanto, os reveses também foram duros, especialmente, com a rainha Urraca que lhe fez temer, em alguns momentos, além de sua condição de senhor e bispo, a própria vida. As tentativas constantes em aprisioná-lo com o intuito de pedir dinheiro pelo seu resgate e/ou de amedrontá-lo e fazê-lo mudar de ideia sobre a possível entronização de Alfonso Raimúndez como rei independente da Galiza foram uma constante durante boa parte da década de 1110 e até mesmo quando ele já era arcebispo.

A falta de coalizão entre Gelmírez e Urraca, bem como as suntuosas quantidades de recursos econômicos exigidos pela rainha junto ao bispo tendo em vista o patrocínio das suas campanhas militares ocasionaram desentendimentos e rixas comprovadas pelos não poucos acordos de paz e amizade assinados entre ambos. A morte de Urraca em 1128 e a posse de Alfonso VII como rei absoluto dos reinos de Castela-Leão não alteraram completamente o panorama. O monarca, assim como sua mãe, exigia colaborações pecuniárias exorbitantes do arcebispo sob a pena de perder o senhorio de Santiago caso não pagasse os valores requeridos.

Todavia, passado os primeiros anos do reinado de Alfonso VII, os desentendimentos se atenuaram e Diego Gelmírez conquistou o favor régio. Tal situação rendeu ao arcebispo o direito de comandar dois importantes postos de governo: a chancelaria régia e a capelania. O primeiro posto Gelmírez outorgou a Bernardo, tesoureiro de Santiago, enquanto o segundo reteve para si. A morte do papa Honório II em 1130 também contribuiu para o bispo compostelano voltar a acreditar em um panorama favorável às suas pretensões em honrar a igreja de Santiago com dignidades maiores e mais importantes. As cartas enviadas tanto por Inocêncio II quanto por Anacleto II pedindo, cada um deles, o apoio de Gelmírez contrastaram com o pontificado de Honório no qual foram poucos e improdutivos os contatos entre a chancelaria papal e arquidiocese de Santiago, renovando-lhe as esperanças.

As disputas envolvendo o sucessor de Pedro que se prolongaram na década de 1130 inviabilizaram mudanças na estrutura eclesial da cristandade. A pretensão de Gelmírez por *algo maior* para a sua sé não pode ser satisfeita. Ademais, após o ano 1135 (ano em que Alfonso foi coroado imperador por Gelmírez) as relações entre Gelmírez e Alfonso declinaram. O rei carecendo de recursos econômicos alimentou até mesmo conluios para destituir o arcebispo de suas funções senhorias-episcopais visando conseguir dinheiro. Apesar de o plano conspiratório não ter ido a diante Dom Diego

temeu por sua vida quando foi duramente apedrejado pelos maquinadores na catedral de Compostela em 1136.

O fim de Diego Gelmírez nos foi privado. A dúvida paira sobre a seguinte questão: foram escritos ou não os capítulos sobre o final da vida de Gelmírez? O professor López Alsina (1989, p. 84) acredita que foram escritos, no entanto, desapareceram, devido, “mais a uma mutilação mal intencionada, do que a um simples azar de conservação do manuscrito”. Quiçá personagens de destaque foram relacionadas e identificadas nominalmente à tentativa de matar o arcebispo. A preocupação em retirar essas páginas que os denunciariam e incriminariam era a garantia da honra preservada na posteridade.

Seja como for, Dom Diego Gelmírez morreu, provavelmente, na primeira metade do ano 1140 e, por conseguinte, os acontecimentos do seu longo pontificado à frente da igreja de Santiago de Compostela, narrados pela *Historia Compostelana*, também tiveram fim.

Além das considerações finais relacionadas ao conteúdo histórico devemos ponderar a conotação pedagógica do nosso trabalho tendo em vista o jogo *Em busca das relíquias* produzido para atender, prioritariamente, ao público escolar. Dessa forma, nós alcançamos com as pesquisas dois produtos: esta dissertação e o objeto de aprendizagem.

A busca por um ensino mais contextualizado que dialogue com as transformações tecnológicas em curso na nossa sociedade, faz-nos acreditar no espaço digital, principalmente, no desenvolvimento de softwares como uma estratégia e importante meio pelo qual podemos construir ambientes de aprendizagem e conhecimento.

A elaboração do jogo *Em busca das relíquias* vai ao encontro dessa crença por considerarmos que o ensino lúdico e, de maneira singular, o de caráter digital que promova a autonomia do aluno tem capacidade de sensibilizar, estimular e transformar os agentes históricos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. A tomada do construtivismo como referencial teórico nos deu a certeza de que não bastava construirmos um objeto de aprendizagem, mas tínhamos que desenvolver um software no qual o conceito de interatividade fosse vislumbrado.

A junção da ideia objeto de aprendizagem e interatividade formaram o nosso norte na elaboração do jogo *Em busca das relíquias*, pois, dessa forma acreditamos ter explorado melhor as capacidades da mídia sem reluzi-la a simples meio de mecanização

da informação. O resultado é a promoção de uma relação mais afetiva entre o aluno/usuário e o objeto de aprendizagem contribuindo, dessa forma, para a abordagem do professor e para uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

Fontes medievais impressas

Historia Compostelana. Introdução, tradução, notas e índices de FALQUE REY, Emma. Madrid: Akal, 1994.

Liber Sancti Iacobi 'Codex Calixtinus'. MORALEJO et. Al. (org.) Reedição X. Carro Otero. Pontevedra: Xunta de Galicia, 1992.

Primera Crónica General de España. MENENDEZ PIDAL, Ramón (ed.). Madrid: Gredos, 1955. v. II.

Edição bíblica consultada

A bíblia de Jerusalém. Tradução das introduções e notas de La Sainte Bible. São Paulo: Paulus, 1985.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. Educação - para quê?. In: ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 139-154.

ALVARO, Bruno Gonçalves. *As veredas da negociação: uma análise comparativa das relações entre os senhorios de Santiago de Compostela e Sigüenza com a monarquia castelhano-leonesa na primeira metade do século XII* / Bruno Gonçalves Alvaro. – 2013. vii, 280 p. (Tese de doutorado).

ALVARO, Bruno Gonçalves. Os caminhos da consolidação senhorial-episcopal Compostelana no século XII. *Mosaico*, v. 6, n. 2, p. 169-179, 2013.

ANGUITA JAÉN, José María. Peregrinatio: la conformación de un concepto, la transformación de una realidad (s.XI). In: MARTÍNEZ-MORÁS, Santiago López; MELÉNDEZ CABO, Marina; PÉREZ BARCALA, Gerardo. *Identidad europea e intercambios culturales en el Camino de Santiago (siglos XI-XV)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2013, p. 151-168.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 127-187.

ARQUERO CABALLERO, Guillermo Fernando. El liber peregrinationis como fuente para la historia del camino de Santiago y de las sociedades medievales del norte peninsular. *Ab Initio*, n. 4, 2011. Disponível em: <<http://www.ab-initio.es/wp-content/uploads/2013/11/0402-codice.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

AYALA MARTÍNEZ, Carlos de. *Sacerdocio y Reyno en la España Altomedieval. Iglesia y poder político en el Occidente peninsular, siglos VII – XII*. Madrid: Sílex, 2008.

BARROS, José D'Assumpção. História Política: dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso e do imaginário. *Revista UFT*, Tocantins, p. 26-40.

BARTHÉLEMY, Dominique. *El año mil y la paz de Dios: la iglesia y la sociedad feudal*. Granada; València: Universidad de Granada: Universitat de València, 2005.

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio*. França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOBBIO, Noberto. *Teoria Geral da Política*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 159-215.

BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. In: BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008, p. 33-38.

BURKE, Peter. *A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiográfica*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1990.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. *Uma história do roubo na Idade Média*. Bens, normas e construção social no mundo franco. São Paulo: Ed. Fino Traço, 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política?. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 37-54.

CERTEAL, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2 ed. Lisboa: Difel, 2002.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado* (artigo). Tradução: Theo Santiago. Data da digitalização: 2004.

COLL SALVADOR, César. Significado e sentido na aprendizagem escolar. Reflexões em torno do conceito de aprendizagem significativa. In: COLL SALVADOR, César. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Tradução Emília de Oliveira Dihel. Porto Alegre: Artmed, 1994, p. 145-159.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 30-45.

FERGUSON, Sinclair B; WRIGHT, David F. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

FLETCHER, R. A. *A vida e o tempo de Diego Xelmírez*. Editorial Galaxia, 1993.

FOCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOGA, César Augusto da Silva. O Homem Medieval: um peregrino por excelência. *Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, v. 9, n. 1, 2014.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História & ensino de História*. – 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANCISCO, José Silva Gomes. A cristandade medieval entre o mito e a utopia. *Topoi*, Rio de Janeiro, dez. 2002, p. 221-231.

GARRIDO, Elsa. Sala de aula: espaço de construção do conhecimento para o aluno e de pesquisa e desenvolvimento profissional para o professor. In: CASTRO, Amelia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de Carvalho (Orgs.). *Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média*. São Paulo: Cengage Learning Editores, 2001, p. 125-141.

GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel. El hombre medieval como “homo viator”: peregrinos y viajeros. In: IGLESIA DUARTE, J. I (Coord.). *IV Semana de Estudios Medievales*, Nájera, 1994, p. 11-30.

GARCIA FITZ, Francisco. *Relaciones Políticas y Guerra*. La experiencia castellano-leonesa frente al Islam. Siglos XI-XIII. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2002.

GEARY, Patrick J. *Furta Sacra*. Thefts of Relics in the Central Middle Ages, Princeton, Princeton University Press, 1978.

GORDO MOLINA, Ángel G. Papado y monarquía en el reino de León. Las relaciones político religiosas de Gregorio VII y Alfonso VI en el contexto del Imperium Legionense y de la implantación de la reforma pontifical en la Península Ibérica. *Studi Medievali*. 3era Serie Anno XLIX Fasc. II. Diciembre 2008. CISAM Spoleto, p. 519-559.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.

LE GOFF, Jacques. *O Deus na Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Una historia del cuerpo en la Edad Media*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2005.
- LOPEZ ALSINA, Fernando. El camino de Santiago: realidad histórica y tema historiográfico. In: IGLESIA DUARTE, J. I (Coord.). *IV Semana de Estudios Medievales*, Nájera, 1994, p. 89-104.
- LOPEZ ALSINA, Fernando et al. (Coord.). *O século de Xemírez*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2013.
- LOYN, Henry R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- MARÍA LACARRA, José. Espiritualidad del culto y de la peregrinacion a Santiago antes de la primera cruzada. In: *Pellegrinaggi e culto dei santi in Europa fino alla 1ª Crociata*. 1963, p. 113-144.
- MARTINS, Onilza Borges; MOSER, Alvino. Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch. *Revista Intersaberes*, v. 7, n. 13, 2012, p. 8-28.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: *Antropologia e Sociologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183-314.
- MENDONÇA, Sonia Regina; FONTES, Virgínia. História e teoria política. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 55-71.
- MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. *Historiografía y Mentalidades históricas en la Europa Medieval*. Madrid: Editora Universidad Complutense, 1982.
- MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. La herejía y la teocracia pontificia. In: *Iglesia, herejía y vida política en la Europa medieval*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 61-90.
- MONTENEGRO, Julia. El cambio de rito en los reinos de León e Castilla según las crónicas. In: MARTÍNEZ SOPENA, Pascual & RODRIGUES, Ana (Orgs.). *La construcción medieval de la memoria regia*. Valencia: Publicaciones de la Universitat de València, 2011. p. 71-86.
- MONTENEGRO, Julia. La alianza de Alfonso VI con Cluny y la abolición del rito mozárabe en los reinos de León y Castilla: una nueva valoración. *Iacobvs* 25-26, 2009, 47-62.
- PASSERINO, Liliana. Apontamentos para uma reflexão sobre a função social das tecnologias no processo educativo. *Texto Digital*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 58-77, ago. 2010.
- RIBEIRO, Daniel Valle. *Igreja e Estado na Idade Média: relações de poder*. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1995.
- ROCHA, Heloisa Vieira da; BARANAUSKAS, Maria Cecília C. *Design e Avaliação de Interfaces Humano-Computador*. Campinas, SP: NIED/UNICAMP, 2003.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.

RUBIO SADIA, Juan Pablo. *Las órdenes religiosas y la introducción del rito romano en la Iglesia de Toledo*, Toledo, 2004, p. 57-68.

RUBIO SADIA, Juan Pablo. El cambio de rito en Castilla: su iter historiográfico en los siglos XII y XIII. *Hispania Sacra*, LVIII, 117, enero-junio 2006, p. 9-35.

RUCQUOI, Adeline. Cluny, el camino francés y la reforma gregoriana. *Medievalismo*, nº. 20, 2010, p. 97-122.

RUCQUOI, Adeline. O caminho de Santiago: a criação de um itinerário. In: *Signum*, v. 9, 2007, p. 95-120.

RUCQUOI, Adeline. Peregrinos medievales. *Tiempo de historia*. Año VII, n. 75 (1 feb. 1981), p. 82-99.

RUCQUOI, Adeline. Santiago de Compostela y Europa: ¿intercambios? ¿identidad?. In: MARTÍNEZ-MORÁS, Santiago López; MELÉNDEZ CABO, Marina; PÉREZ BARCALA, Gerardo. *Identidad europea e intercambios culturales en el Camino de Santiago (siglos XI-XV)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2013, p. 27-50.

RUIZ GÓMEZ, Francisco. El camino de Santiago: circulación de hombres, mercancías e ideas. In: IGLESIA DUARTE, J. I (Coord.). *IV Semana de Estudios medievales*, Nájera, 1994, p. 167-188.

RUIZ MONTEJO, Inés. El Camino a Santiago: andares y devociones de un peregrino del siglo XII según el Liber Peregrinationis. *Revista de Filología Románica*, 2006, anejo IV, p. 103-110.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UNB, 2001.

RUST, Leandro Duarte. À Sombra dos Cardeais: política e hegemonia eclesiástica no cisma papal de 1130. *Scripta mediaevalia*, n. 5, 1, 2012, p. 83-104.

RUST, Leandro Duarte. *Colunas de São Pedro*: a política papal na Idade Média Central. São Paulo: Annablume, 2011.

RUST, Leandro Duarte. Em nome do papa? Um estudo sobre os “agentes do poder pontifício” entre 1070-90. *Territórios e Fronteiras*, v. 1, n. 2, p. 83-100, 2008.

SÁNCHEZ HERRERO, José. *História de la Iglesia*. II Edad Media. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

SCHAFF, Adam. *História e verdade*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Ermelindo Portela. La piedad ímpia: sobre el uso político del culto a las reliquias. In: Silva, Carlos Guardado da. *O Imaginário Medieval*. Edições Colibri, 2014, p. 101-7.

SILVA, Ermelindo Portela. Diego Gelmírez. Los anos de preparación (1065-1100). *Studia Historica: Historia Medieval*, 25, 2007, p. 121-141.

SOUZA, Aguinaldo Robinson de; YONEZAWA, Wilson Massashiro; SILVA, Paula Martins da. Desenvolvimento de habilidades em tecnologias da informação e comunicação (TIC) por meio de objetos de aprendizagem. In: *Objetos de aprendizagem: uma proposta de recurso pedagógico/Organização*: Carmem Lúcia Prata, Anna Christina Aun de Azevedo Nascimento.– Brasília : MEC, SEED, 2007, p. 49-57.

VALDEÓN BARUQUE, Julio. *La Reconquista el concepto de España: unidad diversidad*. Madrid: Espasa-Calpe, 2006.

VALENTE, José Armando. Informática na Educação no Brasil: Análise e Contextualização Histórica. In: VALENTE, José Armando (org). *O computador na sociedade do conhecimento*. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999. p. 1-13.

VAUCHEZ, Andre. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental*. Séculos VIII ao XIII. Lisboa: Estampa, 1995.

VAUCHEZ, Andre. O Santo. In: LE GOFF, Jacques (dir.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989, p. 211-232.

VIDOTE, Adriana; RUI, Adailson José. Caminhos físicos, imaginários e símbolos: o culto a são Tiago e a peregrinação à Compostela na Idade Média. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. vol. 42, 2011.

YZQUIERDO PERRÍN, Ramón. San Vicente de Pombeiro y San Martín de Xubia: dos monasterios benedictinos pertenecientes a Cluny. *Anuario brigantino*, nº. 35, 2012, p. 321-348.